

**UNICESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE**

**SEXUALIDADE ADULTA: UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO DO (A)**  
**PSICÓLOGO (A): DESAFIOS E CONTRADIÇÕES**

**ELIANY REGINA MARIUSSI**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**MARINGÁ - PARANÁ**  
**2013**

**UNICESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ  
PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE**

**SEXUALIDADE ADULTA: UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO DO (A)  
PSICÓLOGO (A): DESAFIOS E CONTRADIÇÕES**

Dissertação de mestrado, apresentado ao Centro Universitário de Maringá (Unicesumar), como requisito a obtenção do título de Mestra em Promoção da Saúde.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Cristina Soares Dias Vermelho

**MARINGÁ - PARANÁ  
2013**

M337 MARIUSSI, Eliany Regina

**Sexualidade Adulta: um Estudo Sobre a Atuação do (A) Psicólogo (A): desafios e contradições.** Eliany Regina Mariussi. Maringá-Pr. UniCesumar, 2013. 118 p.

**Mestrado em Promoção da Saúde**

Orientadora: Sônia Cristina Soares Dias Vermelho

1. Educação Sexual. 2. Sexualidade. 3. Disfunção Sexual Feminina. I.Título.

CDD 22ª Ed. 614

NBR 12899 - AACR/2

## AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, que sempre me conduziu e nunca deixou que nada me faltasse, dando-me uma família maravilhosa e amigos que pudessem estar comigo. Agradeço todas as graças.

Agradeço a minha mãe, por desde pequenina ter plantado o desejo do conhecimento, suas palavras sempre serão lembradas por mim: “faça a faculdade, depois tem que fazer uma especialização, depois tem que fazer o mestrado, depois o doutorado, e depois ainda tem o pós doutorado”, palavras mestras em minha vida!

Ao Francisco que muito me apoiou na finalização desta pesquisa, e em especial aos meus filhos: Nicolas e Enzo, pelo apoio e compreensão dos momentos ausentes em função deste trabalho.

Não poderia ter chegado até aqui sem a presença dos mestres, cada um contribuiu de alguma forma, alguns incentivando, outros orientando e, até quando destruíram minhas “ilusões”, todos contribuíram muito. Para vocês meu carinho, minha admiração e muito obrigado!

A Cristina Vermelho, orientadora, por me deixar caminhar livremente em busca de minha destinação. Por me permitir lançar á aventura, por confiar em meu lançamento... E pelos momentos de profunda compreensão e de estímulo durante este percurso.

A Maria Alves de Toledo Bruns, por me mostrar outros espaços do mesmo terreno, pela provocação que proporcionou.

A Regiane Macuch, pela leitura cuidadosa e atenta, pelos apontamentos que fez contribuindo para melhoria deste trabalho.

Pelas psicólogas, sujeitos desta pesquisa, que se disponibilizaram com entrevistas, curso, e na doação de suas tão preciosas “histórias de vida” momento este que nem sempre foi fácil se reencontrar com suas lembranças, meu sincero obrigado!

A todos os clientes que passaram por mim, pela aprendizagem compartilhada.

Aos companheiros do mestrado que me requisitaram para partilhar suas angústias enquanto produziam seus trabalhos e que diante dessa situação me

proporcionaram enxergar de fora as possibilidades para que eu pudesse reencaminhar a direção da minha pesquisa.

A Erika Cristina, que sempre me atendeu prontamente, me dando suporte técnico para a elaboração desta pesquisa.

A secretaria do Mestrado em Promoção da Saúde, pelo auxílio que me ofereceu durante o cumprimento de toda esta jornada. Meu muito obrigado!

*“(...) a história pessoal de cada indivíduo é o caso particular da história geral da espécie. Não é fácil precisar as diferenças e as semelhanças que existem entre essas histórias, em particular porque a história da espécie pressupõe a dos indivíduos que a compõem.”*  
*PINO (2005)*

**SUMÁRIO**

<i>INTRODUÇÃO</i>	4
<i>1. Sexualidade</i>	11
<i>2. Considerações sobre a sexualidade na contemporaneidade</i>	20
<i>4. Educação sexual para adultos</i>	34
<i>5. Formação do Psicólogo</i>	40
<i>6. Pesquisa e metodologia</i>	53
<i>7. História de vida de S<sup>1</sup>: Filha, mulher, mãe... profissional</i>	61
<i>8. Discussão e Análise da história de vida de S<sup>1</sup></i>	79
<i>BIBLIOGRAFIA</i>	90
<i>ANEXOS</i>	98
<i>Entrevista I: ROTEIRO PARA A PRIMEIRA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO</i>	99
<i>Entrevista II: ROTEIRO PARA A ENTREVISTA PÓS O CURSO</i>	101
<i>APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA</i>	105
<i>ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO</i>	109

## RESUMO

O presente estudo versa sobre a realidade cultural e educacional brasileira no que tange a sexualidade. Atualmente, este assunto vem sofrendo muitas transformações e tem sido alvo de controvérsias e críticas importantes para futuras mudanças. A legitimação desta pesquisa está em tornar evidente a incongruência da formação do psicólogo clínico com o mundo atual e, ainda, mostrar como estão encobertas as necessidades nos cuidados da formação desse profissional de área tão subjetiva como é o psicólogo clínico, em relação à sexualidade. A pesquisa tem como referência metodológica a construção histórica cultural.

Teoricamente, alicerçamos a discussão tomando como base a defesa de que a educação sexual se faz necessária quando falamos em formação educacional do indivíduo. Esta lição deve começar em casa e dar continuidade nos primeiros anos nas instituições escolares, e principalmente fazendo parte do curso de formação em psicologia, porém não temos vivenciado isso na prática em toda sua amplitude. Sob essa perspectiva, parece inevitável que muitos tabus do profissional da psicologia configurem-se como «fantasmas» que continuam a assombrar a vida psíquica deste profissional.

A pesquisa de campo ocorreu em dois momentos: primeiro foi elaborada uma proposta de formação continuada para que o psicólogo possa trabalhar com as queixas de disfunções sexuais femininas dentro do consultório, para tanto foram avaliadas cinco profissionais que atuam em clínica. Inicialmente, foi realizado o processo de formação (exposição teórica do conteúdo), em seguida houve o acompanhamento com supervisão para auxiliar no emprego do conteúdo aprendido durante o curso, além de orientações para sanar as dificuldades que poderiam ocorrer. Verificou-se que as profissionais não se sentiram aptas para atender problemas sexuais, mostraram-se inseguras para o emprego do conhecimento em suas práticas clínicas. Na segunda etapa, realizada com uma dessas psicólogas, foi aplicado o método “análise da história de vida”, no qual se concluiu que a falta de educação sexual em casa, pelos pais, e de educação sexual no âmbito escolar, somada as experiências pessoais frustradas e parceiros sem habilidades sexuais reforçam o despreparo das profissionais da psicologia a atuarem de forma mais direta com este assunto.

Palavras-chave: Educação sexual; Sexualidade; Disfunção Sexual feminina.

DEDICO ESTA DISSERTAÇÃO A TODA A MINHA FAMÍLIA.

## ABSTRACT

The present study talk about the reality educational and cultural Brazilian relationed sexually. Nowadays, this subject is suffering several transformations and it has been object of controversy and important critics to change future. The legitimation this research is became obvious the contradiction clinic psychologist's formation with the current world and, until to it shows as they are over cast the necessity in the take care formation this professional of area so subjective as clinic psychologist, in relation the sexuality. This research has as methodological reference, the cultural historical construction.

Theoretically, we build the discussion taking as base the defense that sexual education is necessary when we talk educational formation of people. This instruction have to begin at home and to continue in the previous years of the educational institutions and mainly to do part of formation course in psychology, but we don't have living this in the practice. About his perspective, it seem inevitable that a lot prejudice of psychology represent like "ghost" that it continues to fright psique life this professional.

The research occurs in two moment: first it was did one proposal formation to that psychologist could to work with the complaint of female sexual dysfunctions into of clinic, it was assess five professional that act in clinic. There in the beginning, it was realized the formation's process (theoretical exposure subject), after this there was accompaniment with supervision to help apply the subject, that have been learnt during the course, beyond orientation to solve the difficult that could happen. It was found that the professionals didn't feel able to talk about sexual problems, they show insecure to utilize knowledge in their clinical practices. In the second stage, realized with one of these psychologists, we applied the method "analysis of the history of life," that concludes the lack of sex education at home by parents, lack of sex education in the school, added up personal experiences frustrated, partners without sexual skills reinforce the unpreparedness of professional psychology to act more directly with this issue.

Keywords: Sexual Education; Sexuality; Female Sexual Dysfunction.

## INTRODUÇÃO

Iniciar a caminhada nesse complexo território de realização de pesquisa, e, ainda, na área de psicologia clínica, tornou-se um grande e sedutor desafio. A fonte de tal interesse teve origem na formação profissional da pesquisadora, atuante na psicologia clínica há 22 anos. Ao vivenciar e exercer a escuta clínica percebeu que a atuação na área ultrapassava teorias específicas e recursos técnicos aprendidos durante a graduação, pois as queixas de ordem sexual apareciam frequentemente e a impotência tomava conta da profissional naquele momento. Assim, o presente estudo contemplou questões surgidas ao longo do exercício da profissão de psicólogo e docente de psicologia. Como professora foi possível presenciar discussões relevantes entre alunos sobre a sexualidade, tendo em vista o espaço concedido, muitas vezes, por não saber qual atitude tomar, tanto em sala de aula como durante as supervisões de estágio em clínica.

E esse lugar de escuta possibilitou questionamentos como psicólogo/pesquisador diante da demanda do sofrimento do outro que lhe solicita ajuda, e tem, muitas vezes, o psicólogo como “solução”. Ao interrogar-se sobre como responder às queixas e às demandas que chegavam, sendo profissional que lida com o sofrimento humano, surgiu o tema aqui estudado. Tais questionamentos permearam toda a construção dessa pesquisa, que teve a intenção de auxiliar nas discussões sobre a atuação do psicólogo clínico com relação à sexualidade e, ainda, a própria formação acadêmica desse profissional, à medida que tentou fazer apontamentos sobre o que é ser psicólogo clínico diante do sofrimento biopsicossexual.

Certamente este estudo não conseguirá abranger todos os aspectos e meandros de tanta complexidade. Trata-se de um recorte de uma realidade. No entanto, os pesquisadores empreendem-se nessa busca de tentar identificar e compreender como os psicólogos clínicos vivenciam e atuam diante desta demanda cada vez mais presente nos atendimentos clínicos.

Partiu-se do pressuposto de que a educação nos espaços escolares ainda é cheia de tabus e informações deturpadas sobre sexo e sexualidade, o que impede o aluno de ter uma educação sexual adequada e, por conseguinte, atrapalha o desenvolvimento e sua sexualidade. Para Kahhale (2009, p. 185),

(...) a leitura histórica é a real possibilidade de compreensão dos tabus que caracterizamos o assunto e também a possibilidade de desenvolvimento de versões menos preconceituosas e moralistas do assunto, sem perder, no entanto, a perspectiva de que os homens, por necessidades sociais (algumas já superadas), “inventaram” regras e formas para a sexualidade.

Diante da história sociocultural, pode-se considerar a repressão sexual, da qual nossa sociedade foi vítima, como justificativa para a lentidão quando se fala em desenvolvimento afetivo sexual.

A educação sexual faz parte da educação integral (FREIRE, 1980) e dessa forma é importante sua inclusão na educação básica, pois é a escola que recebe sujeitos em plena fase de desenvolvimento físico, intelectual, social, espiritual e psicológico.

É possível perceber por meio de noticiários que palestras, cursos rápidos e diálogos sobre o assunto já estão acontecendo, porém quando analisada com mais cuidado, percebe-se, na maioria das vezes, que essas medidas mostram-se ineficazes para preencher as lacunas na formação completa do indivíduo, pois o corpo da criança, do púbere e do adolescente está em crescimento e se desenvolvendo em várias instâncias, como as sensações, os sentimentos, os pensamentos, as percepções, entre outros. A cada dia surgem muitas dúvidas e sentimentos novos e diferentes, o que denuncia a necessidade de atenção, conversação sobre os mesmos. As poucas horas, durante um ano, destinadas para palestras ou encontros sobre assunto seriam suficientes para responder e deixar este indivíduo mais amparado para os novos eventos que acontecem com seu corpo e com seus sentimentos, bem como a respeito da sexualidade?

Conceitualmente, o termo “orientação sexual” tem sido utilizado por alguns como sinônimo de “educação sexual”. Entretanto, entende-se que esta escolha produz confusões terminológicas, pois no campo da pesquisa, bem como dos movimentos sociais e no uso cotidiano da palavra, orientação sexual tem outro significado, ligado à “diversidade sexual” (ALTMANN, 2013), sendo assim, vamos estar utilizando a terminologia de educação sexual, quando nos reportamos as informações e entendimentos sobre a sexualidade como um todo.

A maioria dos teóricos consultados para a elaboração da dissertação utiliza o termo “educação sexual” que pode englobar todos os aspectos da orientação sexual, área que se preocupa com a definição da maneira como o indivíduo deve se comportar, como de fato se comporta, como entende sua sexualidade e o que deixa

transparecer através do seu corpo e comportamentos, analisando atitudes e posturas adotadas conscientemente ou mesmo de forma inconsciente.

Do ponto de vista dos autores adotados nesta pesquisa, precisa-se tanto da orientação como da educação, os dois termos são, assim, apropriados quando se trata da sexualidade. De acordo com os pesquisadores, todavia, a sexualidade coloca o desafio de se pensar, refletir, apropriar-se dos sentimentos, bem como aceitá-los, discuti-los, debatê-los, aprender a se comportar, assumir uma postura sobre este tema. Para o tratamento científico, contudo, há momentos que utilizar o termo orientação sexual soa mais adequado, por exemplo, quando se fala de alguém que ainda não tem conceitos pessoais prontos, quando há muitas incertezas, o que é normal na infância e adolescência. Já em outros, é melhor o termo educação sexual, que significa algo mais sistematizado não valorizando, exatamente, o pessoal e sim, o coletivo.

Hoje em dia, pensamos que seja necessário todo um esquema de formação e educação sexual, pois nos parece que as pessoas estão preocupadas e valorizam mais o sexo do que a sexualidade. Por isso, consideramos relevante esclarecer que tão importante quanto o sexo é a afetividade que o envolve, que constitui a sexualidade.

Segundo Figueiró (2009), a sexualidade é um elemento integrante de nossa identidade e envolve o amor, o prazer, o toque, o sexo, a afetividade, o carinho, os gestos, o respeito, a alegria de viver e o conjunto das normas culturais relacionadas com a prática sexual.

Para Picazio (1998), a relação do ser humano com o mundo inclui esse processo de apropriação, reflexão e expressão de aprendizagens dos sentimentos e desejos.

No cotidiano percebe-se que quando se fala em sexualidade é normal uma identificação imediata com o termo sexo. Essas palavras estão atreladas, contudo é importante destacar que sexualidade é todo o contexto que envolve o sexo ou é tudo aquilo que engloba sentimentos, pensamentos e ações, o que necessariamente implica os órgãos dos sentidos, o ver, o ouvir, o cheirar, o degustar e o sentir que resultam em prazeres da vida (PINTO, 1999).

Somos representados, ainda, por regras, leis e valores que a sociedade estabelece, determinando as permissões e proibições da conduta de cada um. As normas sexuais sempre foram defendidas pela religião, pela moral e pela ciência

(CHAUÍ, 1990). Porém, nos últimos anos, a sexualidade tem sofrido muitas intervenções de movimentos interessados em mudanças urgentes das regras sociais. As organizações das diversidades sexuais têm sido muito atuantes, buscando o reconhecimento das diferenças sexuais existentes na nossa espécie. Entende-se que a repressão sexual é todo controle que se faz ao exercício da sexualidade, esteja ela ligada aos órgãos genitais ou não (CHAUÍ, 1990). Vive-se, numa sociedade que ainda mantém cenários e bolsões de atitude sexofóbica, ainda assistimos situações de invasão do livre arbítrio.

Há décadas, a homossexualidade é tema de movimentos sociais. Pesquisa realizada, em 1940, por Kinsey, aponta que, naquela época, 10% da população mundial sofriam com as repressões de seus direitos. Era negado aos homossexuais o direito de se casar; que foi conquistado, no Brasil, só agora em 17 de maio de 2013, quando foi promulgada a Lei que permite a união estável entre pessoas do mesmo sexo. Há quanto tempo este sofrimento vem provocando desigualdade e dor, por não serem considerados normais e aceitos com seus direitos, como qualquer outro cidadão.

A pesquisadora pôde verificar em 22 anos de atuação em psicologia clínica que a maioria dos seus pacientes relatava que os pais, ao falarem sobre sexo, informavam as consequências negativas advindas do ato sexual, como gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, abusos sexuais, entre outros. Era colocada em evidência a necessidade de criar mecanismos de defesa do sexo e, com isso, esquecia-se de falar da sexualidade como um todo, do quanto é bom e faz bem. Observou também que, quando se fala em sexo, restringe-se predominantemente ao genital, ser macho ou fêmea. A proximidade dos termos sexo/sexualidade pode causar distorções dos conceitos para os leigos, e, ao não ter mais informações sobre este assunto, acaba por reduzir o todo sexual apenas ao sexo (genital). É certo que, ambos fazem parte de nossas vidas, mas nos levam a trilhar caminhos diferentes (MARIUSSI, 2010).

O fato de se falar pouco da sexualidade pode estar relacionado com a não valorização do desenvolvimento afetivo e sexual. Tal atitude, no seu limite extremo, pode ser considerada um desrespeito ao ser humano. Essa postura é contraditória ao modelo de educação plena, defendida por Paulo Freire (1980) e vários estudiosos do assunto, como Enio Brito Pinto, Maria Alves de Toledo Bruns, Mary

Neide Damico Figueiró, entre outros. Ao ignorarmos situações em que a sexualidade aparece, nega-se parte da nossa essência.

Segundo Pinto (1999), faz-se necessária uma educação mais completa, na qual a pessoa não seja compreendida a partir de uma série de partes independentes, em que algumas são atuantes e outras não. Para o autor, é essencial integrar todas as dimensões, entre elas a da sexualidade num contexto aceitável dentro dos complexos escolares.

Na formação superior, sabe-se que a psicologia se propõe a trabalhar o comportamento humano. Porém, durante o período de formação universitária, o suporte teórico acadêmico para que o psicólogo tenha conhecimento mais amplo e detalhado da sexualidade humana, parece não ser suficiente.

Em pesquisa realizada por Dias (2001), após a análise do currículo pleno de 60 cursos de graduação em psicologia, da região Sudeste do país, foi possível observar à existência de um número de disciplinas que privilegiam em primeiro lugar a visão psicanalítica, em segundo, a humanista e, em terceiro, a comportamentalista. Ainda de acordo com o autor, é marcante a focalização no estudo do indivíduo como ser isolado de seu contexto sociocultural, uma vez que o número de disciplinas que tratariam deste tema foi inexpressivo. Em apenas um dos currículos pesquisados estava presente o estudo da sexualidade humana.

Esse fato pode indicar que o estudo da sexualidade no contexto da formação superior não está sendo privilegiado (Dias 2001) e, dessa forma, na visão do autor, ao não abordar a questão, exclui-se do processo formativo os problemas de sexualidade vividos pelos indivíduos.

Sob essa perspectiva, pensamos que o não lidar com essa temática na formação superior, os tabus em torno da sexualidade se mantêm na vida psíquica do profissional da psicologia mesmo após sua formação profissional. E, essa lacuna na formação pode dificultar o trabalho do psicólogo dentro do consultório, pois ele não tendo preparação que lhe dê suporte em termos de conhecimento e entendimento sobre a sexualidade humana, provavelmente terá maior dificuldade para atender seu paciente no que tange as queixas sexuais.

Dias (2001) informa, ainda, que esse perfil de formação são percebidos desde o estágio curricular em clínica, haja vista relatos de situações em que os estagiários desqualificaram o discurso dos pacientes, nas ocasiões em que as experiências deles estavam além daquilo abordado nas teorias em sala de aula, sobretudo os

conteúdos ligados à sexualidade. Diante dessas constatações, observa-se que a capacidade real dos profissionais da psicologia em trabalhar com os pacientes que estão em sofrimento, com queixas de ordem sexual, pode estar muito vulnerável uma vez que os pacientes ouvem e consideram muito as colocações dos psicólogos. A falta de disciplinas com conteúdo programático ligado à sexualidade fragiliza a formação desses profissionais, que se propõem a trabalhar com a vida íntima de seu paciente.

Por outro lado, na sociedade atual, a sexualidade está cada vez mais aflorada e as pessoas, desinibidas. Situações proporcionadas pela dança do *funk*, por exemplo, que tem passos extremamente insinuantes à prática sexual, criam situações que colocam em evidência uma sensualidade e até uma atitude pornográfica. Além de questões importantes e atuais como a diversidade sexual, identidade e disfunções sexuais, os novos arranjos familiares, a adoção por parte das novas famílias (homossexuais), e também pelas famílias de segundo, terceiro casamentos, que envolvem filhos de diferentes pais e mães, a transexualidade, travestilidade, bebê *in vitro*; entre tantos outros tópicos que estão em debate atualmente, complexificam ainda mais a questão.

Ratifica-se o que relata Dias (2001), tem aumentado a quantidade de pacientes que apresentam queixas de ordem sexual dentro dos consultórios de psicologia. É o que também constatou a pesquisadora em 22 anos na profissão de psicóloga: está havendo uma elevação significativa no número de pacientes que procuram atendimento, que têm como demanda a solução de problemas sexuais os quais geram o sofrimento psíquico. Então se pergunta: quais aspectos levam o (a) psicólogo (a) a não atuar na solução de tais problemas? Dias (2001) como supervisor da área clínica, identificou que um dos entraves estava ligado às suas supervisionadas que desqualificavam o discurso relacionado à sexualidade. E, também, por meio de diversos relatos de profissionais da psicologia que, em seus atendimentos, ignoravam queixas com demanda sexual, contornavam os assuntos, minimizam a importância do que trazia o paciente, ou até mesmo maximizam assuntos que a princípio para o paciente não tinha tanta importância, tudo isso para justificarem para si mesmos a não preparação para atender essas queixas.

Esse aspecto é preocupante, pois a dificuldade do profissional pode estar trazendo consequências para seus pacientes, ao não lidar com essas questões, os problemas não evoluem positivamente, podendo permanecer e até se intensificar.

Diante deste contexto, esta pesquisa propõe-se a analisar aspectos da atuação do profissional de psicologia clínica em relação ao atendimento de casos envolvendo à sexualidade. Com o objetivo de compreender melhor os aspectos críticos em torno dessa prática.

## 1. SEXUALIDADE

Segundo Figueiró (2009), a sexualidade é um elemento integrante de nossa identidade e envolve o amor, o prazer, o toque, o sexo, a afetividade, o carinho, os gestos, o respeito, a alegria de viver e o conjunto das normas culturais relacionadas com a prática sexual.

Portanto, sexualidade

(...) é o resultado da interação entre o mundo interno e externo, isto é entre a nossa subjetividade e a organização social. Ela envolve um processo contínuo e nem sempre linear de aprendizagem e reflexão por meio do qual elaboramos a percepção de quem somos e do quê somos, processo esse que se desdobra em meio a condições históricas, sociais e culturais específicas. Nascemos com um sexo biológico. Todo o resto se constrói e vai se formando ao longo da vida (FACHINNI; SIMÕES, 2006, p. 163).

Para Picazio (1998), a relação do ser humano com o mundo inclui esse processo de apropriação, reflexão e expressão de aprendizagens dos sentimentos e desejos.

A sexualidade humana forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não de orgasmos. Sexualidade é muito mais do que isto. É energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas se tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações e, portanto a saúde física e mental (PERES et al, 2000, p.17).

Apesar da clareza da definição, no cotidiano percebe-se que quando se fala em sexualidade é normal uma identificação imediata com o termo sexo. Essas palavras estão atreladas, contudo é importante destacar que sexualidade é todo o contexto que envolve o sexo ou é tudo aquilo que engloba sentimentos, pensamentos e ações, o que necessariamente implica os órgãos dos sentidos, o ver, o ouvir, o cheirar, o degustar e o sentir que resultam em prazeres da vida (PINTO, 1999).

Somos representados, ainda, por regras, leis e valores que a sociedade estabelece, determinando as permissões e proibições da conduta de cada um. As normas sexuais sempre foram defendidas pela religião, pela moral e pela ciência (CHAUÍ, 1990). Porém, nos últimos anos, a sexualidade tem sofrido muitas intervenções de movimentos interessados em mudanças urgentes das regras sociais. As organizações das diversidades sexuais têm sido muito atuantes, buscando o reconhecimento das diferenças sexuais existentes na nossa espécie. Entende-se que a repressão sexual é todo controle que se faz ao exercício da sexualidade, esteja ela ligada aos órgãos genitais ou não (CHAUÍ, 1990). Vive-se, numa sociedade que ainda mantém cenários e bolsões de atitude sexofóbica, ainda assistimos situações de invasão do livre arbítrio.

A vida sexual de um adulto sofre muitas influências parentais, ou seja, das comunicações verbais diretas e indiretas. A sexualidade é construída dia após dia, gradativamente, a partir de eventos que vão acontecendo ao longo da vida. O que se ouve aqui e ali, as experiências (positivas e negativas) vão assim contribuindo para a configuração de uma pessoa no mundo (FIGUEIRÓ, 2006).

A sexualidade, reconhecida ou não, é fator preponderante para o entendimento do indivíduo em sua essência. É fator constitutivo da natureza dos seres que tem uma vida sexual, assumida ou não, bem vista ou não. “Somos seres sexuados”, com a capacidade de amar afetivamente (psicológico) e sexualmente (corpo). Na história da ciência, a psicologia tem nos mostrado que as pessoas que não assumem a sua sexualidade podem chegar ao ponto de negar esta capacidade amorosa, o que se torna propícia para uma confusão de medos e curiosidades. Existem fortes indícios de que essas situações ocorrem por falta de informação e de orientação (MARIUSSI, 2010).

A ciência da educação entende que seja relevante a educação sexual na formação de indivíduos na infância e adolescência. Porém, é na fase adulta, basicamente, que se exercita o que foi aprendido em conjunto com as condições do meio. E, assim, se não houve educação sexual formal, o informal é adquirido (FIGUEIRÓ, 2006). Desta forma, sustenta-se um questionamento, como é na verdade para o adulto de hoje o exercício da sexualidade? Qual seu entendimento, sua expressão sexual? Como foi esta construção do afetivo sexual e como está sendo? Adulto que hoje ocupa papéis na vida de outros, como modelo e exemplo a

ser seguido, independente de ter como objetivo a intenção de orientar comportamentos.

Na atuação clínica foi possível verificar que muitas mulheres que barganhavam suas relações sexuais, não por dinheiro como as prostitutas, mas por uma posição no trabalho, interesses pessoais ou para atingir objetivos, não tiveram a oportunidade de se entender como pessoa e desenvolver o respeito por si mesmo em suas atitudes do que pensam e sentem. Essas situações nos mostraram ao longo do tempo que, um sujeito sem educação sexual, sente dificuldade na compreensão clara do que ele (a) é como pessoa.

Casos envolvendo problemas de ordem sexual foram temas de várias pesquisas. No caso da mulher, Abdo (2004) encontrou resultados que mostraram que a resposta sexual é considerada baixa, 30% sofrem com problemas sexuais. Diante de uma avaliação mais específica sobre a vivência sexual dessas mulheres, foram percebidos muitos traumas, experiências negativas, medos, mitos, credices, problemas emocionais que atrapalhavam a sexualidade. Advindos, basicamente, de uma educação sexual inadequada, deturpada, da não conversação sobre o assunto de forma legitimadora, da falta de liberdade até mesmo para se pensar no sexo - que é algo fundamental para a boa vivência da sexualidade -, o não conhecimento e a exploração do próprio corpo.

Na experiência clínica, foi possível observar que muitas mulheres permitem o outro (parceiro) tocá-la, todavia não têm a mesma atitude quando se trata de autoconhecimento. Tal fato pode sugerir até uma contradição nas situações que o outro tem mais liberdade sobre seu próprio corpo. No auto toque (masturbação) é mais perceptível o que se deve fazer para chegar ao prazer (neste ato existe uma frequência, uma intensidade, um ritmo de cada mulher), é muito fácil ela mesma conseguir acertar, possibilitar o acesso às próprias fantasias, permitindo-se percorrer melhor o caminho do prazer e do orgasmo, o que sugere maior compreensão no início da sua sexualidade e descobertas futuras relacionadas com a vida sexual, porém o encontro e o relacionar-se a dois dá todo embasamento a sexualidade. O parceiro toca mais com a intenção de acertar do que, necessariamente, ter condições para isso.

Na atuação em clínica com o foco na sexualidade, a pesquisadora constatou que muitas mulheres ficam esperando que o homem lhes atenda o desejo, que adivinhem suas vontades. Muitas até criticam o parceiro por não fazê-las sentir o

que esperam, como se isso fosse responsabilidade somente do parceiro. Não se pode esquecer que um relacionamento a dois requer contato, conhecimento, diálogo, entrosamento e que esses ingredientes são adquiridos com dedicação, com o tempo, com o manter-se interessado e interessante aos olhos do outro, é uma construção que vai acontecendo com a parceria entre ambos e com uma iniciação individual preestabelecida. A relação entre o comportamento afetivo relacional e os prazeres físicos é de ordem bastante complexa. O que foi percebido é que existe uma situação idealizada em torno do tão esperado orgasmo que quando chega, ainda não foi o melhor porque não foi simultâneo, que é outra situação que não é tão comum assim. Como pode duas pessoas, anatômicas, físicas e psicológicas tão diferentes chegar ao mesmo tempo ao clímax da relação? Pode ser possível em muitos momentos, mas nunca poderá ser uma regra do sexo. Às vezes, as mulheres sofrem cobranças que são incompatíveis com a realidade e não se dão conta disso, como por exemplo: o de comportar-se durante o namoro, que considerando a nossa cultura, seria o de não avançar com relações sexuais, ditames e regras da nossa educação, e depois no casamento se espera que a mulher tenha prazer e orgasmos sem mesmo ter sido liberada e mesmo treinada para tal.

O povo brasileiro é considerado motivado para o sexo, a média sexual é de duas a três relações sexuais semanais (ABDO, 2004), em especial para aqueles que conseguem manter uma boa qualidade de vida. Cuidados necessários como atividade física, clima de intimidade, de afeto, de boa produtividade no trabalho, auto estima, bons relacionamentos familiares e sociais, tudo isso pode proporcionar uma relação sexual de qualidade. Outro fator importante a ressaltar é a tranquilidade, pois esta é fator preponderante para se ter uma boa resposta sexual. Nos dias atuais as pessoas parecem gostar de dizer que estão correndo, quando se deparam com alguém mais tranquilo até chama atenção, como se fosse algo contrário à produtividade. Deixam-se levar pelos atropelos e ansiedades da vida, esquecendo-se de cultivar a tranquilidade que faz a “máquina humana” ter respostas mais adequadas em todos os sentidos, e também na questão sexual.

Segundo Cavalcanti e Cavalcanti (1996), a disfunção sexual é definida como um bloqueio total ou parcial da resposta psicofisiológica, respostas como não ter orgasmo, ter dor na relação, não conseguir a penetração, ter pouco ou muito desejo, são respostas basicamente advindas do como se vive e da qualidade de vida, do quanto se prepara e se cuida do corpo e mente, das atitudes, das escolhas,

comportamentos e entendimentos adquiridos juntamente com o que meio social proporciona. Para os autores, ao se aceitar esta premissa teórica de base comportamental cognitiva, pode-se chegar à conclusão que a terapia sexual nada mais é do que a retirada dos “bloqueios”. Todo indivíduo nasce com o potencial de responder sexualmente, entendido como ato reflexo. Portanto, adquire-se uma disfunção sexual no convívio social, no qual são criados obstáculos à resposta sexual quando um estímulo erótico é apresentado. Considera-se como meio social a cultura, a educação recebida, o dia a dia que é carregado de informações deturpadas, errôneas, e dentro dessas contingências as pessoas estabelecem um comportamento, formam conceitos e passam a dar respostas às situações a partir daquilo que assimilaram e/ou aprenderam (CAVALCANTI & CAVALCANTI, 1996).

Com isso, o comportamento disfuncional, para os autores, é um comportamento aprendido, e as mais comuns são: inapetência sexual, disfunção erétil, dispareunia, vaginismo, anorgasmia, disfunções ejaculatórias: ejaculação precoce e bloqueada que, segundo Kaplan (1977), são ejaculações rápidas e retardadas. Os aspectos culturais, segundo Cavalcanti e Cavalcanti (1996), podem predispor as pessoas ora a um tipo de disfunção, ora a outro. Para Masters e Johnson (*apud* Cavalcanti & Cavalcanti, 1996), dos casais americanos, 50% são portadores de disfunções sexuais. Nas clássicas estatísticas de Kinzey e Cols (*apud* Cavalcanti & Cavalcanti, 1996), cerca de 5% das mulheres casadas jamais apresentaram orgasmo, e, entre os 95% restantes, era alta a incidência daquelas que só tinham orgasmos eventuais.

No Brasil segundo Abdo (2004), em seu primeiro estudo sobre a vida sexual do brasileiro, 28,5% das mulheres apresentaram algum tipo de dificuldade sexual, sendo 26,2% específico para a dificuldade de orgasmo. Estes dados se revelam no sofrimento da mulher, disfunções sexuais como anorgasmia, dispareunia, vaginismo, ninfomania e anafrodisia, são situações que se repetem em lugares distintos, independente da condição socioeconômica. São dados relevantes para os profissionais se apropriarem para melhorar o tratamento nos consultórios de psicologia, levando-se em conta que, em geral, a formação superior de psicólogos (as) é bastante precária em relação a essas questões.

A heteronormatividade (LOURO, 2008) significa a heterossexualidade sendo ditada como padrão normal para o meio social. Essa atitude desrespeita o ser humano, não reconhece nele sua amplitude e possibilidades de vivências sexuais,

limita-o a um padrão de como viver a sexualidade. Os modos de vida que saem dos padrões comportamentais são atacados de forma negativa, encobrendo e abafando pessoas nos seus jeitos, à *priori*, naturais de ser. Sob essa perspectiva, no mundo contemporâneo, os homossexuais são pessoas que sofrem na maioria das vezes caladas, por medo de se expor, com baixa estima, porque se sentem sem forças para lidar e lutar; únicos no meio de uma grande maioria que dita às normas do como ser.

Foucaut (2005) fala que durante séculos, os professores excluíram da história e da literatura os tipos diferentes de comportamento sexual, principalmente a homossexualidade, vista como intolerável. Isso, segundo o filósofo, causou muitos danos à humanidade, porque o professor revestido de poder, responsável por indivíduos em formação, partiu do ponto de vista que se deve seguir a heterossexualidade, desmerecendo outras formas de se viver a sexualidade.

Uma questão que influencia, é o fato de não se ter educação sexual nas escolas, fala-se do intelectual, mas da base que sustenta este intelectual que é o corpo pouquíssimo se refere, o que sugere que poderia proporcionar uma grande ajuda na compreensão de si e das sexualidades (Mariussi 2010).

Nesta pesquisa vamos considerar o conceito de educação sexual, segundo Figueiró (2006),

“ações que podem levar á transformação compreendem as que estão voltadas para a construção da liberdade sexual, no sentido de poder viver a sexualidade livre de sentimentos de culpa e de opressão social. São também as ações que contribuem para banir o autoritarismo sexual, eliminando os preconceitos sexuais, as desigualdades e a violência sexual”.

Em uma pesquisa bibliográfica de artigos publicados nos últimos cinco anos, foram encontrados vários trabalhos científicos<sup>1</sup> que versam sobre a importância da realização de um trabalho sobre educação sexual na formação do professor. Contudo, essas pesquisas não indicam de forma clara a quem cabe esse papel de formação. Mas de fato falta o mediador (o psicólogo) para estas atividades acontecerem de maneira que não haja juízos, atitudes, preconceitos, discriminações que possam desvalorizar e desacreditar os conhecimentos e as experiências que ocorrem nessas atividades. Pois o psicólogo é formado para lidar com o

---

<sup>1</sup>BORGES E MEYER (2008) LEÃO, RIBEIRO E BEDIN (2010), SEM (2010); COSTA (2009); LEÃO (2009); COSTA E RIBEIRO (2011); SILVA (2010).

comportamento do ser humano, se este profissional tivesse ainda em sua formação conteúdos que também trabalhassem a sexualidade seria o mais preparado, com conhecimento e técnicas para lidar com as pessoas e com seus mundos subjetivos. Assim, poderia ser o profissional mais indicado para realizar esse trabalho; contudo, deve-se afirmar a necessidade deste profissional ter melhores condições para esta função de lidar com as questões da sexualidade nos espaços escolares. Neste sentido, retoma-se à questão tratada anteriormente em relação à carência na formação do psicólogo, a falta de uma base mais sociológica e antropológica em torno da sexualidade.

A sexualidade na cultura ocidental é recheada de complexidade. Casos assustadores são divulgados na mídia, como estupros, pedofilia, zoofilia, entre outros, que trazem à tona preocupações no sentido de compreender se esses comportamentos estão revelando “distúrbios comportamentais” como tendências coletivas, ou se são casos isolados de pessoas com distúrbios de comportamentos, causados por problemas estritamente relacionados com a vida privada. Se indicarem tendências comportamentais, demonstram a importância da educação e das orientações sobre a sexualidade.

As instituições quando se propõem a abordar o tema sexualidade se restringem, quase sempre, a falar sobre prevenção da Aids e de gravidez indesejada, além de doenças sexualmente transmissíveis e a necessidade do uso de camisinha. Assim, a conotação dada ao discurso é que o sexo não é bom, está embutida nele muita coisa negativa. Ao nosso ver, o ideal seria falar dos prazeres da sexualidade e também da prevenção e cuidados necessários. Parece contraditório discutir sobre um assunto tão prazeroso e mencionar apenas as suas inconveniências. Seria mais acertado abordar, inicialmente, os prazeres sexuais e o quanto eles fazem bem, mencionar coisas boas e só depois versar sobre as prevenções é o que acreditamos.

Dentro de um complexo de formações específicas, como a universidade, onde há um conjunto de indivíduos com faixas etárias próximas, são reveladas várias necessidades. Além de diversas escolhas na vida afetiva, tentativas de encontrar o parceiro ideal, experimentações do que se pode ser, representações, entendimentos e compreensões de si mesmo. Muitos relacionamentos interpessoais vêm à tona, mostrando que este grupo social merece atenção para se tornar uma comunidade mais amparada, no sentido mais completo de “formação”, na

construção de seu futuro como profissionais, em especial quando se refere ao curso de psicologia, o qual trata o complexo psicológico do ser humano.

Na nossa realidade cultural, muitos jovens fazem “escolhas afetivas” de forma repentina, apenas por estar exercitando a sexualidade, mesmo que esta não seja a intenção inicial. São escolhas que nem sempre são as melhores, tendo em vista que nessa idade os jovens são levados a assumir as consequências (ex: gravidez indesejada) por relacionamentos passageiros, interesses diversos, inexperiências, imaturidade, aspectos que, em geral, são inerentes aos indivíduos. Escolhas que podem definir vidas, no sentido de o quanto ela será bem sucedida afetiva e sexualmente. São definições que muitas vezes refletem em outros aspectos da vida do indivíduo, impactando, por exemplo, na motivação para o trabalho, mesmo verbalizando que fazem o que gostam. Esses núcleos estudantis formam espaços de convívio coletivo diário, assumindo um papel significativo no processo de socialização dos estudantes, fundamental na formação e interação dos indivíduos.

Contudo, segundo pesquisa de Avila (2010), os professores/as ainda não estão prontos para lidar com seu cotidiano profissional e também para assumir uma postura ética em relação à sexualidade dentro das instituições escolares. Os professores são adultos de gerações passadas que não tiveram educação sexual formal para poderem estar preparados para essa prática hoje. Segundo Gesser (2012) também

É importante que o psicólogo, ao longo da formação de professores em uma perspectiva ético-política de sexualidade, seja um mediador nos processos de apropriação e reflexão crítica sobre os principais discursos constituintes da sexualidade na contemporaneidade, tornando-as visíveis as implicações destes no modo como os professores lidam com as expressões de sexualidade no cotidiano (p. 234).

Para sintetizar essa discussão, pode-se dizer que a sexualidade encontra formas de se constituir nos espaços em que os sujeitos interagem. Por ser uma construção social e cultural, torna-se fundamental a compreensão dos aspectos críticos em relação à formação plena do sujeito, que acontecem na atualidade, nesses vários lugares. Esse reconhecimento poderá ser bastante útil para a atuação dos profissionais da psicologia e da educação na formação das gerações futuras.

Em função desses aspectos, considera-se importante tratar em alguma medida da questão da sexualidade na sociedade atual, que é o tema do próximo capítulo.

## 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A SEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Podemos nos considerar filhos da repressão sexual, pois falar sobre sexo e sexualidade era totalmente proibido, com isso muitas informações sobre o assunto ainda desperta nossa curiosidade, *“nos interessa e assusta ao mesmo tempo”* (SUPLICY, 1983), porque falar de sexualidade é falar de nós mesmos. *“(...) falar da sexualidade significa, sempre, falar de si mesmo, de suas crenças e valores”* (ARATANGY, 1996).

Nossa cultura vem ditando regras e por elas vamos sendo norteados, entretanto ao falar da sexualidade sobra sempre uma lacuna, especialmente quando se trata de crianças e adolescentes. Para eles, há carência de uma conversa mais direta, frequente e esclarecedora, dentro de um contexto no qual é mais aceito e tranquilizador, *“(...) e o resgate do erótico, que implica ajudar o educando a encarar a sexualidade como algo bonito na vida das pessoas, lutando por eliminar a visão que tem predominado: de algo sujo, feio e vergonhoso”* (FIGUEIRÓ, 2006, p. 40).

Muitos movimentos sociais, como das mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBTTTT), de negros, de indígenas, de trabalhadores rurais, ecológicos, pró-criança e adolescentes, entre outros, contribuíram para a construção de um contexto em que possibilita a inserção da educação sexual. Todos foram fundamentais para explicitar as diferenças, as desigualdades, e trouxeram à tona a contestação e a resistência aos modelos excludentes, singulares e autoritários, possibilitando a construção de saberes, o ato de falar de si, ou seja, a auto-representação (FURLANI, 2008).

Estamos vivendo um embate cultural de contínuas transformações no terreno dos gêneros e da sexualidade que têm se multiplicado nos dias de hoje, inúmeras são as “diversidades sexuais”. Segundo Nardi (2012)

Esta expressão vem se afirmando como opção ao termo diferente ou diverso, e é utilizada no sentido da multiplicidade e da singularidade, buscando assim mostrar que todos e todas fazemos parte da diversidade de expressões de gênero e sexualidade, a qual é constituinte do humano (p. 62).

Lésbicas, gays, bissexuais, bigêneros, transexuais, travestis, transgêneros, queer, questionadores, intersexos, assexuados e aliados – LGBTQIA, esta é a mais nova nomenclatura na contemporaneidade; e já mudou várias vezes, pois sempre

aparecem adendos ou exceções com relação às identidades sexuais. Por um lado, marca a diversidade da sexualidade e das expressões ou identidades de gênero, por outro, demonstra a dificuldade de caracterizá-las (NARDI & QUARTIERO, 2012). Quando é usado aqui o termo “sexualidades” está se incluindo todas as formas do exercício destas.

Nesta perspectiva, torna-se impossível falar destas questões considerando apenas o esquema binário (masculino / feminino, heterossexualidade / homossexualidade) comumente adotado (LOURO 2008). Esta pesquisa defende que é necessário facilitar a visibilidade destas diversidades sexuais, para que aconteça uma progressão na aceitação de cada um, respeitando as particularidades dos indivíduos.

Segundo Louro (2007),

(...) a diversidade nos demonstra, mais do que nunca, que a história e as lutas de um grupo cultural são atravessadas e contingenciadas por experiências e lutas conflitantes, protagonizadas por outros grupos. Por isso, temos que aprender, nestes tempos pós-modernos, a aceitar que a verdade é plural, que ela é definida pelo local, pelo particular, pelo limitado, temporário, provisório (p. 41-52).

Deve-se, assim, prestar mais atenção nas estratégias, tanto públicas como privadas que são postas em ação. Elas garantem tanto a identidade que é colocada como “normal” como a “diferente”, bem como todas as formas culturais a ela associadas. Precisamos voltar para as práticas que reafirmem o caráter construído, movente e plural de todas as posições (LOURO, 2007).

Para Louro (2008),

(...) gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas para um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado. (...) torna-se necessário observar os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, e os significados que lhes são atribuídos (p. 17).

A Organização Mundial de Saúde define gênero como papéis concebidos socialmente, por comportamentos, atividades e atributos que uma determinada sociedade considera apropriados para homens ou mulheres (OMS, 2013), construídos a partir das relações sociais.

Contudo, a definição de gênero para Reis (2011) é mais que um elemento das relações sociais, passa pelo conceito de sexualidade humana, construída e constituída a partir das experiências essenciais à vida sociocultural dos indivíduos.

Bruns e Souza-Leite (2011), compartilha a posição de que,

(...) a construção psicológica, social e cultural do gênero tem sido o enfoque principal dos estudos sobre as mulheres nas últimas décadas, transformando em conceitos obsoletos os argumentos biológicos sobre a superioridade masculina e deixando claro que se trata de um problema de desigualdade cultural. Porém queremos deixar claro que os estudos sobre sexualidade e gênero foram construídos para os homens e mulheres tanto das áreas biológicas e médicas quanto das ciências humanas – psicologia, sociologia e história (p. 17).

Para Bruns (2011), na vida pregressa está a importância singular de cada família em relação à erotização e a impressão criada e recriada pela sociedade no decorrer da história. Segundo a autora,

(...) é na infância que são edificadas as primeiras cenas da história afetiva sexual de cada sujeito, cenas que compõem o lebenswelt (mundo vivido) de todos nós e que nos acompanharão por toda a nossa existência (BRUNS, 2007, p. 70).

Ou seja,

(...) o corpo é o habitat do erotismo, a força transgressora que triunfa sobre as interdições, valores, preconceitos, estigmas e tabus de cada sociedade. Visto ora pela perspectiva do sagrado, ora pela do profanado, ou ainda do interpretado, o corpo sempre esteve “capturado” pelos modismos de cada época, em consonância com as normas de cada sociedade (BRUNS, 2011, p. 70).

As manifestações sexuais mais comuns, inicialmente, são as curiosidades pessoais, a descoberta do corpo, o toque, a masturbação, as falas, as piadas, as brincadeiras, as músicas compostas por muitas palavras relacionadas com a sexualidade e que desperta o desejo. Após a vivência desta etapa inicial, os interesses continuam emergindo, mas agora são curiosidades, normalmente, com alguma intenção implícita. Como relacionar-se com o outro sexo, como beijar, os carinhos, as carícias como fazê-las, o que falar na hora do ato sexual, quais as posições, o que dá mais prazer são questões que permeiam o cérebro do indivíduo. Após algumas experiências vivenciadas, os interesses aparecem em virtude das respostas sexuais, ou seja, a reação do físico e do emocional do indivíduo ao relacionar-se sexualmente<sup>2</sup>.

A qualidade de vida está diretamente vinculada à satisfação da sexualidade e também voltada para uma relação com a cultura, uma vez que se constitui como resultante de uma visão de mundo. Hábitos de vida são constituídos pela cultura, portanto, diretamente relacionados. A cultura pode ser entendida como os valores, as crenças, as normas e os modos de vida de um determinado grupo, aprendido, compartilhado e transmitido e que orientam seus pensamentos, suas decisões e

---

<sup>2</sup> Pode-se afirmar que há, hoje, material bibliográfico que pode dar suporte quando o tema é educação sexual. São muitos os livros na área que podem nortear pensamentos e comportamentos de maneira adequada. No entanto, como qualquer área, é necessária a dedicação e a busca de novos conhecimentos e entendimentos.

suas ações de maneira padronizada (HÄDRICH, 2007). Já a forma de viver e usar o corpo implica em um mundo de estilos corporais já estabelecidos, interpretando, reproduzindo e organizando normas de gênero já recebidas anteriormente, ou seja, implícitas na história cultural (HÄDRICH, 2007).

No que tange aos dramas da sexualidade, um dos pontos a ressaltar é a instabilidade da personalidade e da identidade, o corpo traz consigo o discurso dos ditames dos prazeres. Neste contexto, andar na moda é o que interessa, além da mídia que apresenta um corpo masculino sarado ou uma mulher lipoaspirada e siliconada como promessa e garantia de prazer. Assim, muitos se lançam, exaustivamente, na busca dessas imagens construídas pelos veículos de divulgação.

Ainda há preconceitos em relação ao tema sexualidade. Segundo Mariussi (2010) é observável que quando se fala em sexualidade ocorre uma ancoragem imediata ao termo sexo. Apesar dos dois termos estarem atrelados é importante destacar que sexualidade é todo o contexto que envolve o sexo, ou é tudo aquilo que envolve sentimentos, pensamentos e ações: o que necessariamente envolve todos os sentidos, ou seja, o ver, o ouvir, o cheirar, o degustar e o sentir (tato). E quando se fala em sexo, restringe-se na maioria das vezes, ao genital propriamente dito, à questão de gêneros, do ser macho e fêmea. Pelo fato dos termos se aproximarem, geralmente ocorrem distorções dos conceitos por parte das pessoas, que não costumam buscar mais informações sobre este assunto, reduzindo-se o todo sexual apenas ao sexo (genital). É certo que ambos fazem parte de nossas vidas, mas nos levam a trilhar caminhos diferentes (Mariussi, 2010).

A sexualidade é fator preponderante para o entendimento do ser humano em sua essência. É próprio da natureza humana que se tem uma vida sexual, mesmo que esta não receba a importância devida. Independente da interpretação pessoal de cada um “somos seres sexuados”, com a capacidade de amar afetivamente (psicológico) e sexualmente (corpo). De maneira geral, muitos não assumem essa sexualidade, incomodam-se ao ponto de negar esta capacidade amorosa própria do ser humano, causando uma confusão de sentimentos, como o medo, vergonha, constrangimento, curiosidade, entre outros.

Raramente se ouve e se fala dos ganhos do sexo depois de uma transa (fazer amor), ou seja, do bem estar que a relação sexual traz, da sensação boa que fica.

Quando se fala em sexo quase sempre está relacionado a algo ruim, a histórias, piadas ou gozações, e isso tudo pode trazer conseqüências negativas ao exercício da sexualidade. Infelizmente este assunto não é discutido com mais profundidade e na sua integridade, comprometendo satisfação sexual.

Para se ter uma vida sexual satisfatória é necessário cuidar das próprias crenças (pensamentos), olhando e interpretando a sexualidade como algo bom. De fato, o assunto ainda provoca muitas dúvidas, conflitos, sentimentos e atitudes contraditórias, sendo extremamente importante a informação, orientação e diálogo para melhor compreender, mas primeiramente educação sexual.

Freud (1967) acreditava que, a fonte de grande parte do sofrimento humano vinha da repressão sexual e uma maneira de se livrar da dor era dedicar-se a religião natural do amor livre, pois pregava o evangelho do sexo, na sua excelência. Seu trabalho mais significativo (Ellis,1897) foi publicado em uma enciclopédia de 07 volumes intitulada de “Estudo sobre a Psicologia do Sexo”.

Segundo Hentschel e Parisotto (1998), foi somente no final do século passado que se iniciaram os estudos sobre a sexualidade humana e suas patologias, destacando Sigmund Freud, criador da Psicanálise, que lançou as primeiras teorias da sexualidade infantil, caindo por terra à idéia de que as crianças eram assexuadas. Do ponto de vista freudiano, as neuroses eram vistas como frutos de repressões sexuais, de instintos recalçados no inconsciente lutando pra vir à tona / emergir.

Benedetto (2003) comenta sobre a Psicanálise de Freud como uma das teorias mais importantes que contribuiu para modificação de pressupostos, por defender que muitos distúrbios emocionais e prejuízos psíquicos eram causados pela repressão da sexualidade, contribuindo de forma abrangente para os estudos e análises da sexualidade no mundo ocidental.

Com referências as pesquisas de Kinsey (1948) contribuíram para a criação de um laboratório experimental nos Estados Unidos da América, onde foi utilizado como sujeitos prostitutas e estudantes para realizar pesquisas sobre o comportamento sexual humano. Para realizarem os estudos, conectavam eletrodos nos corpos dos voluntários e, sozinhos ou em pares, se masturbavam ou mantinham relações sexuais, enquanto suas respostas fisiológicas eram medidas. Com o experimento provaram que o orgasmo feminino ocorre no clitóris, derrubando a

teoria de Freud do orgasmo vaginal que prevalecia. No ano de 1966, publicaram as primeiras descobertas no livro “Resposta Sexual Humana”, mostrando como funcionava o sexo.

Mais tarde, Helen Siger Kaplan (1977) desenvolveu ainda mais o conceito de ciclo de resposta sexual humana, alterando a organização inicial acima referida em apenas três fases: desejo, excitação e orgasmo. Em relação à origem dos Transtornos Sexuais, propôs hipoteticamente a existência de um centro regulador de motivação sexual que envolveria mecanismos neurobiológicos no núcleo do hipotálamo, no sistema límbico e em outros neurocircuitos, dependentes de níveis adequados de neurotransmissores e hormônios, bem como da sensibilidade de receptores. Sua proposta de tratamento para transtornos do desejo sexual consistia em uma combinação da abordagem comportamental e psicodinâmica, haja vista o nível de resistência encontrado a psicoterapia exclusivamente comportamental.

Em seus estudos, o casal de médicos Masters & Johnson (1984), avaliou a função sexual de centenas de pessoas, propiciando o conhecimento de um padrão de resposta sexual (Ciclo de Resposta Sexual Humana) e das características fisiológicas de suas fases: excitação, platô, orgasmo e resolução. A partir desta referência propuseram uma abordagem terapêutica constituída de técnicas educativas, de aconselhamento e de comportamento condicionado para o tratamento dos Transtornos sexuais (TS), criando passos seqüenciais denominados focos sensoriais (Masters & Johnson, 1984), com o objetivo de ajudar as pessoas a superar suas dificuldades e praticar sexo melhor.

A autora Benedetto (2003) cita que, “a partir do desenvolvimento da Psicanálise, dos estudos de Reich (1928), Kinsey (1948), das pesquisas pioneiras de Masters e Johnson (1984), Kaplan (1977) Foucault (1988), além de estudos sobre sexualidade nas mais variadas áreas: biológicas, antropológicas e etológicas (Ramadam e Abdo, 2001), o sexo deixou de ser proibido para ser assunto extensamente veiculado”, refletindo na subjetividade humana e repercutindo nas dificuldades e/ou problemas que os profissionais da área do comportamento têm que lidar nos consultórios, tanto com casais como com pessoas buscando sua identidade sexual diante de muitas ambivalências. Com a liberação sexual, as manifestações da sexualidade estão se transformando, bem como os papéis sociais e a atividade profissional.

Atualmente, na era pós-Freud, pós Revolução de Costumes, pós Viagra, apesar de se falar mais livremente sobre sexo, muitas pessoas ainda não conseguem conversar sobre aspectos íntimos com seu parceiro. Observa-se um número considerável de informações e treinamento educativo sobre sexualidade, mas vive-se ainda uma realidade de extrema dificuldade na vivência afetiva da sexualidade, em face de antigas concepções.

Rangé e Souza (1997) relatam que, nestas contingências, é de extrema importância o trabalho da psicoterapia comportamental no sentido de que pode auxiliar a compreender melhor as disfunções sexuais e possibilitar alternativas saudáveis de mudanças, pelo enfoque dos fatores afetivos, cognitivos e comportamentais, para uma melhora das disfunções sexuais femininas. Psicoterapia sexual está relacionada ao binômio: treinamento e informação – amor e confiança.

A psicoterapia proporciona a integração da vivência emocional da sexualidade, aliada ao aumento da informação, em concordância com a individualidade de cada um. Os autores comentam que a formulação do problema, bem como a intervenção deve ser individualizada, adequando-se as avaliações e planejamento terapêutico aos problemas de cada cliente, levando-se em conta sua história de vida.

Segundo Cavalcanti e Cavalcanti (1996), a disfunção sexual é definida como um bloqueio total ou parcial da resposta psicofisiológica.

A resposta do porque se adquire uma disfunção sexual é que no convívio social, se criam obstáculos à resposta fisiológica, quando um estímulo erótico é apresentado. Considera-se como meio social a cultura, a educação recebida, o dia a dia que é carregado de informações deturpadas, errôneas, e dentro destas contingências as pessoas acabam se contaminando e emitindo uma resposta a partir daquilo que assimilaram e/ou aprenderam.

O comportamento disfuncional, nada mais é que um comportamento aprendido. As disfunções sexuais femininas mais comuns são: Inapetência sexual; Dispareunia; Vaginismo; Anorgasmia.

Ainda podem ser classificadas como primárias e secundárias. As primárias se manifestam desde os primeiros momentos da vida sexual, e as secundárias ocorrem depois de um período mais ou menos longo de respostas funcionais. Ainda podem ser classificadas como situacionais ou relativas, e gerais ou absolutas, quando se

evidencia independente da qualidade, quantidade ou intensidade do estímulo erótico.

Os aspectos culturais, segundo Cavalcanti e Cavalcanti (1996), podem predispor as pessoas ora a um tipo de disfunção, ora a outro.

Nas clássicas estatísticas de Kinzey e Cols, cerca de 5% das mulheres casadas jamais apresentaram orgasmo, e entre as restantes, alta era a incidência daquelas que só tinham orgasmos eventuais (Cavalcanti & Cavalcanti, p. 264,1996).

No Brasil, segundo Carmita Abdo (2004), em seu primeiro estudo sobre a Vida Sexual do Brasileiro, mostra que 28,5% das mulheres apresentam algum tipo de dificuldade sexual, sendo 26,2% específico com a dificuldade de orgasmo.

Nesta pesquisa, a total falta de desejo afeta quatro vezes mais as mulheres (8,2%) que os homens (2,1%), e essa desigualdade é justificada por hormônios sexuais, educação, valores culturais, bem como conflitos conjugais, doenças, hábitos de vida e estresse. Com o avançar da idade, as mulheres vão gradativamente perdendo o desejo sexual, e a partir dos 60 anos, um quinto delas já não se interessam mais por sexo. No que se refere à dispareunia, 18 de cada 100 mulheres sentem dor no ato sexual, sendo freqüente no início da vida sexual, e geralmente relacionada à falta de tranqüilidade e de relaxamento para o ato. Mesmo com a experiência, a dor ainda ocorre para 13,9% das mulheres, cabendo investigação médica.

Com referência à idade de iniciação sexual, Abdo (2004), relata que as mulheres iniciam a vida sexual mais precocemente que os homens. Aponta a redução da idade de iniciação sexual como uma das principais revoluções dos próximos anos. Que aumentou muito o número de adolescentes que se iniciam no sexo com outros da mesma idade, em vez de recorrerem a pessoas mais velhas. Os jovens estão se expondo cada vez mais cedo, mas enfatiza que é importante que tenham educação sobre o assunto, que saibam o que estão fazendo e suas conseqüências.

Uma das principais conquistas femininas das últimas décadas, é a palavra que norteia sua sexualidade. Hoje, a mulheres podem falar de seus desejos, frustrações, emoções, problemas e dúvidas. Têm a liberdade de expor seus sentimentos - os quais, para ela, estão intrinsecamente ligados ao sexo. Aliás, faz tempo que o prazer sexual - ou a falta dele - passou a fazer parte da roda de conversas femininas. A mulher se calava por se culpar pela falta de prazer, avalia a ginecologista e obstetra Albertina Takiuti, especialista em saúde da mulher e coordenadora do Programa de Saúde do Adolescente da Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo. Com o fim do pacto do silêncio, as dúvidas se tornaram coletivas e, portanto, reivindicatórias. Em vez de achar que tinha um problema grave, porque o marido a acusava de ser fria, ela começou a questionar se sua falta de prazer estava associada a alguma dificuldade dela ou do parceiro ([http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,como-anda\\_o\\_prazer,1333570.htm](http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,como-anda_o_prazer,1333570.htm)). Com isso ela foi se apossando mais do entendimentos sobre ela mesma, lhe favorecendo ao exercício da sexualidade na vida adulta. Com esses entendimentos maiores sobre si, passou a se liberar mais enquanto mulher, lhe favorecendo também nos seus enfrentamentos diários, o que leva a uma melhor satisfação sexual.

Com as conquistas profissionais em plena ascensão, as mulheres agora lutam por mais qualidade e prazer na cama. Quando a psiquiatra Carmita Abdo fundou o Projeto Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do HC, no início da década de 1990, para cada sete homens que procuravam tratamento de disfunção sexual, apenas uma mulher tomava essa atitude. Hoje, mais de 20 anos depois, para cada dois homens, uma mulher recorre ao serviço do ProSex.

Além de reivindicarem mais prazer e mais qualidade, as mulheres vêm derrubando tabus. Um deles refere-se à masturbação. Se antes a busca pelo prazer solitário era motivo de culpa - ou algo escondido por muitas -, hoje, isso mudou. Não é raro surgir, nos papos entre amigas, indicação de acessórios, como tipos de vibradores, e de outras técnicas de excitação (Abdo Carmita, 2004). "Elas aceitam mais a prática, porque sabem que têm direito a todas as formas de prazer sexual", ressalta a sexóloga Regina Navarro Lins (2010), "As mudanças profundas são lentas e graduais, e só são percebidas quando implantadas, por isso que ainda nos deparamos com pessoas que desaprovam e não vivenciam os avanços já constatados em muitas situações pelas próprias mulheres" (Lins,2010).

A menopausa, que era sinônimo de velhice e estigmatizava a mulher por não poder engravidar, é tratada hoje com naturalidade e sem sobressalto. Por trás da mudança, Carmita Abdo (2004) vê uma grande revolução sexual: No início do século 20, a expectativa de vida da brasileira era de 58 anos, neste século, saltou para 78. Portanto, a queda brusca de hormônios, que antes surgia no fim da vida da mulher, agora incide no meio de sua vida. Junte-se a isso a controversa reposição hormonal e o afincamento no cuidado à saúde, para acreditarem que sua sexualidade não acaba com a idade, e sim com a possibilidade da falta de cuidados pessoais consigo mesma, desde as pequenas funções designadas ao ser mulher (LINS, 2010).

O conservadorismo perde força, porém, entre os jovens, escolarizados e moradores dos grandes centros urbanos. Há uma diferença abissal entre as mulheres mais novas, quando comparadas às mais velhas. Segundo Carmita Abdo (2004), a separação de sexo e amor já começa a despontar entre garotas na faixa dos 20 anos. Por conta disso, usufruem da sexualidade com mais liberdade, têm mais parceiros e adiam o casamento, da mesma forma se separaram com mais facilidade. "As com mais de 50 anos vêm nessa nova geração perdas amorosas, uma vez que a falta de compromisso dos relacionamentos atuais deixa a mulher com a sensação de desamparo e de poucas trocas sentimentais - bem diferente do que essas cinquentonas viveram na juventude" (Abdo 2004). Como as mais jovens não tiveram o mesmo referencial das mais velhas, elas não têm essa dimensão negativa. No meio disso, estão as de 40 anos, que viveram o modelo de troca das relações amorosas, mas também se depararam com a liberdade do sexo sem compromisso, mas sentem dificuldade de encarar essa nova forma de se relacionar (Abdo 2004).

Falando do orgasmo propriamente dito, a sensação dura poucos segundos, mas, mesmo assim, não deixa de ser desejada. Muitas mulheres passam anos em busca dessa explosão, pois, diferentemente do que acontece com os homens, o caminho feminino para alcançar o orgasmo é longo e delicado. E, de acordo com especialistas, não está ligado à complicada descoberta de uma simples área dentro do corpo, como o tão discutido ponto G que para alguns pesquisadores o famoso ponto G não passa de um mito, e para muitos terapeutas sexuais esta questão é irrelevante, pois o importante é a mulher assumir o controle da sua sexualidade e

saber tirar proveito disso (Abdo 2004). Não conseguir chegar ao ápice do prazer em uma relação sexual pode ser um problema físico ou psicológico. As anomalias perceptíveis no órgão reprodutor feminino são raras e, geralmente, impedem que a mulher até mesmo comece uma atividade sexual. Nesse caso, é importante procurar um médico. Problemas como o vaginismo (contração involuntária dos músculos da vagina que impede a penetração), por exemplo, podem ser identificados pelo ginecologista ( Abdo 2004). Também demais problemas como anorgasmia, apatia do desejo, dispareunia e até mesmo a ninfomania, são disfunções sexuais desenvolvidas através do psicológico de cada mulher, é onde estão as respostas para ambas estarem acontecendo, pois se referem a acontecimentos da vida diária, que não favoreceram de uma forma melhor estas mulheres, que mesmo sem se aperceberem, acabam canalizando seus desprazeres da vida para a performance sexual.

Mais do que uma questão puramente física, como muitos profissionais acreditam, porém, o prazer está inteiramente relacionado a aspectos psicológicos. Nos meus anos de experiência com atendimento de mulheres, posso dizer que o problema sempre é muito mais de ordem psicológica. O pouco aprendizado e a falta da vivência sexual e erótica são as causas dessas disfunções sexuais femininas. A explicação para a dificuldade que algumas mulheres têm para atingirem o orgasmo pode estar no passado, segundo Oswaldo Rodrigues Júnior (2013), até há pouco tempo, a sexualidade era um meio exclusivo de reprodução humana e, para reproduzir, a mulher não precisava gostar de sexo, nem ter prazer. "Ainda hoje, as meninas e as adolescentes não são incentivadas a valorizarem a expressão e o prazer sexual. Tocar-se, conhecer o corpo como fonte de prazer são elementos contrários a muitas ideologias, políticas e religiões". Com a falta do aprendizado nas duas primeiras décadas de vida, a mulher chega à idade adulta sem compreender o que fazer para produzir e facilitar orgasmos.

Se uma mulher não está emocionalmente pronta para se abrir com o parceiro, fingir pode ser um caminho para manter o parceiro ao alcance dos braços. Um orgasmo autêntico exige "uma verdadeira entrega à experiência e nunca se preocupar em ser julgada" (Ladas 2001). As causas dessa pouca coragem em se entregar podem ser muitas: falta de confiança no parceiro, medo de rejeição, de

perder a própria personalidade, experiências anteriores com parceiros que se tornam pegajosos demais, abusos sexuais de parentes ou de pessoas próximas, e muitos outros motivos pessoais que ferem de acordo com a sensibilidade de cada uma.

Mas, se resistir a se entregar, é praticamente impossível ter um prazer autêntico. Falta de consciência sobre o corpo é um dos principais motivos da não realização sexual. "Algumas mulheres não sabem exatamente quanto tempo levam para chegar ao clímax ou o que na verdade é preciso para levá-las até lá", diz Vivienne Cass, autora de *The Elusive Orgasm* (2007). "Elas vêem essas mulheres altamente orgásticas nos filmes e acham que isso é a regra", ela diz. Enquanto isso, os homens que assistem a filmes pornô - ou seja, quase todos eles - estão acostumados a assistirem a mulheres chegarem ao orgasmo em segundos, o que aumenta ainda mais a pressão, e a idéia que isto é a realidade, quando na verdade isto é a ilusão, ou então pouco a ver com a regra, pois cada ser humano, cada mulher tem suas preferências que foram formadas com sua experiência de vida, o que influencia no como expressar e também em como sentir o prazer erótico, uma construção que acontece dia a dia, onde cada acontecimento tem sua importância e expressão diante da sexualidade, a mesma que já iniciou sua construção desde a infância.

Desde que a pílula anticoncepcional surgiu e liberou a mulher para sentir prazer, atingir o orgasmo passou a ser praticamente uma obrigação. Se não tem que se preocupar em engravidar, porque não chegar juntos ao orgasmo? Esta liberação que trouxe para a mulher, para outras acentuou ainda mais a ideia de que é muito simples de conseguir a qualquer momento um orgasmo (Ladas 2001). E, se não conseguir, é porque é frígida (anorgástica). Ninguém quer esse rótulo, e esta é a resposta para muitas mulheres fingirem o orgasmo, ao invés de buscarem tratamento que possam ajudá-las a terem maior satisfação sexual.

Quando o casal mantém relações sexuais sempre às sextas-feiras depois da pizza, é quase inevitável aquela sensação de vamos acabar logo com isso que eu tenho compromisso amanhã logo cedo, o caminho mais rápido, no geral, é fingir. O sexo, para funcionar como um caminho de mão dupla, precisa de certo empenho. "Não basta chegar, fazer e achar que o orgasmo está garantido" (Lister 2006). Se você não estiver disposta a despender energia, será apenas um ato mecânico, por

esta razão Lister (2006) fala no seu livro 10 passos, intitulado como “Segredos” para manter viva a atração para o sexo, mesmo depois de algum tempo tendo relações sexuais com o mesmo parceiro, descreve minuciosamente como fazer para que se mantenha o desejo dentro da vivência sexual, com suas rotinas e com a vida familiar, a proposta é preservar ou mesmo reacender o desejo sexual após anos de convivência.

Para aumentar a libido é consenso entre terapeutas sexuais (Ladas 2001), que suspiros, sussurros, respiração arfante podem funcionar como um interruptor que liga algumas mulheres. Aumentar e demonstrar ao parceiro os sinais de que estão chegando ao orgasmo melhora também o nível de excitação e as deixa mais disposta para o sexo, o que poderá também deixar o parceiro mais propenso a entrar em alta rotação, aumentando as chances de um autêntico “grand finale”.

Na era da TV, do cinema e do Photoshop, o padrão de beleza uniformizou-se e foi difundido às massas. As revistas vendem milhares de cópias de modelos e artistas – todas iguais. A deputada Valerie Boyer apresentou ao parlamento francês, em setembro de 2009, um projeto de lei que obriga jornais, revistas e sites a identificar imagens modificadas no Photoshop, com os dizeres: “Esta imagem foi modificada digitalmente e pode não corresponder à realidade”. Ela argumenta que a popularização do recurso cria referências de beleza e estética inatingíveis no mundo real ([http://www.itu.com.br/colunistas/artigo.asp?cod\\_conteudo=20804](http://www.itu.com.br/colunistas/artigo.asp?cod_conteudo=20804)).

A ditadura imposta pela mídia é um fator essencial para o controle da sexualidade feminina. A visão simplista da relação existente entre beleza física e sexualidade leva à exploração dos atributos relacionados a ela, como o tamanho dos seios, coxas, glúteos, lábios e cor dos cabelos - elementos utilizados para avaliar o ser sexual. A sexualidade é removida do mundo privado tornando-se pública, sujeita à definição, inspeção e controle social. A ficção do belo, dócil e sedutor corpo feminino serve de suporte ideológico a todas as práticas da cultura, tais como a economia, a propaganda, a medicina, a indústria audiovisual, a política e a religião. A mulher moderna, tão orgulhosa de suas conquistas através dos séculos, continua a sua milenar saga de submissão, muito melhorou, mas ainda tem conquistas a fazer quando o assunto é este, mulher sendo vista como objeto, e se fazendo como tal. ([http://www.itu.com.br/colunistas/artigo.asp?cod\\_conteudo=20804](http://www.itu.com.br/colunistas/artigo.asp?cod_conteudo=20804)). O mito da

beleza feminina oculta a rica diversidade humana. Seus criadores retiram tudo o que se relaciona à subjetividade ou à experiência específica do indivíduo, privando-o de sua história pessoal. Através da mídia acaba por fazer da mulher um objeto, retirando dela todo o aparato sensível e sensitivo próprio dela, a deixa muito invisível no como de fato é, um ser capaz de sentir e deixar-se sentir.

## 4. EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ADULTOS

Para Freire (1980, p.23), “educar implica em cultivar o educando em seus múltiplos aspectos, para obter um desenvolvimento harmonioso de suas faculdades, potencialidades e aptidões.” Envolve o caráter espiritual, intelectual, físico, social, moral e emocional. É sabido e aceito pela nossa sociedade que os adultos são os responsáveis pela educação dos menores. Todavia, ainda, é uma educação fragmentada, que não valida o indivíduo como um todo, elege partes que são descartadas da educação global do ser humano.

A sexualidade é construída ao longo da vida, não há um fim, é processo de formação permanente. A busca do autoconhecimento é constante, aprende-se consigo mesmo e com o outro a partir das relações humanas. Essa convivência com outros indivíduos é essencial para humanizar-se e apropriar-se da cultura, pois é através dessa interação que se aprende e se torna um ser humano (MASCAGNA, 2009). É por meio da linguagem que se transmitem as experiências de uma geração para outra, auxiliando em novas transformações (CAMBAÚVA & SILVA, 2009).

Neste sentido, a formação do educador sexual é algo para se considerar, tendo em vista que não é possível falar com tranquilidade de algo sem informações suficientes, pela falta de um espaço para entender, apropriar-se de conteúdos e resolver dúvidas e até questões sexuais pessoais. De acordo com Suplicy (1983),

(...) o como falar sobre sexualidade é muito importante”, só fala de forma aceitável aquele que está bem consigo mesmo nesta questão, apenas boa vontade não basta, é preciso algo mais, ter acesso às informações, não se deter apenas nas próprias vivências e experiências.

Considerando que os adultos de hoje não tiveram educação sexual formal, é de fundamental importância que antes de trabalhar na educação sexual de outra pessoa, esteja munido de informações. Nos espaços estudantis, os profissionais estão em contato com o aluno de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente. Todas as pessoas necessitam ter clareza ao estar em convivência umas com as outras. “O trabalho de educação sexual formal é fundamental para romper ideias cristalizadas e construídas na sociedade” (MAIA, 2012).

Figueiró (2006 p. 41) relata que,

(...) é fundamental estar bem com sua própria sexualidade, porém esta conquista não se dá isoladamente, ou seja, o indivíduo consigo próprio ou com seu parceiro, nem tampouco se está alienado de uma cultura. Pelo contrário, a vivência pessoal da sexualidade é influenciada, contaminada, afetada pelas conquistas ou entraves que vem emergindo da contínua construção da mesma pela cultura na qual estão inseridos os indivíduos.

A partir do processo simbólico e histórico vivido é que se constitui a identidade do sujeito, o como se vive a intimidade, o significado das normas, da moral e da ética grupal (KAHHALE, 2009).

Sexo e sexualidade são alguns dos temas debatidos na mídia, muitos adultos têm se mostrado interessados, mas não preparados para lidar com os problemas advindos desta temática, o que sugere a falta de debate sobre o assunto dentro de casa inicialmente, o que de certa forma daria suporte para o indivíduo sentir-se mais seguro ao falar sobre o tema. Assim, acaba transferindo para o outro adulto a responsabilidade de lidar com a questão, que ainda é entendida como de ordem pessoal, motivo pelo qual, talvez, a sexualidade seja muitas vezes deixada de lado. Entende-se, também, que a função da continuidade da educação sexual seja de responsabilidade do ensino de terceiro grau de áreas humanas, ou seja, há necessidade de um espaço para discutir as questões de ordem afetiva e sexual, tendo em vista que estas acompanham o sujeito permanentemente na sua vida, deste modo não seria legítimo deixar de fora quando se trata de formação educacional.

Segundo Kahhale (2009),

(...) prazer é uma experiência dos indivíduos singulares, mas suas referências, suas possibilidades e limites e suas estimulações e impedimentos estão nas relações sociais e na cultura: e é deste lugar que cada um retirará os elementos para construir sua singularidade/identidade (p. 337).

De maneira geral, inclusive os profissionais da área não mencionam os diversos tipos de prazeres, e a sensação de bem-estar que a sexualidade proporciona, não são assuntos corriqueiros como qualquer outro em nossas vidas, este tema é ainda é escondido nas conversas paralelas, dando a entender que se precisa de um momento especial e determinado para tratar do assunto, é um tópico melindroso e tratado como se fosse único de cada pessoa. A falta de desejo, tão comum na vida contemporânea em razão da correria e estresse que as pessoas

vivem, não é mencionada. Isso demonstra a grande dificuldade que os indivíduos têm de falar sobre o problema. O que se vê é o uso de chavões para evitar ou desviar o assunto, não dando margem para falar de uma intimidade relativa à pessoa humana. Os fatos podem ser diferentes, mas as dificuldades de entendimento e de como abordá-los é mais comum entre as pessoas, pois se trata de sentimentos inerentes a raça humana. Fica explícito que todos sabem do que está falando.

A pobreza de argumentos, mesmo daquele que tem boa intenção ao falar sobre sexualidade, revela ainda uma repressão que castiga gerações. É o fruto que se continua colhendo sem dar conta que o indivíduo sofre a ponto de não respeitar aquilo que é mais íntimo na vida de uma pessoa. Deixa-se de falar dos prazeres que se tem direito de sentir, como se eles não fossem dignos. É o que fica subentendido quando não são comentados. As desgraças do sexo são ditas com facilidade, na mídia, e em reuniões sociais de maneira geral como uma notícia qualquer que corre de boca em boca. Os prazeres são velados como um segredo aterrorizador. Consegue-se fazer uma verdadeira contradição de algo que é próprio do ser humano. A história da sexualidade e nossa cultura indicam que, conforme vamos crescendo, saindo da infância para adolescência, aprendemos a não nos mostrar, ou melhor, a nos esconder, disfarçar desejos, intenções, sentimentos, tudo isso por medos, criações mentais construídas por um meio desfavorável ao discurso do livre arbítrio. A maioria das vezes não se sabe defender ou dar uma definição a própria fantasia construída a partir do meio sociocultural que se está inserido.

Desenvolvemos outros valores na vida, como a religião é uma criação social e cultural, não têm necessariamente apelo tão forte como o sexo, pois o sexo faz parte do corpo, o corpo é a base para sentir, existem as sensações que muitas vezes são involuntárias, do ponto de vista de ter intenções. Por outro lado, a religião é algo que precisamos buscar conhecimentos, convicções, crenças, desenvolver a espiritualidade, diferentemente da vida sexual que já tem uma base para isso (corpo), que faz parte do ser humano. Mesmo sendo transcendental, a religião é praticada com muito êxito, mesmo sendo algo transcendental, adicionada à vida das pessoas como um imperativo bastante forte e validado por muitos convictos sociais. Diante disso, não podemos nos garantir como pessoas adultas educadas, para Freire (1980) de forma globalizada, pois não levamos na íntegra nossa condição de

humanos, ora priorizamos algo por conveniência e ora desprezamos o que já faz parte de nós, do nosso corpo.

Ao falar de prazer, além do erotizado, referimo-nos, também, aos regalos da vida, que podem ser canalizados para o prazer sexual, como, por exemplo, olhar para uma comida de boa aparência e se entusiasmar com seu colorido, com o cheiro que aguça o desejo e que ao levar a boca dá a sensação de um prazer satisfeito a cada mastigação. Este é um deleite diário que se reveste ao estimular o aprazimento pela vida, conseqüentemente, também o prazer sexual. Os sentidos voltados para os prazeres do indivíduo são fundamentais na construção do prazer erótico (CAVALCANTI& CAVALCANTI, 1996, p. 204).

As pessoas adultas se dizem conhecedores da necessidade de falar mais sobre o tema e por este motivo deveriam buscar informações quando o assunto os amedronta, os inibe. Este seria o comportamento comum, uma ação em direção aquilo que não está em conformidade com o que se deseja. Segundo Abdo (2004, p. 80) a educação sexual recebida dos pais e professores, tanto nos homens como nas mulheres mais que dobrou nas últimas quatro décadas. Ao se considerar mais preparados nesta temática, a atitude mais indicada seria a de falar e comportar-se assumindo essa sexualidade.

Diante das leituras realizadas, pode-se afirmar que os adultos deveriam começara falar mais sobre sexo, explicitar sexualidade de forma que possa ser mais aceita. Além de assumir e lidar mais com essa sexualidade para legitimar o que faz parte do ser humano. Sobre sexo não há nada de novo, a novidade é a maneira como se deve encará-lo; e ainda reinventar novos conceitos, valores, entendimentos, expressões que possam respeitar o indivíduo. É dar mais vazão aos sentimentos, poder encaminhar de forma mais aceitável essa condição da natureza do ser.

Antes de tudo, deve-se assumir a ignorância que existe sobre este assunto, a partir daí pode-se ter um começo justo para com todos, buscando uma preparação mais intensa nesta área. Assumir a ignorância pode ser muito desafiador. A maior possibilidade quando tratamos de sexo ou de sexualidade é falar com muitas reservas e com grande chance de passar conceitos pessoais não claros, além de fazer julgamentos impróprios.

Boch (2003, p. 341) nos lembra,

(...) que todo processo de educação e formação da sexualidade tem sua origem desde o período pré-gestacional e pré-natal. Assim a orientação sexual deve constituir-se num espaço para informar-se, para a autopercepção corporal e subjetiva, para a conscientização dos valores, normas, pressões sócio históricas assumidas ou reproduzidas, para conscientizar-se das significações construídas pelo sujeito.

Diante das constantes mudanças e transformações no meio em relação à sexualidade do adulto - o amor e o sexo virtual, os novos arranjos familiares (dois pais ou duas mães, filhos de casamentos e relações anteriores, adotados), modificações nas relações de gênero, e muitas outras situações construídas -, ao se falar em orientação sexual, deve-se primeiro observar a necessidade de orientar/educar o adulto. Tendo em vista que ele não teve uma educação sexual formalizada e agora está numa posição na qual deve responder por estes questionamentos, é possível pensar que a maioria dos adultos de hoje não estão preparados para responder por estas questões.

Kahhale (2001) observa que

(...) debater a sexualidade é discutir valores, normas sociais e cultura; debater sexualidade é buscar compreender as versões individuais que temos de um tema que é social dar sentido à “sexualidade de cada um” implica tomá-la como uma construção histórica no âmbito das relações sociais, relacionada às formas de vida e às necessidades que a humanidade encontrou e/ou construiu (p. 189)

Tantos assuntos novos foram aparecendo em nosso meio, como à prática do sexo vivida virtualmente; sites para relacionamentos; o impacto da mídia, com novelas, séries, danças e músicas falando de sexo de forma bastante explícita; vídeos pornográficos; questões relacionadas à homofobia; conflitos transexuais (troca de sexo, tanto masculino como feminino), travestilidade e outros assuntos que não eram comentados, mas é comum surgir na busca de um entendimento maior. Com a prática profissional de anos em clínica como psicóloga, atendendo mais especificamente problemas sexuais, a pesquisadora constatou que, indivíduos que não tiveram orientação sexual ou receberam informações deturpadas sofrem consequências, que não são mencionadas aos colegas, por vergonha ou constrangimento. Eles sofrem calados e, obviamente, esses fatos interferem no exercício da profissão. São dificuldades como as disfunções sexuais mencionadas há pouco e todo tipo de neurose e fobia referentes à sexualidade, e ainda problemas mais sérios como a pedofilia, zoofilia, necrofilia entre outros.

A mídia informa constantemente muitos perigos relacionados com a sexualidade, um exemplo são os estupradores e pedófilos. A maioria dos deles procura trabalhar em escolas, igrejas ou qualquer outra instituição que tenha crianças. Isso para ficar perto das vítimas e realizar seus impuros desejos sexuais, de forma velada e com o aval da sociedade. A cobrança eventualmente feita ao adulto vai se revelando de forma bastante clara, afinal está nas mãos dele toda a responsabilidade sobre esse impasse.

Diante desse cenário, o adulto precisa de mais informações. Em se tratando de escolas, onde o professor está imbuído desta responsabilidade e também pela cobrança social que existe a figura do mestre. Mas aonde ele buscaria suporte? Seu papel já está, *à priori*, definido dentro da escola, ficando obscura a necessidade de preparação para lidar com a temática.

Muitos são os desafios, o tema ainda revela o quanto é necessário à investigação e atuação acerca do mesmo.

## 5. FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

A implantação do curso de psicologia, no Brasil ocorreu em 1962. A profissão de psicólogo é considerada jovem, e de fato a juventude ainda traz muitos desconhecimentos, lacunas a serem preenchidas e caminhos a serem percorridos.

Ser psicólogo é reconhecer os múltiplos dispositivos que atuam sobre si mesmos e sobre a sociedade. Almeja-se que os psicólogos, detentores da dimensão afetiva sexual, consigam construir outras formas de relação e produção do conhecimento coletivo. Permeados também por outras formas de convivências, modos de ser e de viver que mesmo instáveis e transitórios, sejam compostos por experiências vividas presentes nos currículos de formação dos psicólogos, e com o tempo se torne notável nos sujeitos.

O psicólogo, dentro de suas especificidades profissionais, atua na educação, saúde, lazer, trabalho, segurança, justiça, comunidades e comunicação com o objetivo de promover, em seu trabalho, o respeito à dignidade e integridade do ser humano. Ele contribui para a produção do conhecimento científico da psicologia por meio da observação, descrição e análise dos processos de desenvolvimento, inteligência, aprendizagem, personalidade e outros aspectos do comportamento humano e animal. Também analisa a influência de fatores hereditários, ambientais e psicossociais sobre os sujeitos na sua dinâmica intrapsíquica e nas suas relações sociais, para orientar-se no psicodiagnóstico e atendimento psicológico; promove a saúde mental na prevenção e no tratamento dos distúrbios psíquicos, atuando para favorecer um amplo desenvolvimento psicossocial; elabora e aplica técnicas de exame psicológico, utilizando seu conhecimento e práticas metodológicas específicas, para conhecimento das condições do desenvolvimento da personalidade, dos processos intrapsíquicos e das relações interpessoais, efetuando ou encaminhando para atendimento apropriado, conforme a necessidade (CRP, 2013).

O psicólogo desempenha suas funções e tarefas profissionais individualmente e em equipes multiprofissionais, em instituições privadas ou públicas, em organizações sociais formais ou informais (CRP, 2013).

Em relação à formação do psicólogo, tendo em vista o tema da sexualidade, no Brasil, não há curso de graduação em sexologia. O sexólogo é aquele que, tendo

formação superior, estuda sexologia em nível de pós-graduação e trabalha na área relacionada com o sexo. É por intermédio dele que se esclarecem curiosidades sobre o sexo.

Em Portugal, existe uma grande concentração de cursos de pós-graduação em sexologia. No Brasil há também vários desses cursos presenciais e não presenciais, boa parte admite alunos somente dos cursos de Psicologia, Pedagogia e Medicina. Já alguns deles são abertos para outros públicos, desde que o aluno tenha uma formação de nível superior nas áreas de saúde, educação e ciências humanas e sociais, emitido por Instituição de Ensino Superior (IES) oficial ou reconhecida pelo Conselho Nacional de Educação (CONAE, 2013).

No Paraná, há somente um curso de especialização presencial no Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX) em Curitiba. Pós-Graduação em Saúde e Sexualidade Humana, oferecido para profissionais graduados em Psicologia, Ciências Sociais, Direito, Comunicação Social, Medicina, Enfermagem, Pedagogia, Fisioterapia, Serviço Social, Nutrição, Terapia Ocupacional, além daqueles que demonstrem interesse para atuar no campo da sexualidade humana (atendimento, aconselhamento, orientação). Essa pós-graduação oferece uma carga horária de 360 horas/aulas e visa capacitar profissionais das áreas da saúde e da educação, possibilitando a construção de referenciais teóricos necessários ao desenvolvimento de estratégias de atendimento, aconselhamento, orientação e pesquisa em saúde sexual e reprodutiva (EMAGISTER, 2013).

Alguns dos cursos de pós-graduação em sexualidade, no país oferecem disciplinas como: Noções sobre reprodução celular, fecundação, determinação do sexo; Alterações orgânicas femininas na resposta sexual, Anatomia genital feminina; Anatomia genital masculina; Alterações orgânicas masculinas resposta sexual; Fisiologia da reprodução; Sexualidade, gravidez, parto, puerpério, cirurgia; Hormônios e sexualidade na infância e adolescência: aspectos biofisiológicos, Sexualidade e anticoncepção; Identidade Sexual; História da Sexualidade, Gênero, Sexualidade e Cultura: Aspecto Sócio antropológicos; Fatores Biológicos da Sexualidade: da infância à adolescência; Fatores Biológicos da Sexualidade: adultos e idosos; Fatores Psicológicos da Sexualidade: da infância à terceira idade; Sexualidade na Terceira Idade: aspectos geriátricos e gerontológicos; Gênero, Sexualidade e Epidemiologia; Sexualidade e políticas de saúde; Educação em

Saúde: orientação sexual; Educação sexual e cidadania, dentre muitas outras (EMAGISTER, 2013). Sendo estas distribuídas de forma variada.

Além de cursos de graduação, também ocorrem muitos eventos em todo o território nacional, como o Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana SBRASH, Encontro Nacional de Sexologia da Comissão Nacional de Sexologia da Febrasgo, e ainda encontros de Atualização do Núcleo de Sexologia do Rio de Janeiro (Nudes), (SBRASH, 2013).

Há uma discussão paralela entre a medicina, psicologia e professores, de qual seria a profissão mais adequada para exercer o papel de educador sexual.

Segundo o Conselho Federal de Psicologia, do Ministério do Trabalho, o psicólogo é o profissional que procede ao estudo e análise dos processos intrapessoais e das relações interpessoais, possibilitando a compreensão do comportamento humano individual e de grupo, no âmbito das instituições de várias naturezas, onde quer que se deem estas relações. Aplica conhecimento teórico e técnico da psicologia, com o objetivo de identificar e intervir nos fatores determinantes das ações e dos sujeitos, em sua história pessoal, familiar e social, vinculando-as também a condições políticas, históricas e culturais (CRP, 2013).

A medicina tem como objetivo a assistência à saúde do ser humano, na sua integridade biológica e psicossocial. O estudante de medicina adquire conhecimentos fundamentais nas áreas de cirurgia, ginecologia e obstetrícia, pediatria, clínica médica e saúde coletiva, tornando-se competente para prestar assistência médica de qualidade, atuar na promoção da saúde, na prevenção das doenças e na recuperação e reabilitação dos doentes. Sua formação contempla o exercício profissional dentro de princípios éticos e humanistas bem estabelecidos e lhe propicia as habilidades de comunicação, liderança e trabalho em equipe, essenciais para um desempenho profissional de qualidade em nível individual e social, esse profissional deve estar registrado no conselho regional de Medicina (CRM) para poder atuar (Guia de profissões, 2013).

A ação docente, cuja formação se dá em nível médio no magistério e no superior no curso de Pedagogia e nas licenciaturas, forma o profissional com conhecimento sobre o processo de ensino e de aprendizagem, capaz de organizar e realizar um processo formativo em seus vários níveis e públicos. Além de ensinar os conteúdos, o papel do professor consiste incentivar o raciocínio e aguçar a curiosidade.

Durante o curso de pedagogia são estudados tópicos como filosofia e psicologia geral, didática, filosofia da educação, sociologia, metodologia do ensino médio e fundamental e história da educação brasileira, entre outros. Este profissional deve manter-se constantemente atualizado, seja através da participação em congressos, da realização de cursos e da leitura de material que possa torná-lo cada vez mais especializado em sua área. Dentre as qualidades pessoais necessárias para desenvolver adequadamente suas funções podemos destacar: capacidade de ouvir e saber colocar-se no lugar dos outros, capacidade de manter a disciplina, determinação, paciência, autoconfiança, raciocínio lógico, metodologia de ensino, entre outras (PACIEVITCH, 2008).

Já os sexólogos ou especialistas em sexologia possuem qualificações profissionais reconhecidas em uma ou mais das ciências do comportamento. Treinado especificamente na prática da sexologia aplica conselhos e orientação em aspectos pessoais, psicológicos, sociais ou espirituais da vida sexual. A formação necessária para os profissionais dessa área está disponível em cursos de graduação na Área Comportamental e Social, tais como Psicologia e Ciências Sociais. (SBRASH, 2013).

Dentre as três profissões indicadas como responsáveis por tratar da sexologia, consideramos que a psicologia abarca um conjunto de conhecimentos que criam as condições para o profissional trabalhar com os sentimentos, as sensações, e a sexualidade das pessoas, considerando o meio sociocultural em que está inserida. É também a psicologia que detém o conhecimento para ajudar o indivíduo no seu autoconhecimento, a entender as formas de relacionar-se com seu meio. A psicologia mesmo ainda apresentando este déficit com relação à sexualidade, é uma das profissões que mais promove a formação para acolher, amparar, sustentar o indivíduo nessa dimensão afetiva.

Segundo Dias (2001),

(...) sendo a população brasileira em geral inadequadamente educada para lidar com questões que dizem respeito à sexualidade, estariam os sujeitos provenientes desta realidade sociocultural recebendo ao longo do curso de formação de psicólogos uma educação sexual que trabalhe na eliminação de estereótipos, proporcionando um melhor conhecimento deste fenômeno, para então intervir (p. 36-49).

Contudo, a grande maioria dos indivíduos que concluem a formação profissional sai com tantos estereótipos referentes a prática sexual como quando iniciaram o curso. Por isso, consideramos importante incluir conteúdos relacionados

com a sexualidade, não apenas disciplinas, como também todo um contexto voltado para esse tema, além de um discurso validado pela política institucional preocupada com o ambiente sociocultural, onde o acadêmico está inserido (DIAS, 2001).

Para a formação do profissional de psicologia é preciso que seja comprometida com seu tempo e sua sociedade, que trabalhe na promoção de saúde desta comunidade, um profissional que debate a finalidade social de seu trabalho (BOCK, 1997).

Partindo do pressuposto que encontramos no cotidiano dos espaços estudantis sexualidades, segundo Foucault (1988, p.46), “sexualidades múltiplas, fragmentárias e móveis”, é fundamental promover uma formação mais ampla para dar conta de todas as sexualidades que aparecem nestes espaços.

A experiência para Larrosa (2002, p. 21), “*é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece*”. São estas singularidades que formam o comportamento individual e coletivo de uma sociedade.

A proposta de mais informações e trabalhos mais específicos para a formação do psicólogo, defendido por este trabalho, não tem a pretensão de abarcar a sexualidade na sua plenitude, até mesmo porque existe uma singularidade nos comportamentos e diferentes meios em que os sujeitos vivem, seria impossível tal pretensão.

Porém, defendemos uma condição mais favorável a esta formação, na qual se possa abordar as curiosidades e ansiedades, incluindo as dimensões afetivas, sociais e culturais de um processo formativo do sujeito e do profissional da psicologia, pois a “*(...) psicologia como a ciência que tem como objeto de estudo, a subjetividade, (...) a psicologia clínica tornou-se o lugar eleito por excelência para “cuidar” da subjetividade*” (SOUZA, 2007).

No entanto, falando da formação de profissionais da psicologia, essa premissa não tem a pretensão de invadir a intimidade do aluno, nem tomar o espaço da família na formação da personalidade e identidade (MARIUSSI, 2010), mas dar continuidade a esse processo formativo, dentro do espaço que se responsabiliza pela formação de um profissional que responderá por esta dimensão afetiva sexual, considerando o contexto sociocultural em que vivemos.

O trabalho do psicólogo seria o de reconhecer, primeiramente, essas situações, e, assim, dar espaço para o direito naturalmente adquirido e que se impõe quando reconhecemos o ser humano na sua totalidade. Encaminhar de forma a contemplar os interesses e necessidades individuais e essenciais à formação do futuro profissional, perpassando as mútuas e variadas expressões da construção do feminino, do masculino e das diversidades de sexualidades.

Espaços estes que propiciem o alívio dessas ansiedades, sistematizando um trabalho que ofereça a prevenção de problemas e a promoção da saúde destes futuros profissionais, envolvidos com as singularidades de cada um, no que se refere à sexualidade no momento vivenciada, bem como do futuro profissional.

Dias (2001), ao analisar o currículo pleno do curso de psicologia da região Sudeste do Brasil, chegou à conclusão que *“é marcante a focalização no estudo do indivíduo enquanto um ser isolado de seu contexto sociocultural, uma vez que o número de disciplinas que tratariam deste enfoque é inexpressivo”*. Apenas um curso apresentou uma perspectiva extra psíquica, com ênfase nos aspectos relacionais e socioculturais. O que pode indicar que a questão do estudo da sexualidade sob o ponto de vista extra psíquico não se configura importante.

Estamos em um momento social, no Brasil, no qual as questões que envolvem a sexualidade estão evidentes, pode-se dizer que estamos passando por uma verdadeira revolução sexual. Dúvidas em relação ao ser feminino, masculino, gêneros, homossexualidade, transexualidade, explorações e abusos sexuais, posições contraditórias das igrejas, uma verdadeira falta de referências e de valores embasados na realidade sociocultural.

A ordem dos fatos em nossa sociedade está revelando uma contradição na prática do profissional da psicologia, diante do tema sexualidade. A demanda está gritando e de forma exaustiva o socorro para esta situação.

Percebem-se nos discursos pessoais que está incutido em nosso interior que o corpo fala (PIERRE, 1980) o que as palavras não dizem. A fisionomia, a postura corporal, a expressão facial, os trejeitos, são reveladores, são comportamentos que transcendem ao nosso desejo de ser.

Dias (2001) elenca algumas questões que fazem parte do mundo de preocupação dos estudantes dos primeiro e segundo anos de psicologia, dentre elas estão os conflitos relativos à prática da vida sexual e à identidade sexual, no sentido de que como os pacientes, o psicólogo é também, além de profissional, ser que

busca compreender a si mesmo. Como os pacientes, os profissionais também sofreram os impactos da exclusão acerca do conhecimento que deveriam ter de si.

Um dos caminhos poderia ser a inclusão de disciplinas durante todos os anos da educação básica, que pudessem atender as necessidades de informação, orientação e formação do estudante. E, assim, conforme fosse acontecendo à evolução física, psicológica e social, também na formação dos profissionais das áreas humanas e que as mesmas respeitassem a evolução de “interesses”, que se dá conforme a aquisição do conhecimento, de acordo com o crescimento e desenvolvimento dos sujeitos. Vemos a importância de uma proposta de reestruturação dos currículos da psicologia pela tomada de consciência da realidade a qual estamos vivendo. E também que o perfil do profissional perpassa pela análise da realidade do meio sociocultural, os quais estão inseridos.

Todo trabalho com a sexualidade, aqui defendido, considera o conhecimento acerca das dimensões biopsicosocioculturais. Dentro dessa perspectiva, entendemos o trabalho de caráter multidisciplinar, no qual vários profissionais podem trazer sua colaboração dentro da disciplina que ministra, tentando entender e abordando de forma mais acolhedora possível o assunto apresentado. A ênfase na questão afetiva e sexual é por entender que a mesma ainda é negligenciada, não reconhecida pela busca da sua aplicabilidade nos complexos escolares.

Cabe ao psicólogo acompanhar as pesquisas atuais, que muito tem contribuído para se entender a sexualidade do ser humano, para que ele seja uma fonte de transmissão deste conhecimento e também ponte para novos esclarecimentos. Estar munido e no domínio do conhecimento acerca das questões sexuais faz parte da função primeira deste profissional, é ele quem trabalha com as funções dos órgãos dos sentidos, os quais captam, percebem, entendem e sentem o mundo ao redor de si.

Pensar na formação de um profissional da psicologia é pensar em muitos desafios e ao mesmo tempo parar para refletir sobre “os conhecimentos” presentes nesta formação. Na maioria das vezes os jovens estudantes não são e não se sentem contemplados em suas “angústias” (PIÉRON, 1987) por “*Mal estar, ao mesmo tempo psíquico e físico, caracterizado por temor difuso, podendo ir da inquietação ao pânico*”, o que acaba influenciando na qualidade do estudo. A

atenção que deveria estar na aula, foge para outros lugares<sup>3</sup>, e, por conseguinte, não mantém a concentração naquilo que está sendo ensinado em sala de aula.

Nos espaços coletivos, não se leva em consideração às angústias, as ansiedades, as curiosidades sexuais, as emoções do estudante como um todo, nem mesmo nos cursos de psicologia, pois os mesmos são entendidos como estritamente pessoais. A questão da sexualidade não é levada em consideração, apesar de acontecer paralelamente ao crescimento intelectual, tratado pelas escolas. Porém está se falando do crescimento no sentido amplo do aluno, todas essas angústias não se dissociam nesse momento, isso pelo ponto de vista que aqui é defendido. A comunidade educativa recebe um grande número de indivíduos vivenciando vários desenvolvimentos e maturidades, não poderia deixar essas questões que completam a educação integral do aluno, pois este jovem está vivendo todo um conjunto de emoções. Nesse momento, seria importante uma disciplina de educação sexual que atendesse desde os primeiros anos escolares e que pudesse dar mais orientações de ordem afetiva e sexual aos estudantes até completar a universidade, e, especificamente, a graduação de psicologia.

Para Castro; Abramovay; Silva (2004) a educação sexual é um direito e o reconhecimento da vivência da sexualidade, que é próprio da humanidade, envolve a orientação sexual, o pensamento, as fantasias, a identidade, o sentir, os desejos, os valores, as crenças, as atitudes e comportamentos. Freud, pai da psicanálise, em sua primeira abordagem psicológica já falou da importância da sexualidade na vida das pessoas e colocou o sexo como principal energia vital.

Ao analisar os currículos do curso de psicologia, verificou-se que foram estruturados visando a garantir melhor preparação aos futuros psicólogos, mas ainda não é suficiente para assegurar uma formação isenta de críticas (Dias, 2001). Segundo Silva (2005), a elaboração dos currículos dos cursos de psicologia, objetiva o conhecimento, não levando em consideração também um de seus principais beneficiários, o estudante, que passa por constantes mudanças psicológicas, fisiológicas e a construção da sua identidade.

É importante ressaltar que os cursos de psicologia, no Brasil, têm sido pautados por bases psicanalíticas (Dias, 2001), na qual a formação da personalidade e identidade do indivíduo é construída por fases (oral, anal, fálica,

---

<sup>3</sup> São situações observadas pela pesquisadora como docente por oito anos em um curso de graduação em filosofia.

período de latência e genital) segundo a teoria psicossexual de Freud (1969), que fala sobre a construção da sexualidade do indivíduo, mas de forma insuficiente para que o mesmo se sinta amparado como pessoa e como profissional para atuar profissionalmente. Uma vez que a maioria dos cursos estão encaminhados dentro desta linha de formação, se faz necessário falarmos um pouco sobre o que é a teoria freudiana.

Essa teoria admite que a sexualidade infantil se desenvolva no ser humano e tem uma função primordial de formas de gratificação libidinal (a libido é entendida como um instinto de vida, uma energia sexual que mobiliza a pessoa a dirigir-se em busca de seus objetivos).

Entende-se ser necessário buscar fundamentos na teoria psicossexual de Freud, porque ela explica o desenvolvimento da sexualidade e assim pode-se, compreender melhor a formação sexual dos adultos. Para entendermos melhor a sexualidade adulta, precisamos percorrer um pouco sobre a sexualidade infantil, a qual precede o exercício da sexualidade na vida adulta.

Segundo Freud (1969),

(...) é certo que na literatura sobre o assunto encontramos notas ocasionais acerca da atividade sexual precoce em crianças pequenas sobre ereções, masturbação e até mesmo atividades semelhantes ao coito. Mas elas são sempre citadas apenas como processos excepcionais, curiosidades ou exemplos assustadores de depravação precoce. Nenhum autor, que eu saiba, reconheceu com clareza a normatividade da pulsão sexual na infância e, nos escritos já numerosos sobre o desenvolvimento infantil, o capítulo sobre o 'desenvolvimento infantil' costuma ser omitido (p.163).

Na primeira fase, a oral, a libido está intimamente associada ao processo de alimentação. A boca é a primeira área do corpo que o bebê pode controlar o que ali for tocado, será sugado mesmo sem fome, a criança succiona a língua, os dedos da mão ou do pé e tende levar à boca qualquer objeto que possa alcançar. No primeiro ano de vida (fase oral), a libido é narcisista, a criança não percebe que os objetos do mundo externo são diferenciados dela, não há distinção do "eu" e do "não eu". O bebê começa a se distinguir do mundo externo através de experiências repetidas de frustração ou satisfação dos impulsos. Tem início, assim, a percepção de que a fonte de gratificação está fora, e o seio começa a ser distinguido como um objeto externo. A energia libidinosa é, em parte, usada na obtenção da satisfação erótica, ou seja, no alívio das tensões do organismo que não pode ser obtido pela simples ingestão de alimentos (Freud, 1969).

Do segundo para o terceiro ano também tem sua importância, pois a criança começa estabelecer ligações com o meio, e novas áreas corporais passam a dar tensão e gratificação. A criança começa a ter controle esfinteriano anal e uretral, é envolta do ânus e no trato digestivo posterior que a libido está localizada neste momento. Para a criança, eliminar fezes (seu primeiro produto) é muito prazeroso e ela ao perceber o interesse dos pais nisso, manipula a expulsão e retenção das mesmas, segundo Freud. Para o autor, a excreção, para a criança, não é compreendida como suja, e sim um produto de seu próprio corpo, que pode ser manuseado e também oferecido como presente as pessoas de quem gosta.

Esta fase é caracterizada pelo complexo de Édipo<sup>4</sup>. Para Freud, todo menino vive esse drama interno, deseja a mãe e odeia o pai e o sente como empecilho. Ao mesmo tempo também o quer bem, estabelecendo atitudes ambivalentes dentro de si. Na menina as relações objetais edípicas estão muito interligadas com a mãe, precisando desligar-se internamente dela para ir ao encontro ao seu objeto de desejo, que é o pai.

Nesta fase, que acontece em torno do terceiro ao quinto ano de vida, é que se dá a “resolução edípica”, chamada de fase fálica, ou seja, os conflitos sexuais são desenvolvidos. Porém dentro de uma complexidade em cuja parte externa nada ou pouquíssimo é considerado, pois é algo que acontece de forma intrínseca. Período em que aumenta o interesse da criança pelo seu próprio corpo, os órgãos genitais começam a ser explorados de forma autoerótica, surge a curiosidade pelo corpo do outro e pelas diferenças do sexo oposto. Aparecem fantasias sexuais e há uma necessidade de exibicionismo. Neste momento, os órgãos genitais passam a ser fonte da libido, o menino sente prazer em manipular seu pênis e a menina o seu clitóris, percebendo as diferenças sexuais.

Durante este período, homens e mulheres podem desenvolver sérios temores sobre a sexualidade (FREUD, 1969). O desejo da mulher em ter um pênis e a aparente descoberta de que lhe falta algo constituem um momento crítico no desenvolvimento feminino, o que falta na sua percepção é o “falo” uma parte a mais no corpo da mulher (FREUD, 1969, p.167). A menina chega a ter atitudes imitativas do menino, como, por exemplo, urinar em pé, mas reconhece a falta de um pênis

---

<sup>4</sup> (Édipo – tragédia grega da peça de Sófocles - mata seu pai, sem saber que ele o é, e quando conhece a verdade, arranca seus próprios olhos)

para tal. A inferioridade do seu clitóris se instala, podendo chegar a ter efeitos no seu caráter (FREUD, 1969).

Na fase fálica, é comum querer a proximidade dos pais, pois há um caráter de excitação maior. A criança percebe que os pais compartilham uma intimidade que ela não participa, começa a sentir ciúmes desta relação, pedindo para ir à cama dos pais, como também quer permanecer mais tempo com eles, querendo evitar que o pai se aproxime muito da mãe e vice-versa.

O complexo de Édipo pode ser uma das causas da homossexualidade, quando a pessoa odiada é o progenitor do sexo oposto e o amado é o do mesmo sexo. Essa troca de objeto amoroso acontece quando o amor do menino ou da menina se transforma em ódio, como consequência de decepções no relacionamento com os pais.

De acordo com Freud (1969), depende de como os pais reagem para se ter uma resolução edípica para ser mais adaptável ao seu meio. Pais compreensivos levam a criança a compreender novas realidades conforme suas necessidades, caso contrário, podem ocasionar dificuldades nos futuros relacionamentos e colaborar na formação de neuroses.

Ao mesmo tempo em que se passa o complexo de Édipo, também acontece o “complexo de castração” segundo Freud (1969). No complexo de castração, o menino teme a desaprovação, vingança e o desamor do seu pai por causa do seu amor incestuoso pela mãe. Esse medo transforma-se e leva a perder a atual forma de prazer corporal, que é o seu pênis. Neste complexo, o nascimento, o desmame e a evacuação de fezes podem ser considerados precursores da castração, pois são fatos interligados à perda do pênis, mas pode ser simbolizada por qualquer tipo de lesão ou separação, como a ameaça de perder o amor de pessoas importantes, o que poderia prejudicar a construção do ego.

Nos meninos a manipulação autoerótica no pênis, alivia a tensão dos impulsos relacionados ao complexo de Édipo. Ao perceberem que as meninas não têm pênis concluem que estas perderam, e que o mesmo pode acontecer a eles, caso continuem com pensamentos incestuosos. Nas meninas, esse complexo manifesta-se através da inveja do pênis. Quando não há uma aceitação da suposta castração, ela pode rebelar-se e comportar-se, algumas vezes, com características masculinizadas.

Entre tantas manifestações de carinhos e carícias nesta fase, a mais frequente é a masturbação, pois descobrem que essa exploração proporciona sensações prazerosas e relaxantes.

Freud (1969) nominou como período de latência, a aparente interrupção no desenvolvimento sexual, voltando sua energia psíquica para o fortalecimento do ego, no qual os interesses sexuais diminuem por causa das sublimações ou formações reativas (consideradas por Freud (1969) mecanismos de defesa) que dominam o comportamento e fazem a criança se voltar para as amizades, jogos, estudos dentre outras atividades. Esse período acontece por volta dos cinco aos dez anos de idade.

É importante que a criança tenha resoluções satisfatórias nessas fases, até mesmo para que encontre motivação, especialmente para a escola, pois o contrário faz com que a criança possa desenvolver comportamentos irritadiços, agressivos, excesso de curiosidade sexual, masturbação excessiva, o que tiraria da escola seu maior rendimento. Durante o período de latência a criança começa a ajustar-se às outras pessoas, manejando seus impulsos eróticos e agressivos para viver socialmente.

Na fase genital, considerada por Freud (1969) a última do desenvolvimento psicosexual, a libido volta a se concentrar nas regiões genitais e com maior intensidade, devido ao amadurecimento físico desta região. O aparecimento dos caracteres sexuais secundários é fundamental no desenvolvimento psicológico nesta fase, que começa por volta de onze anos, chamada de puberdade. Agora os genitais assumem a primazia na vida sexual, enquanto as outras zonas erógenas desempenham papéis secundários e preliminares ao prazer genital.

Uma das realizações psíquicas mais significativas e a mais dolorosa da puberdade e adolescência para Freud (1969, p 214) é “*o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha geração*”.

Nesta fase, a intensidade dos impulsos sexuais é grande e, influencia nos pensamentos e nas atitudes dos adolescentes. Neste momento o organismo está capacitado a realizar sua plenitude, as funções orgásticas e reprodutivas. A quantidade de hormônios sexuais ativos gera ações sexualizadas que podem ser interpretadas pelos adultos como uma exacerbação sexual que precisa ser reprimida.

Segundo Freud (1969),

Em cada uma das etapas do curso de desenvolvimento que todos os indivíduos são obrigados a passar, um certo número deles fica retido, de modo que há pessoas que nunca superam a autoridade dos pais e não retiram deles sua ternura, ou só o fazem de maneira muito incompleta. Em sua maioria, são moças que para alegria dos pais, persistem em seu amor infantil muito além da puberdade, e é muito instrutivo constatar que é a essas moças que falta, em seu posterior casamento, a capacidade de dar ao marido o que é devido a ele. Tornam-se esposas frias e permanecem sexualmente anestesiadas. Com isso se aprende que o amor sexual e o que parece ser um amor não sexual pelos pais alimentam-se das mesmas fontes, ou seja, o segundo corresponde apenas a uma fixação infantil da libido (p. 214).

A teoria freudiana destaca, que se as orientações dos adultos nestas fases de desenvolvimento forem suficientes, de forma verdadeira e eficaz, chegarão à fase adulta com mais tranquilidade.

Sabemos que o sujeito é produto do meio, é consequência de sua história, assim como a história que o antecedeu.

Freud dá um norte, um suporte teórico para entender o desenvolvimento psicosssexual do ser humano. Porém faltam orientações e técnicas mais específicas diante da atualidade e da realidade que cada paciente vive hoje, para se trabalhar dentro dos consultórios. Será que seria esta falta de condições para os psicólogos trabalharem a sexualidade de seus pacientes?

Os pesquisadores compartilham da indagação de Dias (2001) em relação ao alcance da liberdade sugerida neste trabalho, quando se inclui a realidade do cotidiano nesse mundo de conhecimentos, acredita-se que o impacto é bastante significativo à existência do ser biopsicossocial.

Bonet (1998) diz que,

(...) este processo ilusório de alcance de uma subjetividade livre nos leva a negligenciar nossos sentidos, razão e sentimentos na relação diária com os poderes que nos cercam e, portanto, a relação com a verdade desaparece, desaparecendo com ela a nossa capacidade de construir uma subjetividade pautada no que nos é possível construir, dada a correlação entre as forças que nos são inerentes e as que nos rodeiam.

Diante dessas fragmentações da profissão, compreende-se a existência dos inúmeros cursos de especialização em sexualidade no Brasil, que se constitui como um dos caminhos para a busca de conhecimento e da compreensão das sexualidades do nosso meio. E se estabelece como continuação à formação do psicólogo, quando na verdade deveria fazer parte da formação profissional durante a graduação.

## 6. PESQUISA E METODOLOGIA

Nesta pesquisa, tivemos 2 etapas (etapa I e II), que assim transcorreu por não termos ficado satisfeitos com o resultado coletado na primeira etapa. Diante disso, partimos para a segunda etapa para buscar razões que pudessem favorecer mais nosso entendimento.

A opção dos pesquisadores foi por pesquisa qualitativa e de caráter descritivo. A pesquisa qualitativa, segundo Zampieri (2006), está baseada em métodos de coleta de dados sem medição numérica, como as descrições e as observações. Seu propósito consiste em reconstruir a realidade, tal como é observada pelos atores de um sistema social predefinido, podendo desenvolver questões e hipóteses antes, durante ou depois da coleta e da análise.

A ênfase não está em medir as variáveis envolvidas no fenômeno, mas em entendê-la. O enfoque qualitativo busca principalmente a dispersão ou expansão dos dados ou da informação; busca compreender seu fenômeno de estudo em seu ambiente usual, como as pessoas vivem, comportam-se, atuam, pensam, quais são suas atitudes, etc. Envolve coleta de dados utilizando técnicas que não pretende medir nem associar as medições a números, mas como observação não estruturada, entrevistas abertas, revisão de documentos, discussão em grupo, avaliação de experiências pessoais, inspeção de histórias de vida, análise semântica e de discursos cotidianos, interação com grupos ou comunidades e introspecção.

A pesquisa é de caráter descritivo, que, segundo Zampieri (2006), consiste em descrever situações, acontecimentos e feitos, isto é, dizer como é e como se manifesta determinado fenômeno. Do ponto de vista científico, descrever é coletar dados, selecionar uma série de problemas, recolher informações sobre cada uma deles, para assim descrever o que se pesquisa.

Como problema de pesquisa, foi recortado o tema da sexualidade em torno da pergunta: quais as dificuldades do psicólogo clínico para trabalhar com as queixas de disfunções sexuais femininas nos seus atendimentos? Em torno desse questionamento, partiu-se da hipótese de que a falta de uma formação específica e direcionada levaria esses profissionais a negligenciar situações em que a sexualidade surgisse em suas práticas clínicas.

Com base nesta hipótese, foi estabelecida uma proposta de intervenção para um grupo de psicólogos (as) por meio de um curso sobre sexo e sexualidade. E ainda como proposta analisar se este curso daria mais condições para a atuação do profissional nos impasses sobre o tema vividos nos consultórios. Nesta etapa da pesquisa, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- a) elaborar uma proposta de capacitação para o psicólogo trabalhar com as queixas de disfunções sexuais femininas no atendimento clínico;
- b) analisar a habilitação do profissional da psicologia para trabalhar com as disfunções sexuais femininas no atendimento clínico;
- c) informar o psicólogo quanto ao trabalho com as pacientes que apresentam queixas relacionadas à sexualidade;
- d) oferecer técnicas e instrumentos específicos para abordar, diagnosticar, tratar e encaminhar as disfunções sexuais femininas no atendimento clínico;

Com base na literatura apresentada anteriormente que afirmava haver uma lacuna na formação do psicólogo. E ainda por verificar que a maioria dos cursos de psicologia do país não oferece uma disciplina que contemple as disfunções sexuais feminina em teorias, técnicas e tratamentos, é que se considera esta estratégia satisfatória para qualificar os profissionais para lidar com as questões relacionadas com as disfunções sexuais femininas. Foi elaborado um curso nomeado de “capacitação para psicólogos sobre as disfunções sexuais femininas”, ministrado pela psicóloga e mestranda dessa dissertação. Esta capacitação foi de 12 horas de aula expositiva, e aberta para perguntas e debates. Utilizou-se, para tanto, o data show com áudio para a exposição do material, ainda foi utilizado vídeos relacionados ao tema, músicas que trazem na letra a mesma discussão. Participaram como convidadas, duas profissionais da área: Elza Olivete, médica ginecologista e estudiosa das disfunções sexuais femininas, que ministrou uma aula de 60 minutos sobre os aspectos fisiológicos da mulher, e Eveline Campaneruti Esteves, fisioterapeuta, que ministrou uma aula de 60 minutos sobre uroginecológica, exercícios perineal. Este curso foi inteiramente gravado em vídeo.

A divulgação do curso foi feita por e-mail, com contatos cedidos pelo Conselho Regional de Psicologia (CRP-8ª região), e também através de notas no jornal O Diário de Maringá.

Para selecionar os participantes do curso, foram entrevistadas dez psicólogas atuantes em clínica (Anexo I - Entrevista). Foi feita uma entrevista inicial que teve

como objetivo selecionar as psicólogas que iriam participar da pesquisa, pois, estabeleceu-se como critério de exclusão, psicólogas que não tivessem sofrido abuso ou traumas sexuais, e que demonstrassem interesse em trabalhar profissionalmente com esta temática.

O conteúdo do curso realizado foi o seguinte:

- Breve histórico sobre a sexualidade;
- A educação sexual na família, na escola e na mídia;
- Sexualidade feminina na atualidade e suas implicações, causas psicossociais, fisiológicas.
- Dificuldades sexuais femininas: Vaginismo, Anafrodisia, Ninfomania, Anorgasmia, Dispareunia (conceitos, aplicações, diagnóstico, tratamento).
- Considerações no relacionamento a dois;
- Técnicas mais utilizadas foram explicadas e exemplificadas, como: anamnese da história sexual; relaxamento; técnica do espelho; treinamento assertivo; reestruturação cognitiva; exercícios de *kegel*; dessensibilização masturbatória; focagem das sensações; treino de fantasia; coito não exigente; dilatação vaginal; biblioterapia, videoterapia.

Nesta primeira etapa, foram utilizados roteiros para as entrevistas semiestruturadas antes e depois do curso (Anexo I - Entrevistas).

Após o curso, a psicóloga ficou a disposição por dois meses para supervisão dos possíveis casos que as psicólogas estivessem atendendo, ou novos casos que assumissem. A psicóloga não foi requisitada para supervisão conforme havia divulgado no curso de capacitação. Esta supervisão era para tirarem dúvidas que pudessem surgir, fazer questionamentos e esclarecimentos que pudessem aparecer, mediante a explanação do curso. Após completar estes dois meses, elas foram, novamente, entrevistadas com o intuito de averiguar as condições atuais da profissional para atender casos de disfunção sexual feminina. Acreditava-se que as psicólogas, depois de passarem pelo curso, apresentariam condições para trabalhar com suas pacientes com queixas sexuais. O fato de não termos tido supervisões, chamou-nos a atenção, qual seria a razão, estaria tudo entendido, ou ainda faltava

informações sobre o assunto abordado? percebemos que ainda nos faltava elementos para entender o que de fato havia acontecido.

Nas entrevistas da etapa II, após a capacitação, foi perguntado: “Como se sentiu ao participar do curso?” as entrevistadas relataram ter se sentido bem à vontade, porém impressionadas com a quantidade de conhecimento acerca das “feminilidades” das quais não pensavam e também não falavam, e que se passava despercebido. No âmbito pessoal, acharam interessante o conteúdo, muito proveitoso, prático e de fácil aplicabilidade. Relataram não ter tido dúvidas, mesmo sendo um conteúdo que não tinha sido visto na graduação de psicologia, em teoria, técnicas e tratamento. Sugeriram ter mais horas de curso, manifestaram que mediante o que ouviram muito mais reflexões apareceram, desejos despertaram, e o interesse sobre o assunto aumentou, mas também a vergonha de perceberem que não sabiam muitas coisas sobre si mesmas, se deram conta que não se conheciam o suficiente como mulheres e gostariam de mais informações ; relataram ainda que gostaram da metodologia aplicada e do dinamismo do trabalho.

Quando questionadas quanto à satisfação da própria atuação depois do curso, comentaram que se deram conta da importância do conteúdo a partir deste curso, do quanto envolvia conhecimento também pessoal da mulher antes da psicóloga e, do quanto o curso de psicologia é falho nesta questão.

Contudo, nesta entrevista ficou evidenciado que as profissionais não se sentiam ainda aptas para atender esses problemas com seus pacientes, mostraram-se inseguras para tal, tanto que nenhuma assumiu caso clínico com estas queixas, mesmo tendo falado no interesse de atender estas queixas.

A hipótese era de que as psicólogas que passassem por um curso que oferecesse um conhecimento que não tinham, poderiam se sentir preparada para o atendimento, como em qualquer outra área, mas isso não foi confirmado. Assim surgiu a seguinte pergunta: por que nenhuma das cinco psicólogas se sentiu pronta para o atendimento? Quais os aspectos que impediram pôr em prática estes conhecimentos?

O fato de não fazerem supervisão, uma vez que tiveram este espaço, nos alertou que, enquanto conteúdo, pode ter sido pouco, por se tratar de um assunto que fala de tantas “subjetividades” e que ainda toca em questões pessoais, se tratando de sujeitos que são psicólogas e que as mesmas não tiveram orientações sexuais enquanto crianças, adolescentes, jovens e adultas.

Como uma pesquisa de cunho qualitativo, o percurso desta levou a várias outras reflexões, muitas lacunas se abriram. A questão era: se a profissional é uma adulta, pressupõe-se que tem uma educação sexual de cunho informal e ainda uma vivência da sexualidade, o que sugere possibilidades de atender casos com esta demanda, por trazerem um suporte enquanto pessoas, mas não foi isso que ficou claro, as mesmas verbalizaram quando questionadas que não estavam prontas para os atendimentos, pois se sentiam despreparadas, que ainda faltava mais informações, “mais conteúdo”, terminologia utilizada por 3 entrevistadas, e quando questionadas sobre quais conteúdos, colocaram que de maneira geral faltava mais informações sobre a sexualidade como um todo, sexualidade infantil, adolescente, vida adulto e terceira idade. Neste momento, mais um pensamento nos ocorreu, como a sociedade acadêmica na elaboração dos cursos de psicologia não contemplaram este conteúdo, como não foi se atentado para estas questões, como deixar de lado a dimensão sexual na formação de um profissional do qual se espera dele uma orientação? Como se tem permitido que se formem profissionais psicólogos sem estes conhecimentos? acreditando apenas na formação sexual informal?

Na entrevista da etapa II, as entrevistadas falaram menos que na primeira entrevista, foram menos expansivas, se ativeram em responder as perguntas da entrevistadora. Responderam todas as questões, porém, sem muitos detalhes, foram interpretadas como tendo uma ponta de apreensão, a entrevista transcorreu dentro de um clima favorável, tranqüilo, mas sugeria algo que não ficou claro aos olhos da entrevistadora. Ambas entrevistadas tinham uma postura de poucas palavras para quem tinha se proposto inicialmente falar do assunto. Com estes comportamentos, sugeri que, mediante a descoberta de que sabiam pouco sobre o assunto, o mesmo as impactou, pois cientes da cobrança enquanto profissionais, de uma certa forma se esquivaram, possivelmente na tentativa de se protegerem do medo de se perceberem tão despreparadas.

As entrevistas também mostraram que elas não tinham traumas referentes à sexualidade, partíamos do princípio que, se fizessem um curso para adquirir o conhecimento sobre o assunto, estariam embasadas para aplicar o conteúdo, mas não se mostraram aptas para o emprego de tais conhecimentos, e não ter traumas não bastou para terem a liberdade para tratar deste assunto, sugere que é necessário mais conhecimentos e entendimentos sobre este assunto, nos levando a

acreditar que de fato faltava mais respaldo, mas em quais quesitos? Nos indagamos, quais outros aspectos estariam “impedindo” essas profissionais de lidarem com a problemática da sexualidade em sua prática profissional? Diante destas indagações, não paramos por aí, achamos que precisávamos ir mais a fundo para entender o porquê do não preparo apresentado pelos sujeitos desta pesquisa.

A partir dessas dúvidas, iniciou-se uma nova etapa na pesquisa empírica. Para tanto, foi proposta uma coleta de dados com três profissionais que participaram do processo de formação anterior. Nesta segunda etapa, optou-se por utilizar o método de coleta de dados conhecido como história de Vida (Anexo III), visando aprofundar às questões que ficaram em aberto na primeira etapa.

O método história de vida (GAULEJAC, 2005) aponta como objetivo ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador. A narração do entrevistado é uma reconstrução que ele faz de si neste momento da vida, diante de uma observação reflexiva. A história de vida organiza, refaz trajetos pessoais, sociais, reelabora representações e condições de vida que os sujeitos experimentaram na sua diversidade afetiva e emocional.

De acordo com Nogueira (2004), a história de vida propõe uma escuta comprometida, engajada e participativa. Na relação de cumplicidade entre pesquisadores e sujeitos pesquisados encontra-se a possibilidade daquele que narra sua história e experimenta uma resignificação de seu percurso e dá continuidade à construção de um sentido frente a este relato.

Marilena Chauí (1973, p. 20) afirma: “lembrar não é reviver, é refazer”. Ao construir o texto, a narrativa de sua vida, o sujeito dá sentido a este real que está contando, ele se reconstrói. O método começa a partir do desejo do entrevistado de contar sua vida. Pede-se ao sujeito que conte sua história como achar melhor – nos moldes de entrevista não estruturada. Este sujeito é escolhido a partir das relações já desenvolvidas pelo pesquisador no contexto e de acordo com seu desejo de participar. É a partir da relação que vai sendo estabelecido - o vínculo, a confiança, a construção de sentidos – que o método se desenvolve.

No que diz respeito à metodologia, a realização deste trabalho significou um mergulho na experiência da entrevistada com um interesse que se moveu da leitura das suas vivências e experiências à análise da situação de vida. Procurou-se nas histórias de cada uma os indícios, os detalhes, as particularidades e as

singularidades com quais se pudessem compreender a construção de suas identidades (GEERTZ, 2005).

Inicialmente, pôde-se perceber que a recuperação da história se organiza e opera por processos descontínuos que são selecionados pelos sujeitos para relatar ou explicar o passado (GINZBURG, 1991). Para a realização desta pesquisa, também se empreendeu um movimento semelhante, pois foram selecionados acontecimentos, modos de viver do conjunto das entrevistas individuais coletadas, para conhecer e explicar o que se passou com cada uma das entrevistadas. A opção foi seguir a sugestão de Montenegro (2003, p. 150), adotando a postura de uma entrevistadora que evocou lembranças, facilitando um processo capaz de resgatar as marcas deixadas pelo passado na memória.

O tipo de entrevista definida pelos pesquisadores evocava a memória, sendo assim, procurou-se respeitar a “fala” das entrevistadas, ouvindo tudo o que foi descrito com a maior atenção e gravando em áudio. Durante a realização das entrevistas, ficaram atentos para evitar interrupções desnecessárias, ouvindo-as com toda atenção, o que os tornou capaz de entender suas expressões de vida e acompanhar seus relatos. A motivação para a utilização das histórias de vida como metodologia permitiu maior entendimento das razões pelas quais elas não se apresentaram aptas a repassar o conteúdo sobre sexualidade.

Nesta etapa, utilizou-se um roteiro (anexo III) para aprofundar a história de vida das participantes, o convite foi feito por telefone. Para local do encontro, determinou-se a clínica de psicologia e sexologia da pesquisadora. Não foi estabelecido um tempo exato, pois se priorizou a liberdade para falar de forma menos direcionada. Os encontros foram gravados e literalmente transcritos sem alterar/sintetizar as falas.

Aparentemente, três sentiram-se lisonjeadas com o convite para participar dessa segunda etapa. As outras duas procuraram disfarçar o desinteresse, dizendo-se sem tempo para aceitar nossa proposta. Ao final, das três entrevistadas, somente uma ofereceu material para a conclusão desta dissertação. As outras duas, divagaram muito, falando de outras frustrações, as quais não se referiam ao assunto sexualidade.

Os encontros sobre a “história de vida” dos sujeitos transcorreu de forma livre para que o sujeito falasse como entendia sua vida, em alguns momentos tivemos

risos, risadas, tensão que foi representado por interrupção momentânea na fala, silêncio, e até algumas lágrimas.

A seguir apresentamos a “história de vida de um sujeito que nomeamos de S1”, exatamente como aconteceu, e logo a seguir discutiremos este encontro.

## **7. HISTÓRIA DE VIDA DE S<sup>1</sup>: FILHA, MULHER, MÃE... PROFISSIONAL**

A seguir reproduzimos na íntegra a entrevista com o sujeito da pesquisa nesta segunda etapa. Optamos por manter todo o texto visando trazer em detalhes os achados da pesquisa, que serão discutidos no próximo capítulo. Os nomes das pessoas citadas foram omitidos para atender as normas éticas da pesquisa, o fato de não saber o nome dessas pessoas não diminui a riqueza da história.

PESQUISADORA: Esse é um roteiro para entrevista de história de vida. Esse encontro é para você falar mais de sua vida. Preciso conhecê-la melhor quero que me conte da sua vida, vamos aprofundar sobre esse assunto, não temos horário definido para terminar. Fica bem à vontade para falar o que se lembra. Relate para mim fatos que aconteceram na sua infância ou adolescência, relacionados com a sua sexualidade. Conte sobre você desde que era pequenina, como era a dinâmica da sua casa, o relacionamento com seus pais, seus irmãos, quais as sensações que sentia.

S1: Então vamos ver se eu consigo ir contanto desde pequeninha para cá...

PESQUISADORA: É fica bem a vontade vai falando as coisas que você lembra. Eu tenho um roteiro, em algumas coisas que caso você não fale eu vou perguntar...

S1: A, então tá....Quando eu tinha uns 3 aninhos de idade.. Bom primeiro meu pai e minha mãe são assim um casal apaixonado, toda a vida. Eles brigam as vezes, meu pai... minha mãe é super controladora meu pai fica na dele de vez em quando.. mais assim eles são super apaixonados, e a questão da sexualidade deles é muito aflorada, meu pai é tarado pela minha mãe ele é tarado assim, tarado mesmo, ele chega junto nela, na frente de quem tiver, da uns apertos nela, beija mesmo. Ele é muito romântico com ela assim, e ela é muito receptiva a ele. Então desde muito pequeninha a gente sempre teve muito respeito sobre a sexualidade deles. Eles se fechavam no quarto lá, e a gente dizia eles estão brincando de pelado lá e a gente não pode incomodar. Então desde que eu me entendo por gente eles botaram esse limite para a gente.

PESQUISADORA: Existia um espaço deles?

S1: Exatamente mais em contra partida também nunca conversaram sobre sexo, pelo menos não comigo. E minha irmã mais nova eu sei que ela conversa com a minha mãe depois de grande... Porque assim a minha irmã mais nova foi a primeira a perder a virgindade de nos três. Eu lembro da minha mãe falado para ela assim: “Promete para mim que nunca mais vai fazer isso?” E ela tinha 15 anos quando transo pela primeira vez a minha irmã.

PESQUISADORA: Vocês eram em três meninas?

S1: Não o meu irmão mais velho, um ano só mais velho do que eu, eu sou a do meio e ela também é só um ano mais nova do que eu. De nós três tudo muito pertinho né? Ela foi a primeira a... E assim eu lembro que com uns 3 aninhos de idade, na época que a gente era criança a gente.. Todo mundo se explorava. Eu não lembro exatamente o que acontecia e como eu fui convencida a isso. Mais eu sei que um menino me levou para traz de uma arvore na minha casa e ele tirou minha roupa aí o outro menininho que estava lá começou a gritar minha mãe, eu não lembro o que aconteceu, mais foi uma coisa com relação a sexualidade, que ele tirou o piruzinho e .. eu não lembro...

PESQUISADORA: Não lembra?

S1: Eu era muito novinha... Eu não lembro... O menino comeu o cú da S<sup>1</sup>, ele gritava enlouquecidamente e minha mãe: “Que que foi, que que tá acontecendo aqui...” E nisso o menino já estava apertando o meu pescoço, e falando: “O menino comeu o cú da S<sup>1</sup>”... é o que eu lembro... risos...

PESQUISADORA: E o menino tava apertando o seu pescoço...

S1: Sim o menino o outro, o que estava gritando e chamando a minha mãe, estava apertando o meu pescoço e falando que o menino tinha comido o meu cú...

PESQUISADORA: Mais para te machucar?

S1: Eu não lembro.. Eu era muito novinha mesmo.... Eu devia ter uns 3 anos se eu tinha 4 no máximo...Não lembro, assim eu não lembro dele me convencendo a nada...o que eu lembro é o menino 2 gritando... “O menino comeu o cú da S<sup>1</sup>” e apertando o meu pescoço... E minha mãe apareceu na janela: “O que que tá acontecendo?” A bronca que ela me deu, o que ela conversou comigo, nada...Só lembro disso, primeiro episódio assim envolvendo questões sexuais eu tinha uns 3 ano de idade mais ou menos.. Risos...

PESQUISADORA: E você se assustou com isso?

S1: Eu lembro que assim, muitos anos depois eu não gostava que tocasse nesse assunto, era um negocio que me deixava muito culpada e muito envergonhada. Tanto é que a culpa disso passou depois que eu cassei. Apesar de eu não lembrar o que foi, não saber exatamente o que aconteceu, eu carreguei culpa, “por menino comeu o cú da S1”.. Assim... Tanto é que eu nunca pratiquei sexo anal, deve ser por isso que eu... tive 11 anos de relacionamento com o meu ex-marido e nunca tive coragem...Nunca deixei... Não sei se tem relação com isso, nunca deixei... Foi minha primeira experiência e eu lembro assim que eu tinha um sono assim, uma questão noturna muito perturbada, então eu passava assim ia muito para o quarto dos meus pais... Acordava muito de madrugada, e ia chamar minha mãe. E nesse de sair do meu quarto e ir para o quarto da minha mãe eu já vi coisas que até Deus duvida.... Risos

PESQUISADORA: O que que você via?

S1: A assim eu já vi meus pais transando na sala, as crianças dormindo eles vendo filmes...

PESQUISADORA: Transando?

S1: Eu indo para o meu quarto e de repente eu olhava para a sala e tava os dois pelados lá...E na minha cabeça eu pensava que os dois tinham sido assaltados lá.. Os dois pelados eu achava... Eu também não lembro o desfecho, só lembro da cenas deles pelados lá na sala e eu criei uma cena de que ele tinha sido assaltados, eu lembro disso... A e aí meus pais faziam umas coisas que não era legal não... Como eu falei eles tem uma sexualidade animal.. Risos.. E como só no quarto deles tinha ar condicionado íamos eu meu irmão e minha irmã tudo para o quarto deles, e já aconteceu de eu acordar de madrugada, eu meu irmão e minha irmã, tudo na cama deles, e os dois no colchão, transando... Sabe assim tipo eles não vão nem acordar.. Risos... Mais acordava sabe..

PESQUISADORA: Mais e daí, você fingia que não via?

S1: A eu fingia que não via mais não entendia direito né? Era muito novinha... Teve uma vez que eu, depois de muito grande, depois de adulta, depois de ter transado que eu fui entender que eu acho que minha mãe tava fazendo sexo oral no meu pai, ele gozou e ela saiu para cuspir, porque assim, acordei com um barulho assim.. han han han han.... Acordei assim.. Nossa o que tá acontecendo né? De repente minha mãe saiu correndo pelada do quarto e voltou.. ai eu pensei de repente ela foi cuspir sei lá.. Fantasia, não sei... Não tenho ideia, o que eu sei é que

a cena foi essa, não me lembro de mais nada... Então assim teve muitos episódios assim, com relação a isso. E a gente também tinha um vizinho, que ele era pedófilo, ele, e uma vez ele me chamou para ver o cachorro dele, só que ele.. tinha que pular o muro para ver o cachorro dele, então quando eu fui pular o muro ele botou a mão dentro da minha calcinha e a eu não quis mais ver o cachorro dele, eu daí não falei nem para o meu pai nem para a minha mãe, e daí na sequencia uns dias depois ele pediu para minha irmã tirar a calcinha que ele queria ver a perereca dela. Ai minha irmã contou para a minha mãe. Ai que eu fui contar para a minha mãe... A mãe ele fez isso comigo também.. botou a mão na minha perereca, e depois ele tinha pego umas meninas lá e ficado pelado.. Eu sei que ele foi embora fugido de lá... Isso tudo assim, eu era muito pequena... 5, 6 anos que eu lembro da questão da sexualidade assim... E um assunto proibido... Apesar de toda essa exposição, um assunto que não se falava, um assunto que não se tocava. Meu pai sempre foi muito ciumento comigo e com a minha irmã, e sempre trato meu irmão muito como o macho, que podia e devia... E.. Então assim meu irmão, acho que foi ele o primeiro a namorar lá em casa, eu tinha uma namoro assim que eu não podia sair com o namorado, não podia assim, não podia entrar no carro do namorado, não podia fazer nada. Não podia sair com ele. Só podia namorar lá em casa, na sala e aos cuidados dos meus pais, uma coisa bem assim... bem estranha, e minha irmã começou a namorar e minha mãe extrapolava, minha irmã fazia e acontecia no sofá da sala e o meu irmão... Não minha irmã, daí ela começou a transar com o namorado dela. Eu não podia, nem entrava no carro do meu namorado, e ela começou a transar com o namorado dela e contou para a minha mãe, pra que que ela foi contar para a minha mãe, minha mãe, não: "Promete que nunca mais vai fazer isso, não pode é pecado, se confessa, você não pode fazer isso e tatatata..." Eu sei que foi um namoro de quatro anos que ela teve dos 15 aos 19 anos, que a coitada ficar 4 anos sem saber se dava ou se não dava para o namorado dela, risos, foi terrível... E ao mesmo tempo que a minha irmã não podia dar para o namorado dela, o meu irmão levava a namorada dele em casa, ficava com a namorada no quarto dele e ela era mais nova do que minha irmã a namorada dele, tinha 14 anos, ficava no quarto dele, fazia e acontecia no quarto dele e meu pai dava dinheiro para ele ir no motel e dava dinheiro para ele comprar camisinha e dava dinheiro para ele.. incentivava o meu irmão a transar com a menina de 14 anos e a filha dele de 15 anos não podia nunca

mais transar com o namorado dela, e eu não tinha nem sexualidade porque eu não podia nem entrar no carro do meu namorado.. risos

PESQUISADORA: Eles te proibiam?

S1: Não deixavam... Não deixavam não sei uma coisa estranha... Tem um negocio na história da família que eu me lembro da minha mãe que até hoje eu não sei se era verdade... Dizem que o meu avó que é vivo até hoje, ele ensinava para as meninas que homem era safado, era uma tara dele na verdade, olha o que ele fazia... Dizem.. não sei se é verdade minha mãe nunca me falou isso... Dizem que ele vinha de pinto duro, mostrava para elas o pinto duro, botava a mão no peito delas, mexia com ele e dizia, “homem gosta é disso oh!, Olha como homem fica, só isso que eles querem...” Na verdade assim.. risos.. era alguma tara que ele tinha ali e...

PESQUISADORA: Mais não fazia mais nada?

S1: Não, não fazia nada além disso... Era uma coisa que ofendia muito elas ali porque as tias que me contaram me contaram chorando... Minha mãe morreu negando.. “Não nunca, não! Não teve nada disso não!”.

PESQUISADORA: A tua mãe não assume isso...

S1: Não a minha mãe nega, Nega... Meu pai fala que não sabe... Nunca.. eu tenho 31 anos de idade, eles nunca conseguiram falar com ele sobre isso... O que eu sei é de informação de um de outro assim.... Das tias, de primos que a minha mãe contou, mais a verdade eu não sei... Mais tem essa coisa assim da sexualidade.. assim, que já vem mal resolvida dali de traz e ai , então é isso, e ai com 19 anos eu tive a minha primeira experiência sexual, transei a primeira vez com um vizinho meu porque eu era apaixonado, lindo o cara mais lindo do universo... Mais eu quase morri de dor eu quase morri de dor!!!! E eu disse nunca mais.. Mais doeu demais demais e sangrava aquele negocio... Eu disse não quero nunca mais e também depois eu nunca mais quis ver ele na minha frente... Nunca mais...

PESQUISADORA: Mais vocês namoravam? Paqueravam?

S1: Não assim, a gente teve... Como a gente cresceu ali junto a gente teve uma história assim.. Eu era apaixonadinha por ele a gente ficava algumas vezes e aquela vez, eu tinha acabado de passar no vestibular e agora vai, eu quero ver minha mãe me encher o saco, tomei um porrete junto lá, a gente tava saindo direto e ai a gente transou, mais ai eu sentia muita dor, muita dor.. ele dizia: “Abre a perna não dá para chegar perto de você...” Ele falava que eu fechava a perna... E eu acho

que fechava a perna e fechava tudo porque foi uma dor assim... E aquilo se repetiu  
PESQUISADORA: , eu tive essa experiência com ele e depois comecei a namorar um cara transei com ele e desisti também foi somente uma vez ai eu falei não, acabou... Quase morri..

PESQUISADORA: Pela dor?

S1: Sim, pela dor... Ai eu disse nunca mais, nunca mais, nunca mais... Ai comecei a namorar o JUNIOR, e a primeira vez que a gente transou foi um terror também... Além dele ter sido muito estúpido comigo, doeu demais, doeu absurdamente, e um pintinho desse tamanho assim, ai eu disse como é que pode... o problema é comigo.. risos... não é tamanho de pinto o problema sou eu.... Ai, comecei a fazer terapia...

PESQUISADORA: E você já tinha quantos anos?

S1: Tinha 20, 21... 20 anos quando eu conheci o marido dos 19 para os 20 anos... E assim, muita dor, muita dor.. Muita dor.... Toda a vez que a gente transava morria de dor, toda a vez... Foi uns 2 anos e eu morrendo de dor... E esqueci isso de mim.. Uma hora vai dar certo, uma hora vai dar certo.. E eu não sabia porque tinha orientação da minha mãe, as minhas amigas adoravam dar, menos eu...

PESQUISADORA: Vocês comentavam? Conversavam?

S1: Sim, sim e eu sempre dói demais dói demais dói demais... Ai eu comecei a fazer terapia com uma psicanalista Dr<sup>a</sup> X, que trabalha junto com a Y, que inclusive, olha como a minha mãe era controladora, a minha mãe só deixou eu fazer análise com ela porque ela era amiga... cunhada de uma grande amiga dela, minha mãe mandou fazer com ela.

PESQUISADORA: Ainda bem que ela é uma boa profissional...

S1: Graças a Deus! Ai comecei a conversar com ela sobre isso né.. Ai ela disse que na verdade eu que não deixava entrar, eu que não deixava entrar, ficava forçando por isso que doía... Ah.. não tinha pensado sobre isso... E depois disso melhorou um pouco assim, sabe... Mais volta e meia voltava, conforme dava uma crise no namoro, voltava. Ai casei, ganhei neném ai não conseguia doía, levei uns meses... E a questão do orgasmo assim foi um negocio que demoro muito para acontecer.. tendo relação sexual com ele.. Na verdade eu fui saber o que era orgasmo aos 18 anos em Curitiba conversando com uma amiga minha, ela disse é assim, assado, ela disse... eu disse é assim? Eu sei o que é isso então, eu já tive isso então! Eu já tive esse negócio ai... Que quando eu era criança uma vez eu tava

na escola e eu senti de um jeito que apertou e eu senti ai que gostosinho, e dava um negocinho assim.. e sentia que era gostoso e dava eu negocinho assim, eu nem sabia o que era isso.. mais de vez em quando eu fazia aquilo e achava aquilo uma delicia... E aquilo eu não sabia o que era.. nunca soube, minha mãe nunca conversou comigo, minhas amigas lá de Cruzeiro tapada que nem eu, nem falava sobre isso, fui falar sobre isso em Curitiba, em Maringá. Uma amiga minha disse que orgasmo é assim, não sei o que... assim assado, então eu sei o que que é isso, eu sei o que que é. Mais assim eu nunca tinha me masturbado, sabido o que era assim, tanto é que a questão de masturbação mesmo em si foi muito depois que eu casei, alias foi até uma amiga minha que disse S1 você precisa se conhecer, você precisa se conhecer. Ela meu, ensinou o jeito que ela fazia para eu poder fazer para entender como é que era... para poder ter prazer... Você faz assim, assim, assado para você ter prazer... É assim? É você vai fazer assim... vc tenta e depois você vai me falar.. Risos...

PESQUISADORA: E você tinha que idade?

S1: Foi agora esse tempo ai, 30 nos de idade já...

PESQUISADORA: Então nesse tempo você só se mexia para ter prazer?

S1: É... ficava apertando assim as pernas... nem sabia o que que era... Não tinha nem ideia, ficava apertando e de repente... Tinha uma sensação gostosinha assim, não sabia o que que era... E quando essa minha amiga de Curitiba explicou o que era orgasmo eu falei ouuu, deve ser isso, na verdade eu fui associar muito depois uma coisa com a outra. Mais assim com relação a minha sexualidade eu... foi desse jeito, desde que eu me entendo... sempre muito sem entender direito. E na verdade, o MARIDO nem sei se ele teve paciência, sei lá o que que era, ou se ele tinha um prazer nessa minha dor.. Na verdade ele esperou bastante para a gente ter uma relação sexual prazerosa o tempo todo... Porque era sempre assim: Doendo, Doendo, Doendo, Doendo, Doendo, Doendo, a tá doendo menos agora, da para fazer direitinho...

PESQUISADORA: Tinha carinho? Caricias?

S1: Tinha, na verdade o MARIDO, tanto o MARIDO quanto o primeiro que eu tava lá bêbada, na verdade assim, homens muito inexperientes, o MARIDO desde que eu me lembre ele gozava muito rápido, mal começava assim, já pufi. Só que era um negocio que me deixava puta assim, muito estressada com isso. Eu falava "Put

que pariu!” e ele dizia “Vai ficar nervosa, vai ficar irritada?” Vou ficar nervosíssima, irritada, não quero nem olhar para sua cara, ficava muito brava...

PESQUISADORA: Mais sendo um jovenzinho, vocês não tentavam novamente?

S1: Ele ficava com aquela coisa mole lá, eu ficava com raiva também e desistia.

PESQUISADORA: Demorava para voltar a ereção?

S1: E demorava e eu ficava com raiva também, ficava frustrada. E depois que eu tive a FILHA1 minha filha, eu comecei a perceber que ele tinha uma coisa, tinha uma coisa na internet, de ficar se masturbando na internet, mais também nunca falei com ele e isso me fez afastar ainda mais dele. Ai eu comecei a conversar com ele, perguntar se ele estava se masturbando muito, ele falava que não, ele negava, ai eu dizia a então porque você não me procura, a porque eu não tenho interesse, não tenho desejo, e isso foi me deixando cada vez pior, cada vez pior e isso foi me deixando assexuada assim, sabe? Eu falava eu sou uma fria mesmo, sou uma sem graça, não tenho graça nenhuma na cama com ele então, por isso que ele prefere ficar lá, batendo punheta na internet né? Então desisti, desisti de ter qualquer coisa com ele, foi quando ele.... (toca telefone).... Pode continuar? Ai então eu fui negando a minha sexualidade e ele, começou a beber e quanto mais ele bebia eu acho, mais interesse ele tinha pela internet... Ai ele sempre viajou muito, resolvi engravidar da segunda filha, daí a gente se afastou ainda mais, mais quando eu tava grávida, na segunda gravidez, quando eu estava no quinto ou no sexto mês, ele desenvolveu uma tara assim por mim que eu fiquei, com medo até, ele começou a pegar filme pornô para assistir comigo, eu nunca tinha assistido filme pornô, ai eu comecei a assistir filme pornô, filme de posições assim e eu com aquela barriga, ai eu disse gente, eu não dou conta não... Ele ficou um tempão, ai chegou uma hora e eu falei assim, MARIDO, depois que eu ganhar o neném, passar o resguardo, que eu vou passar um período desinteressada por você, você volta a pegar esses filmes, que agora eu tô barriguda, eu tô... Ele ficou uns 2 meses fazendo isso, olha eu já tô barriguda demais e não tô mais conseguindo acompanhar esse ritmo eu tô grávida... risos...bem grávida eu não consigo mais acompanhar esse ritmo de filme pornô ai não, então faz isso, quando passar os resguardo você volta a fazer isso de novo, ai ele disse a, então tá bom... foi o combinado que a gente fez... Mais ai ele se desinteressou por mim assim... de um jeito assim de descaso mesmo, de destrata

de deixar, né? Tanto é que a FILHA 2 nasceu prematura né? Eu tive um sangramento eu falei com ele e ele disse, a... vamos dormir e amanhã a gente vê isso... Ai no amanhã ele viajou e me deixou com o sangramento sozinha, Ai eu fui sozinha para o hospital fui sozinha no meu médico, ai eu liguei para o meu pai e para a minha mãe e ai a bolsa rompeu e não teve como né? O descaso dele... Depois disso eu não sei o que que foi, o que aconteceu, se foi o desespero dele, se foi o descaso, porque ele já estava tão voltado para a internet, nessa fase que ele já estava começando a falar com todas as minhas amigas, fazendo de conta que era eu, falando de masturbação, com alguma falando que era ele, dizia que não tinha controle sobre isso, pedindo ajuda mais que pelo amor de Deus não falasse comigo. Então nesse período depois que eu engravidei da segunda filha, foi assim o período que ele... Que daí a gente se afastou mesmo com relação a sexualidade... e que ele desenvolveu assim essa coisa, talvez um desespero dele talvez, nessa fase que eu estava grávida hoje eu penso, não tem que ser ela eu vou dar um jeito de me sentir atraída por ela, ai com essa barriga, vamos ver filmes junto, só que doeu, daí chegou um período que eu não aguentava mais e daí eu não conseguia mais acompanhar o ritmo dele, não conseguia mesmo, tanto que o meu neném nasceu pré-maturo, eu tinha muita contração, tinha muita cólica, e... Desde então foi isso, mais quando eu descobri que ele tinha... porque eu sempre me achei muito problemática com relação a minha sexualidade, sempre me achei muito fria, sem graça, nunca quis fazer as coisas muito diferente, sei lá.. Mesmo a FILHA 1 no quarto dela, mesmo a FILHA 2 no quarto dela eu falava a... Se elas escutam, eu sempre fechei a porta, mais como eu tinha essa lembrança de ver meu pai e minha mãe, eu falava ai que coisa desagradável, sempre achava ruim... Ai quando eu descobri que ele tinha esse vício pela masturbação e tinha essa coisa de ficar na internet eu me sentia aliviada, gente... eu sempre achei que eu era tão cheia de problema com a minha sexualidade.. Ufa, não sou eu, é ele... risos... Então eu casei com uma pessoa, então você vê, como que a gente vai se juntando né? Eu toda dificultosa para fazer as coisas, casei com uma pessoa que é toda voltada para si mesmo com a sexualidade, então assim, fiquei mais fechada ainda né? Foi muito difícil, então esse casamento, para a minha sexualidade, esse casamento foi muito ruim, porque eu já era insegura, ainda casa com uma pessoa desse jeito, então quando eu descobri esse mania dele de ficar batendo punheta eu falei: Ufa! Tanto é assim, que eu emagreci 10 quilos, que eu me senti tão leve que... que até a banha

foi embora, foi um negócio assim que... Ufa! Deus obrigada, que alivio... risos... o problema não sou só eu... o problema não é só comigo, graças a Deus... Tanto é que eu falei para ele, ainda bem que eu descobri essa merda sua ai, porque eu tô me sentindo leve, muito leve! E depois disso, depois que eu descobri esse podre dele, nem sei o que é... eu tentava tanto conversar com ele sobre isso, e ele falava que era tão fechada e depois disso que a gente se separou as vezes que a gente transou, foi muito mais gostoso, muito mais intenso, porque parece que eu me permitia me soltar...

PESQUISADORA: Depois que vocês se separaram vocês continuaram se encontrando?

S1: Isso, Isso! Agora não mais... Eu dei um basta porque ele estava me machucando muito. Mais assim, a gente se separou em fevereiro até maio mais menos a gente tava sempre saindo, e sempre transando assim, até muito mais do que a gente transava do que quando a gente era casados, duas a três vezes na semana a gente dava um jeito de... E era muito intenso, muito gostoso sabe, de um jeito que nunca tinha sido antes, eu não sei se eu nunca tinha me permitido entregar para ele, ou se ele como ele tinha esse segredo, nunca tinha se permitido se entregar para mim ou se foi as duas coisas...sabe? Mais foi um negocio estranho sabe, depois que a gente se separou que a gente conseguiu ter uma relação sexual intensa, sabe assim? Eu só parei de sair com ele porque estava me machucando assim no sentimento afetivo, no sentido sexual estava sendo muito bom.... tava sendo encontro muito gostosos assim, mais é isso que eu tenho assim para falar de bate pronto sem você me perguntar assim... Se tiver mais algum questionamento que você tenha para fazer...

PESQUISADORA: E... como você vê a sexualidade hoje?

S1: Hoje? A minha? Ou de maneira geral?

PESQUISADORA: As duas de maneira geral? A sua e de maneira geral..

S1: De maneira geral eu vejo que assim, a sexualidade, de maneira geral, principalmente para o casal, seja o casal de que tipo que for, eu acho que ela é a base da afetividade, eu penso que antes de qualquer outro problema a gente tivesse sido muito honesto um com outro com relação a sexualidade, tivesse conseguido comungar dessa questão junto, eu acho que o nosso relacionamento poderia ter sido muito melhor... porque eu percebi que no período que a gente tava tendo uma vida sexual mais ativa era o período que a gente tinha mais carinho e mais cuidado

um com outro. Como relação a minha sexualidade eu percebi que de fato, igual a minha amiga tava me ensinando, o fato de eu ter me masturbado, me conhecido, me favoreceu nas vezes que eu fui transar com ele depois, depois de eu ter feito isso, entendeu? Eu acho que é isso. Eu acho que é extremamente importante.

PESQUISADORA: E como mulher você se vê como? Hoje?

S1: Como mulher? Hoje? Sei lá.. Eu me vejo buscando, sei lá, a minha independência afetiva, emocional, sexual e financeira, sei lá. Hoje eu tô travando essa luta, eu vejo assim...

PESQUISADORA: Em busca de todos esses aspectos?

S1: Em busca de todos esses aspectos. Como mãe eu vejo que eu só tenho melhorado também, acho que é isso..

PESQUISADORA: E para você, você tem um referencial, assim, como mulher você se sente bem hoje?

S1: Quase bem.

PESQUISADORA: Quase bem? O que é isso quase bem?

S1: Quase bem é que é assim, eu sempre fui muito insegura comigo mesmo... Em relação a tudo, a tudo mesmo... Como pessoa, com relação a minha aparência, com relação a minha capacidade, com relação a minha inteligência, com relação a maternidade, tudo, tudo... Eu sempre fui muito insegura com relação a tudo e hoje eu tô quase ficando segura, "quase", ainda estou quase ficando segura, ainda estou insegura, mas eu já me sinto melhor, acho que é isso...

PESQUISADORA: Você fez quanto tempo de terapia?

S1: Somando tudo assim, devo ter feito uns 4 anos, porque eu fiz 2 anos em Curitiba, e depois eu fiz um ano e meio quase dois anos com a Dr<sup>a</sup> XX, e depois eu fiz aqui com o PSICOLOGO, mais uns dois meses mais ou menos... Deve ser uns 4 anos..

PESQUISADORA: Então você se casou e ficou quanto tempo casada?

S1: Cinco e meio.

PESQUISADORA: Cinco anos e meio, só com ele? Ai você se separou? Faz quantos meses?

S1: Cinco meses.

PESQUISADORA: E você está tendo atividade sexual, relação sexual com alguém?

S1: Não, não si com ninguém, eu nem tô saindo na verdade porque meus pais eles continuam do mesmo jeito, eu tô morando lá com eles e se eu saio ela briga comigo, fala que eu sou irresponsável...

PESQUISADORA: Por causa das filhas?

S1: É por causa das filhas, que eu tenho que cuidar, se eu pensar em conhecer alguém acho que eles vão enlouquecer. Na verdade eles têm muito preconceito por eu ter me separado, apesar de eles estarem me acolhendo muito bem, eu vejo assim que eu me tronei um problema para eles porque eles querem resolver a minha situação, então assim...

PESQUISADORA: Eles pedem para voltar com o MARIDO?

S1: Não, Não de jeito nenhum, Não de jeito nenhum meu pai pegou horror ao MARIDO assim, eu até me sinto mal, né? Porque ele é pai das crianças né? E ele tá ali de vez em quando, de vez em quando não, ele tá ali com muita frequência, né? É bem chato assim né?

PESQUISADORA: Ele tem atendido as crianças?

S1: Tem do jeito dele, agora ele tá lá em São Paulo, do jeito que ele mais gosta, aquela feira de calçado lá... Ele liga para as crianças todo o dia, só para deixar elas com mais saudade dele, elas não falam o que elas querem falar ele liga com pressa já para desligar e elas: “Ai, papai, papai!!!”, ele liga rapidinho e diz papai não pode falar, liga rapinho mais liga.

PESQUISADORA: E você tem vontade de voltar com ele?

S1: Olha, eu tinha, tinha muita vontade de voltar com ele, porque eu achava que a gente podia resgatar a nossa relação porque eu via assim, que foi um conjunto de problemas que a gente não conseguiu resolver, que não foi falta de amor, nenhum momento sabe? Só que eu vejo ele tão satisfeito longe da gente, tão bem que eu falo: “Poxa vida”, então eu acho que eu posso me reestruturar e ficar longe dele até conhecer alguém, si lá não tô falando que eu não tô preparada ainda para conhecer alguém, acho que eu nem quero...

PESQUISADORA: E você tem se masturbado hoje?

S1: Esses dias eu me masturbei, porque eu estava sonhando noites seguidas que eu estava tendo orgasmo então eu falei acho que eu tô precisando fazer alguma coisa.. risos

PESQUISADORA: A então você não colocou na sua vida?

S1: Não, não coloquei, não coloquei... risos...

PESQUISADORA: E você fala sobre sexualidade com alguém?

S1: Hum... não.. As vezes a FILHA 1, ela está com 5 anos, as vezes ela pergunta assim alguma coisa e ai eu falo assim bem a vontade. Esses dias ela me perguntou se o pipi do MENINO 3 tinha pelo igual ao pipi do pai dela, ai eu falei que não que era um pipi de criança...risos...

PESQUISADORA: O MENINO 3 é quem?

S1: É um menino que ela gosta, da sala dela... risos.. Ela já tá assim com uma perguntas bem....risos.

PESQUISADORA: E assim como ela faz essas perguntas como você se sente?

S1: Ahhh, eu procuro satisfazer, procuro responder o que ela me pergunta. Esse dia ela também me perguntou, perguntou, perguntou, perguntou, perguntou, que até que eu cheguei na hora que eles ficam pelado ficam se abraçando se beijando e fica perto da perereca, ai ela parou de perguntar assim, ai eu falei tem mais alguma coisa, mais alguma dúvida, quando você tiver você pode me perguntar assim... O que ela pergunta eu respondo... Procuro responder com a maior naturalidade possível porque.. risos... porque eu quero que ela pergunte para mim quando eu tiver por perto né? Porque se ela for perguntar pro meu pai ou para minha mãe ela não vai ter resposta não....

PESQUISADORA: Eles não vão responder?

S1: Eles podem até responder, mais de uma forma que vai deixar ela confusa. Porque quando eu era criança eu lembro que e perguntava alguma coisa assim para eles, e não ter sido respondido... acho que eu levei até um bronca... sabe? Quando eu tinha a idade dela mais ou menos. Eu perguntei alguma coisa sobre ficar pelado... Eu não lembro...Eu sei que tava no carro, meu pai e minha mãe na frente e eu e minha irmã atrás, e eu debrucei assim e perguntei, não lembro o que mais tinha a ver com sexualidade, e eu levei um fora, e eu também nunca mais perguntei...

PESQUISADORA: Se fecho daí?

S1: Eu nunca mais perguntei, nunca mais assim...

PESQUISADORA: Como profissional hoje? Você está se vendo como? Você tá atendendo em clinica não?

S1: Não tô. Não tô. Não consegui, eu liguei para e pessoal e tal, tô querendo voltar e não sei o que... Tenho uma amiga que deixou locar a sala dela, tenho duas

alias. Na verdade duas pessoas ligaram para eu atender e eu tava ainda muito mal assim sabe...

PESQUISADORA: Você tava atendendo ai você parou?

S1: É. Parei de atender, ai duas pessoas me ligaram para eu atender, recentemente, recentemente assim em maio mais menos, e eu não quis atender.

PESQUISADORA: Você parou por causa da sua separação sua?

S1: Não, na verdade o que aconteceu? O MARIDO, ele é uma pessoa que assim, ele trabalha, ele tem o dinheiro dele, embora ele tivesse uma família, ele acreditava que o dinheiro dele era dele, e a minha caçula, quando ela nasceu, ela nasceu prematura, então eu precisei ficar com ela assim, dois meses assim, dentro de casa, e quando ela tinha um mês a gente descobriu que ela tinha alergia a proteína do leite e a gente descobriu também que o contato na pele dela, então se alguém comesse e colocasse a mão nela, ela tinha toda a crise...Ai eu voltei a trabalhar, a mãe do MARIDO é doida ela fica recebendo espirito, eu voltei a trabalhar e ela ficava com a mãe dele.

PESQUISADORA: Você voltou a trabalhar no que?

S1: Na clinica, voltei a atender os pacientes que eu atendia antes de ganhar neném, eram poucos, assim, 5 ou 6 pacientes mais assim, era o que tinha para eu atender era o ritmo ali, era a demanda que eu tinha... Não tinha mais do que isso, depois que eu ganhei ela voltei a atender, a FILHA 2 ficava lá com a mãe do MARIDO, e a mãe do MARIDO era muito maluca, uma querida, um amor mais doida, doida, doida, a família do MARIDO é toda doida, doida, todos desestruturados, e com essa alergia dela eu fiquei com medo eu disse sua mãe com essa alergia dela vai, sei lá, é perigoso demais, vou deixar não. Porque ai tudo eles perguntava, fez 3 meses, pode dar um chazinho, pode dar não sei o que, pode dar não sei o que, pode dar não sei o que... Eles tinham mania de dar coisas para a neném experimenta, e ela alérgica do jeito que era, eu ficava com medo delas ficarem dando. Então eu falei, olha MARIDO eu não vou trabalhar não vou ficar cuidando dela a hora que ela melhora eu vou trabalhar. Então tá bom. Mais ele ficou puto na verdade! Porque assim, por menos dinheiro que eu ganhasse eu tinha o meu dinheiro para pagar meu combustível para pagar meu salão para fazer as minhas coisas, sem ter que ficar pedindo para ele. Por mais que ele que sustentasse a casa, eu pagava a lavadeira, eu conseguia fazer as minhas coisas... Ele ficou muito... Ele vendeu meu carro, e deixou sem carro, tirou a lavadeira, me deixou sem

a lavadeira, então ele foi tendo atitudes que me mostraram poxa vida, eu não posso depender dele... risos.. mais eu precisava, a neném depende de mim, a mãe dele é maluca, a criança não pode ir para a escola o medico já pediu que ela não pode ir para a escolinha, não pode ir para creche, não pode ir para lugar nenhum... então desde que ela fez três meses que eu voltei a trabalhar e vi que não iria funcionar com a mãe dele eu desisti, ai eu falei para os meu pacientes que não vai ter como, eu falei é assim, assim, assado e eles tinham ficado um período já sem mim, porque ela tinha nascido de repente e eu tinha consulta tinha paciente para atender ai eu liguei e disse tô no hospital e vai nascer tô com a bolsa rompida e Meus Deus! Calma tá tudo bem... Ainda conseguia falar né.. porque daí quando entrou o trabalho de parto mesmo... liguei logo cedo para eles para avisar que eu não iria poder atender... Ai eu fiquei desde então sem trabalhar... ai depois que a gente se separou... ai teve paciente que ligou que eu atendi um pouquinho...que era paciente antigo, mais depois eu desisti também... Que daí foi muito difícil né? Eu já lá toda insegura toda desestruturada, quebrada no meio.. E ele queria que eu trabalhasse mais nunca me deu estrutura... Desde que a FILHA 2 nasceu, a mais velha eu trabalhava e não podia deixar.. ele não deixava eu pagar uma babá, tinha que deixar com a mãe dele, só que a mãe dele é maluca. A mãe dele é uma pessoa assim, sabe aquelas mulheres histéricas que desmaiam? Ela é assim... Ela dá uns negócios nela lá.. e eu nem sei se existe esse negocio de espirito ou se não existe, só sei que a mulher recebe espirito, entendeu? E ela fazia isso na frente da LETICIA.

PESQUISADORA: Que idade a FILHA 1 tem hoje?

S1: Hoje a FILHA 1 tem 5 anos. E a FILHA 1 é uma histérica assim...daquelas de dar piti... a FILHA 1 tá em terapia, já tem um ano já. Não gente alguém tem que resolver isso... mais é isso assim...e ai a FILHA 2 nasceu... (PAUSA) O período que eu amamenteei tanto a FILHA 1 quanto a FILHA 2 eu nunca deixei ele mexer nos meus peitos assim. Me dava mais gastura ainda me dava mais aflição mais é... quando a gente, quando nós dois no período que nos ficamos separados eu deixava ele mexer e chupar e ele falava que saia leite na boca dele mais ele nunca falava que ligava, eu falava gente acho que eu ia morrer de nojo e ele não ligava...

PESQUISADORA: E você não tinha mais gastura nesse período?

S1: Não, não tinha.

PESQUISADORA: E você tinha desejo?

S1: sim, ele mexe-se muito.

S1: As vezes, eu tinha mais gastura do que prazer...

PESQUISADORA: Mesmo agora?

S1: Não agora não.. Depois não...

PESQUISADORA: Então nesse período...

S1: É era mais quando a gente tava casado, talvez uma rejeição com ele, sei lá...Mais eu tinha muita gastura que ele mexe-se.. muito nervoso assim....

PESQUISADORA: E você, tinha prazer agora nesses últimos tempos?

S1: Tinha, tinha...

PESQUISADORA: Tinha desejo também?

S1: Tinha vontade de estar transando com ele. Mandava umas mensagens para ele, ai, vamos dar um jeito, umas mensagens assim.. bem...

PESQUISADORA: Então aquela coisa que a prolactina inibe o desejo, não funcionou? risos

S1: É... não funcionou não...

PESQUISADORA: Tinha outras importâncias...

S1: É que na verdade assim, mesmo no período que ele me rejeitava assim mesmo quando ele me deixava de lado, o MARIDO sempre teve essa coisa de preferir se masturbar, ele sempre me deixou 50, 60 dias sem me procurar para transar... E eu tinha vontade, ficava sempre com vontade não me masturbava mais ficava sempre com vontade, isso me perturbava mais ficava sempre com vontade, ele chegava de viagem, chegava na sexta-feira, ficava o final de semana em casa, eu morrendo de vontade, e ele não chegava nem perto de mim. Mais quando ele tava bêbado eu também não chegava perto dele não, porque ai ele tava bêbado, na sexta, no sábado ele dormia o dia inteiro, bebia no sábado, ficava até de madrugada na internet e domingo ai eu já estava desanimada dele já.. Assim, mesmo amamentando mesmo de resguardo eu tinha desejo das duas... Os quarenta dias lá que pedem para a gente não transar, nas duas eu tive vontade, comigo não tive essa coisa de inibe o desejo não, foi mais uma coisa de não ser desejada mesmo, e acabei que não me manifestei... mais nunca tive não, esse negocio de prolactina, não teve muito a ver não...

PESQUISADORA: E hoje você morando com seus pais, eles percebem que você estava saindo com o MARIDO e de alguma forma eles se mostraram contrários ou não?

S1: Não se mostravam contrários, mas a mãe sempre deu um jeito de me julgar muito irresponsável nesse sentido, assim... Apesar de eu ter 31 anos de idade, ela me tratava assim: “Não vai engravidar! Não pode engravidar agora, você está se prevenindo?” Assim eu não falava direito com ela, eu nem gosto de falar com a minha mãe sobre mim, porque a minha mãe é uma pessoa que me cobra demais que me julga demais e graças a Deus sou muito diferente dela, tudo que eu faço ela questiona porque eu fiz disse jeito e não do outro. Então assim, ela me questionou porque ela questionaria qualquer outra coisa que eu fizesse. Se eu tivesse saindo com outra pessoa ela iria me questionar do mesmo jeito, até mais... E assim e meu pai, meu pai é uma pessoa muito afetiva e eu quero seu bem: “Se você quiser voltar com o MARIDO eu apoio”, mais com a minha irmã vivia reclamando: “O MARIDO tá sempre vindo aqui, que saco, fica bebendo a minha cerveja”. Ai minha irmã: “O pai não quer que o MARIDO vai mais lá...” Poxa, eles falam que eu tô morando aqui, que para mim se sentir em casa, mais não posso fazer nada... É bem estranho assim, mais é o jeito deles... Não posso reclamar eles me acolheram ali, eu não posso reclamar né? Mais é isso assim com relação a sair com o MARIDO ao mesmo tempo que eles se posicionaram contra na verdade eles acham também uma solução para “separada”, sabe? Minha mãe tem duas irmãs separadas, e as duas se deram mal, uma foi para o crack e teve uma filha adolescente que teve um filho, então ela, assim, teve assim... minha tia tem 40 anos, tem uma filha de 20 que tem um filho de 5. 6, tem um filho de 6, que é a que se separou.. E a outra que se separou a minha mãe até hoje tem que dar dinheiro para ela, então eu acho que ela ficou com uma fantasia que eu possa ficar assim sei lá...

PESQUISADORA: Ir para o mal caminho também?

S1: E meus irmãos também, desde que eu mudei para a casa dos meus pais, eles estão absurdamente agressivos comigo, coisa assim, que...

PESQUISADORA: Porque? Eles não concordaram com a separação?

S1: Não sei, eles adoraram que eu me separei, eu acho que o que eles não gostam é que eu estou morando na casa dos meus pais, não sei o que acontece, eu sempre tive muita amizade com os meus irmãos.

PESQUISADORA: E agora?

S1: E agora a gente mal se fala.

PESQUISADORA: Tem um toque de hostilidade?

S1: Tem, e minha mãe fala que sou eu, alias tudo minha mãe fala que sou eu. Qualquer coisa que dá errado ela fala que sou eu, desde que e me lembre, tudo que acontece de errado fui eu. Desde criança, ela nunca confiou nas minhas decisões, nunca, nunca, até hoje, nunca, nunca, nunca. Então acaba passando para eles também porque eu morando lá e eles acabam.. sei lá. Mais acho que é isso.

## 8. DISCUSSÃO E ANÁLISE DA HISTÓRIA DE VIDA DE S<sup>1</sup>

Dentro da casa de S<sup>1</sup>, desde pequena, já aos três anos, pelo que se lembra, a sexualidade sempre existiu, os pais se relacionavam afetivamente na frente dos filhos. Eles se deixavam perceber como adultos dotados da dimensão afetiva e sexual. Mas, em contrapartida, a sexualidade que era explícita pelos pais era algo que os filhos não participavam de nenhuma forma, ou seja, nem mesmo podiam perguntar sobre sexo. Os pais consideravam uma falta de respeito e intromissão dos filhos caso perguntasse.

Kahhale (2001) observa que,

debater a sexualidade é discutir valores, normas sociais e cultura; debater sexualidade é buscar compreender as versões individuais que temos de um tema que é social dar sentido á “sexualidade de cada um” implica tomá-la como uma construção histórica no âmbito das relações sociais, relacionada ás formas de vida e ás necessidades que a humanidade encontrou e/ou construiu (p. 189).

Segundo Mariussi (2010), a informação através do diálogo desfaz a ignorância e ajuda a desfazer noções deturpadas sobre o assunto, a grande dificuldade dos adultos ao falar sobre a sexualidade se deve ao fato de não terem educação sexual. Na casa de S<sup>1</sup> quando a porta do quarto se fechava, ficava claro que era algo somente dos pais e nunca foi explicado por quê. Para Mariussi (2010), a troca de carinho entre os pais na presença dos filhos, com bom senso é claro, ou seja, beijos, abraços, palavras carinhosas, andar de mãos dadas, o respeito no dia a dia, possibilitam atitudes positivas no futuro dos filhos, com mais autoconfiança e escolhas de parceiros com comportamentos mais saudáveis em relação à sexualidade. Porém, na casa de S<sup>1</sup> a sexualidade existia, mas não podia verbalizar sobre, Figueiró (2006), fala que a sexualidade é construída dia após dia, gradativamente, a partir de eventos que vão acontecendo ao longo da vida. O que se ouve aqui e ali, as experiências (positivas e negativas) vão assim contribuindo para a configuração de uma pessoa no mundo.

Interessante observar que S<sup>1</sup> não se lembra dos fatos quando ficou nua aos três anos com o seu amiguinho, pois não havia o diálogo, a conversação sobre a sexualidade para dar o entendimento e alicerçar melhor as condições dos fatos que aconteciam ao redor de S<sup>1</sup>, ela apenas imaginava, o que é mais passível de esquecimento. Para Castro; Abramovay e Silva (2004) a educação sexual é um

direito e o reconhecimento da vivência da sexualidade, que é próprio da humanidade, envolve a orientação sexual, o pensamento, as fantasias, a identidade, o sentir, os desejos, os valores, as crenças, as atitudes e comportamentos.

Na tentativa de verbalizar as atitudes dos pais, ela não lembrava os detalhes, apenas sabia que ficavam nus. Porém, não conseguia descrever o que via do comportamento dos pais, não tinha modelos e nem falas explicativas, o que seria adequado, em parte, para a idade, saber que a sexualidade existe.

S<sup>1</sup> teve a oportunidade de ver o sexo oposto nu, “abastecendo” a sua curiosidade sobre as diferenças do sexo masculino.

Segundo Freud (1969),

(...) é certo que na literatura sobre o assunto encontramos notas ocasionais acerca da atividade sexual precoce em crianças pequenas sobre ereções, masturbação e até mesmo atividades semelhantes ao coito. Mas elas são sempre citadas apenas como processos excepcionais, curiosidades ou exemplos assustadores de depravação precoce. Nenhum autor, que eu saiba, reconheceu com clareza a normatividade da pulsão sexual na infância e, nos escritos já numerosos sobre o desenvolvimento infantil, o capítulo sobre o ‘desenvolvimento infantil’ costuma ser omitido (p.163).

Ao mesmo tempo, este episódio chocou S<sup>1</sup> porque foi uma situação aberta para pessoas envolvendo-a. O choque sugere também, ser o causador do esquecimento, funcionando como defesa, pois ainda estava imatura para lidar com a exposição do sexo, o que gera muita vergonha, culpa e medo.

Para Bruns (2011),

(...) o corpo é o habitat do erotismo, a força transgressora que triunfa sobre as interdições, valores, preconceitos, estigmas e tabus de cada sociedade. Visto ora pela perspectiva do sagrado, ora pela do profanado, ou ainda do interpretado, o corpo sempre esteve “capturado” pelos modismos de cada época, em consonância com as normas de cada sociedade (p. 70).

S<sup>1</sup> em torno de cinco a seis anos, muitas vezes, viu cenas de sexo entre os pais, mas não entendia o que era aquilo, pois não tinha maturidade suficiente para compreender o que era sexo. Tem-se então uma contradição, pois se os pais praticavam o ato sexual na presença dos filhos, mesmo que eles estivessem dormindo, fica implícito de que é algo “permitido”. Todavia, sem a compreensão necessária para aquele ato sexual, o fato gerou medo e incertezas na fase adulta acerca das próprias vivências sexuais.

Segundo Bruns (2007),

(...) é na infância que são edificadas as primeiras cenas da história afetiva sexual de cada sujeito, cenas que compõem o lebenswelt (mundo vivido) de todos nós e que nos acompanharão por toda a nossa existência ( p. 70).

O ato sexual visto pela criança, quando sem informações, quase sempre é entendido como algo que machuca, em função dos movimentos do corpo, da posição dos corpos, um sobre o outro, dos gemidos e suspiros mais profundos, que é uma maneira diferente daquela expressada pelas pessoas no dia a dia. Nas histórias que S<sup>1</sup> trouxe sobre sexo entre os pais, fica claro que existia muita proibição sobre o assunto, como ela relatou “apesar de toda exposição, um assunto que não se falava”, não podendo assim trazer clareza para os fatos, permitindo a fantasia tomar conta das indagações pessoais de cada criança envolvida. Segundo S<sup>1</sup>, também, certa vez quando estava dentro do carro com os irmãos e os pais, ela perguntou diretamente para a eles como era “ficar pelados”, essa expressão era comum a todos ali, no entanto recebeu uma reprovação dos pais, deixando claro que naquele assunto criança não devia tocar, assim ela entendeu. Para Cambaúva & Silva (2009) é por meio da linguagem que se transmitem as experiências de uma geração para outra, auxiliando em novas transformações. Suplicy (1983) afirma que, “o como falar sobre sexualidade é muito importante, só fala de forma aceitável aquele que está bem consigo mesmo nesta questão”. S<sup>1</sup> tinha pais contraditórios com relação ao exercício da sexualidade, o que influencia S<sup>1</sup> na sua forma de ver a sexualidade da mesma forma contraditória, pois S<sup>1</sup> sempre sofreu com anorgasmia.

S<sup>1</sup> contou que seus pais controlavam bastante sua vida afetiva, para ela e sua irmã tudo era proibido. S<sup>1</sup> em vários momentos disse que sua “mãe era controladora”. Já crescida e com namorado não podia “se permitir” com ele, mas o filho homem podia e era incentivado a vivenciar a sexualidade com uma garota da mesma idade de S<sup>1</sup>. E toda essa situação se passava dentro de casa, ela conviveu com essa realidade contraditória por muitos anos.

Bruns e Souza-Leite (2010), compartilha a posição de que,

(...) a construção psicológica, social e cultural do gênero tem sido o enfoque principal dos estudos sobre as mulheres nas últimas décadas, transformando em conceitos obsoletos os argumentos biológicos sobre a superioridade masculina e deixando claro que se trata de um problema de desigualdade cultural (p. 17).

Segundo Figueiró (1995, p. 107), uma mulher que vive numa cultura marcada pela desigualdade sexual e pelo duplo padrão de moral sexual, não tem condições de viver plenamente sua sexualidade.

Na entrevista também foi possível perceber que, aparentemente, S<sup>1</sup> foi abusada, pois ela lembrou-se de um vizinho que passou a mão em sua vulva e neste momento ela interrompeu o que estava fazendo (ver o cachorro, conforme o convite feito por ele), porque se incomodou com essa atitude.

Segundo Garamond (1999)

(...)o comportamento dos pedófilos varia de um exibicionismo sem contato físico até atos de penetração, visando ou não às zonas sexuais. Para alcançar seus objetivos, usam diferentes meios, bem como diferentes graus de coerção (p.15).

S<sup>1</sup> quando indagada na primeira etapa da pesquisa não relatou que havia sido abusada. Porém, é perceptível que, naquele momento, já estava instalado um medo em S<sup>1</sup>, pois ela se nega a dar continuidade no que tanto tinha vontade de fazer (ver o cachorro) e só relata esse fato para a mãe quando sua irmã, abusada pelo mesmo vizinho, também delata o pedófilo. Importante notar que S<sup>1</sup> perde o medo de falar a partir da coragem da irmã. Todo um esquema de culpa e pecado aparece neste momento, S<sup>1</sup> diz: “o pedófilo foi embora fugido de lá”.

Outra situação é o abuso vindo por parte do avô. As tias choravam toda vez que contavam as histórias, mas que a mãe de S<sup>1</sup> sempre negou. Tal atitude mostra a negação da sexualidade, o adulto abusa da criança, explora sua ingenuidade se utilizando da autoridade de pai; e a criança não é esclarecida, não se tem detalhes sobre o que aconteceu, pois a mãe se nega a falar do assunto, como se fosse uma inverdade inventada pelas irmãs dela. É importante resgatar Garamond (1999) quando ressalta que,

(...) além da necessidade de sobreviver, outras causas facilitam ou pressionam meninas e adolescentes a se deixarem explorar sexualmente. Os estudos indicam que conflitos familiares, negligência e punições físicas, levam-na a sentir medo ou raiva permanente dos adultos. Incesto e abuso sexual nos primeiros anos de vida eliminam a auto estima da criança, que não se sente mais com direito de ser protegida nem com valor como ser humano. (p. 26)

Aparece aqui todo o repúdio, o medo, haja vista que é clara a recusa da mãe de S<sup>1</sup> em falar sobre o assunto. Já o choro das tias mostra muito, nesse caso, mais a dor, o medo, a culpa, o ódio que é evidenciado em resposta aos abusos sofridos.

O não entendimento por parte de S<sup>1</sup>, o sentir-se desprotegida e, mais uma vez, a mãe dando continuidade a sua expressão sexual, que é negar com palavras os fatos frustrados ocorridos dentro de casa, sentidos como ofensa, dor e pecado, podem justificar as angústias apresentadas nas entrevistas.

Na primeira experiência sexual com um homem, S<sup>1</sup> sente dor física, mesmo apaixonada são tantos “nãos” na cabeça que não consegue se liberar durante o ato sexual, não há uma entrega total na relação. Não estava preparada para sexo. Assim, a dor física sentida inicialmente é proporcionada pelo estado psicológico, ela se contrai toda e a penetração se torna muito difícil, gerando um atrito maior e muito apertado, provocando dor na relação, comprometendo o prazer, bem como o entendimento do que é uma relação sexual ao iniciar a vida afetiva.

O namoro de S<sup>1</sup>, que se tornou casamento posteriormente, mostra a falta de habilidade do parceiro, mais suas dificuldades vivenciadas dando continuidade a sentir dores na relação sexual.

Segundo Freud (1969),

Em cada uma das etapas do curso de desenvolvimento que todos os indivíduos são obrigados a passar, um certo número deles fica retido, de modo que há pessoas que nunca superam a autoridade dos pais e não retiram deles sua ternura, ou só o fazem de maneira muito incompleta. Em sua maioria, são moças que para alegria dos pais, persistem em seu amor infantil muito além da puberdade, e é muito instrutivo constatar que é a essas moças que falta, em seu posterior casamento, a capacidade de dar ao marido o que é devido a ele. Tornam-se esposas frias e permanecem sexualmente anestesiadas. Com isso se aprende que o amor sexual e o que parece ser um amor não sexual pelos pais alimentam-se das mesmas fontes, ou seja, o segundo corresponde apenas a uma fixação infantil da libido (p. 214).

Segundo Kahhale (2009),

(...) prazer é uma experiência dos indivíduos singulares, mas suas referências, suas possibilidades e limites e suas estimulações e impedimentos estão nas relações sociais e na cultura: e é deste lugar que cada um retirará os elementos para construir sua singularidade/identidade (p. 337).

A vida sexual atual depende de vivências e experiências amorosas passadas, para que se possa permitir um envolvimento maior de entrega, principalmente para a mulher, é necessário todo o carinho possível, crescimento pessoal e do casal na construção dessa vida a dois. Todo investimento com atenções, dedicação um ao outro, carinho, são estimuladores para que o casal cresça e supere dificuldades na vida sexual.

Essa relação envolve ainda todos os órgãos dos sentidos, como ouvir coisas positivas, o tato que deve transmitir carinho e atenção. É importante ainda que se tenha algo que agrade ao paladar para que o sentido da gustação seja ativado, que a pessoa e também o ambiente agrade aos olhos, pois a visão é outro sentido fundamental, assim como o olfato para a construção do prazer. Tudo aquilo que se viu, ouviu, e vivenciou de alguma forma se expressa também neste momento do ato sexual,

(...) cada um de nós construiu ao longo da vida uma história singular de interações sexuais que condicionou nossos desejos; criou medos, inseguranças, crenças e esperanças; e depositou camadas de culpa e vergonha. Todos esses fatores inconscientemente moldam nossos desejos sexuais e determina nosso comportamento (CONRAD, 2002, p. 44).

O indivíduo é um receptáculo de tudo que já viveu, onde e o que foi vivido tem relevância e trará influências para a vivência sexual atual,

(...) quando nossas associações com sexo se mostram negativas ou desconfortáveis de alguma forma – porque fomos ensinados a sentir vergonha de ter desejos sexuais, porque fomos magoados ou humilhados em encontros sexuais passados, porque internalizamos imagens da mídia que nos levam a nos sentir pouco naturais em relação a nosso corpo ou até a abominá-lo, o sexo, que poderia ser prazeroso e dar sustento a nossa vida, torna-se problemático e insatisfatório” (CONRAD, 2002, p. 45).

S<sup>1</sup> relatou que o tema masturbação nunca foi mencionado, o autoconhecer-se, o tocar-se para daí aparecer sensações fisiológicas não foi experienciado. Na fase de desenvolvimento, mais por volta de dez a 16 anos, a exploração pessoal é indicada para as autodescobertas. Segundo Lins (2010),

A masturbação na adolescência é vista pelos sexólogos como uma prática fundamental para a satisfação sexual na vida adulta, por permitir um autoconhecimento do corpo, do prazer e das emoções. As adolescentes femininas que se iniciam na masturbação também apresentam o orgasmo clitoridiano, sendo isso um sinal de evolução sexual sadia (p. 365).

Para S<sup>1</sup> o sexo inicialmente teve a conotação do “par”, ou seja, era sinônimo de estar necessariamente com alguém. S<sup>1</sup> não teve certeza do que era ter prazer até os 30 anos. Os relatos mostram que faltavam informações adequadas, explicações mais apropriadas para a idade dela. A partir de palavras de seu conhecimento pessoal, segundo Mariussi (2010), quando o adulto não verbaliza o que está acontecendo “é um desrespeito à criança, é uma negação do assunto”, o que vai permitir uma interpretação que pode não ser o melhor para a situação. No caso de S<sup>1</sup>, os pais não falavam a linguagem dela, fato que aparece no momento que lhe foi

negado explicações para o entendimento sobre a sexualidade, quando fez a pergunta diretamente aos pais no carro. Todos esses entraves podem ser reduzidos à falta de educação sexual dos pais, e também de diálogo sobre sexualidade com os filhos. Deste modo, surgem espaços para as dificuldades da filha, gerando consequências na fase adulta, como por exemplo, não conseguir satisfação sexual porque não estava liberada pelos próprios sentimentos. S<sup>1</sup> não teve entendimento suficiente e liberdade para vivenciá-los na idade em que apareciam em episódios menores.

Outra questão importante a salientar é a “ejaculação rápida” do parceiro, que não oferece tempo para S<sup>1</sup> conseguir se soltar e curtir o prazer. Sobre o assunto ela relata que quando percebia o esposo já “tinha ido”; e ela “sobrava”. Soares (2001) diz que, para a progressão do estímulo erotizante na mulher,

(...) se faz de uma forma muito mais lenta do que no homem. Exige muito mais tempo. Não adianta ir entrando de sola, como as bestas na estrebaria. Há necessidade de que o cavaleiro a estimule por todos os meios de sua competência, seja com apaixonados beijos na boca, no pescoço, nos ombros, tórax, seios, abdome, costas e genitais, principalmente no clitóris, seja com a estimulação tátil com os dedos neste último, à maneira de como ela gosta de se masturbar (é preciso indagar dela quais as suas preferências de pressão e rapidez de movimentos), acariciar-lhe com sofreguidão todo o corpo, longamente, deixa-la sentir a sua respiração arfante junto aos ouvidos dela, morder-lhe as orelhas, afagar-lhe carinhosamente os seios, as nádegas e os genitais. E tudo mais que lhe possa parecer conveniente para leva-la às alturas. A penetração só deve ter início quando o varão perceber que sua parceira já está pra lá de Marakesh e pronta para recebe-lo, tão sedenta disso quanto alguém perdido no meio do Saara, ao sol do meio-dia (p. 153).

O casal jovem não tinha compreensão em como lidar com a ejaculação rápida, quando acontecia ficavam irritados, S<sup>1</sup> se mostrava muito frustrada, configurando que o gozo sexual mais uma vez lhe fora negado, assim como os pais já faziam, ou seja, a impediam de vivenciar o prazer.

Outro problema surge quando o marido de S<sup>1</sup> assiste filme pornográfico e pede que ela também assista, aparece uma rejeição por parte da entrevistada, todavia é difícil vivenciar a sexualidade de forma mais ousada quando tudo está se voltando para a maternidade, como no caso de S<sup>1</sup>. Naquele momento, ela se sentia explorada de uma forma que não estava pronta para acompanhar, em função das questões psicológicas que não permitiam enxergar prazer sexual na mesma intensidade que o marido mostrava desejar.

A pornografia é algo muito explícito, forte para mulheres de uma cultura na qual o sexo é visto como pecado. Nos filmes pornográficos, os corpos são explorados de forma a abstrair apenas prazer sexual, na maioria das vezes sem nenhuma afetividade, apenas o lado animal se pronunciando de forma mais exaustiva. Ao recusar-se a ver os filmes pornográficos S<sup>1</sup> tem um comportamento respeitoso a si mesma, mas posteriormente sente culpa por não acompanhar o esposo.

A entrevistada demonstrou possuir um sentimento persecutório com relação às filhas. S<sup>1</sup> relatou ter medo que as meninas os vissem tendo relações, assim como aconteceu na sua infância. Deste modo, ia para as relações sexuais pensando nas filhas, na possibilidade de que elas pudessem acordar e ouvir ou ver alguma coisa, e assim não se sentia a vontade, não tinha uma entrega total no ato. A traição do marido, posteriormente, com as amigas e outras mulheres pela internet também abalou muito a autoestima de S<sup>1</sup>, fazendo com que se sentisse diminuída como mulher.

S<sup>1</sup> contou que se via uma pessoa problemática sexualmente por não sentir o prazer discursado pelas amigas. As cenas dos filmes pornográficos eram muito diferentes das suas relações e também por aquilo que ela percebia que o marido esperava. Disse que acreditava ser uma mulher assexuada. S<sup>1</sup> teve muitas experiências negativas com relação ao sexo, o que a tornou uma mulher sem desejos sexuais, sem fantasias.

Segundo Soares (2001):

(...) as fantasias aumentam a excitação durante o sexo, criar fantasias deve ser uma propriedade exclusiva do homem na natureza, pois fazer amor, para ele não é, tão somente, um ato fisiológico destinado à procriação, exige criatividade, bom senso, diversificação no proceder, a fim de se alcançar uma bela performance a cada dia e fugir à mesmice e ao tédio (p.159).

Segundo Byrne (2000), “*a cabeça é a ‘zona erógena’ mais confiável*”, tudo depende da cabeça estar bem, conseguir concentrar-se no que está fazendo e desejar aquilo que está se propondo. O bem estar na cama é como tudo na vida, depende de como se está totalmente, o que se pensa, sente e o que vive, para que a resposta sexual seja satisfatória, dado este que as pessoas, de maneira geral não têm conhecimento; e, por muitas vezes, esperam se superar na cama, mesmo como uma série de sofrimentos em suas vidas.

Quando S<sup>1</sup> fica sabendo da compulsão sexual ('vício' por ela verbalizado) do marido via internet, sente-se aliviada, entende que não é só ela com problema sexual, ou seja, o marido também tem sua parcela de contribuição neste desarranjo conjugal. A partir da separação do casal, S<sup>1</sup> diz que passou a se sentir melhor na questão sexual.

S<sup>1</sup> depois que iniciou a prática da masturbação, passou a conseguir nas relações sexuais mais prazer e a reconhecer a falta que fazia o autoconhecimento para ter relações sexuais mais satisfatórias com o parceiro. Passa a perceber também que a sexualidade tem como base a afetividade, o cuidado um com o outro, a troca de carinhos, ingredientes esses que eram pouco praticados no seu relacionamento a dois, enquanto casada. S<sup>1</sup> finaliza sua fala dizendo que foi extremamente importante para si o fato de ter passado a se masturbar, sentia-se muito insegura como mulher, mas a partir do momento que tomou esta iniciativa passou a ter atividades sexuais mais satisfatórias com o ex-marido, e, então, diz que começa a ter um referencial melhor de si própria.

Depois do divórcio, S<sup>1</sup> voltou para a casa dos pais e eles continuam a ter o mesmo comportamento controlador e repressor de quando era uma adolescente. Ela não retomou sua vida social, porque ficou em função dos cuidados com as filhas. Tem saído apenas para encontros sexuais com o ex-marido que diz ainda gostar muito, mesmo percebendo que não seria a melhor alternativa retomar a relação.

Atualmente, S<sup>1</sup> tem sonhado com orgasmos, consegue senti-los nos sonhos, aproveita o momento e passa a se estimular sexualmente. Passou a ter uma vida sexual consigo mesma (masturbação), a liberdade de se tocar e se conhecer cada vez mais o que faz aumentar o repertório de fantasias e desejos sexuais, melhorando o desempenho sexual, livrando-se da disfunção sexual anafrodisia (falta de desejo), que apresentava. A anafrodisia, segundo Soares (2001), tem sua origem em causas como o vaginismo, dispareunia, falta de afinidade mental e amorosa com o parceiro, repúdio e nojo, formação de uma personalidade psicológica negativa construída em família, preceitos religiosos irrealis e primitivos, experiências anteriores mal sucedidas, traumas de infância e, psicopatias hereditárias ou adquiridas.

S<sup>1</sup> parou de atender casos clínicos por julgar que não estava bem em função dos trâmites do divórcio. Mostra-se ainda muito insegura como pessoa, está vivendo na dependência dos pais e da ajuda do ex-marido.

Diante da história de vida de S<sup>1</sup>, nota-se uma hipertrofia no que tange a liberdade para a vivência da sexualidade, assim como indivíduos que nada escutaram ou viram de seus pais sobre este assunto. Foi possível verificar o quanto o silêncio, a falta de diálogo com relação a vivências sexuais interferem no processo de formação de uma pessoa, causando sofrimento psicológico e o exercício da sexualidade não satisfatório.

Neste sentido, esta investigação possibilitou algumas considerações em relação ao tema sexualidade e a atuação do profissional da psicologia:

Pode-se ressaltar que a falta de educação sexual dada pelos pais em casa é um fator crítico na formação da sexualidade, posteriormente na vida adulta; a falta de informação sobre sexualidade na graduação de psicologia poderia suprir parte das lacunas deixadas pela família, o que não aconteceu. Esses espaços onde foram construído as bases da sexualidade, somado às experiências pessoais frustradas e ao parceiro sem habilidades sexuais acabaram por reforçar o despreparo da profissional da psicologia para atuar com este tema na prática clínica.

E por último, nossa conclusão reafirma que as teorias que defendem a indissociabilidade da psique humana, fazendo com que os acontecimentos da vida pessoal estejam intimamente ligados ao exercício da profissão.

## 9. CONCLUSÃO

A sexualidade humana é um verdadeiro paradoxo, ao mesmo tempo em que dizem ser ela um dos prazeres da vida é indissociável tocar também nos desprazeres implícitos que a compõe. Filhos do silêncio e de gerações pouco informadas, os indivíduos são aprendizes eternos quando o assunto é a sexualidade.

A dimensão afetiva e sexual faz parte da pessoa desde o momento da concepção, reconhecê-la como norteadora de suas vidas, bem como a capacidade de assim enxergá-la é a outra parte da qual esta pesquisa pôde comprovar. Sentir-se bem consigo mesmo, com autoestima para encaminhar suas vidas e ajudar aquele que procura amparo psicológico quando o assunto é sexo e sexualidade, depende de cada um, do meio em que se vive e da interpretação que é feita mediante o que o meio oferece e o que se vive.

Concluimos que a falta de Educação sexual somada as experiências pessoais frustradas, parceiros sem habilidades sexuais reforçam o despreparo dos profissionais da psicologia a atuarem de forma mais direta com este assunto. A vida pessoal está intimamente ligada ao exercício da profissão.

Como diz Suplicy, para trabalhar com a sexualidade precisa estar bem consigo próprio, precisa ter liberdade consigo mesma antes de tudo.

A sexualidade é um marco na vida das pessoas, o que se pensa, o que se sente e como se comporta, a todo o momento, faz parte do indivíduo; e se engana quem não assume esses valores inerentes ao ser humano.

O papel central da educação não está na dimensão afetiva e sexual, mas reconhecer estes aspectos como agentes fundamentais na vida é propiciar um crescimento maior nas condições afetivas, cognitivas e comportamentais.

## BIBLIOGRAFIA

- ABDO, C. H. N. (2004). *Descobrimento Sexual do Brasil: para curiosos e estudiosos*. São Paulo: Summus.
- ABDO, C. H. N. (2004). *Vida sexual do brasileiro (EVSB)*. São Paulo: Bregantini.
- ABRAMOVAY, M. CASTRO, M. G.; SILVA, L. B.da. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ALMEIDA, Kaciane Daniella de; LUZ, Nanci Stanck. Artigo: *Gênero, Sexualidade e Currículo: possibilidades para a educação sexual na escola*. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. 2011.
- ALTMANN H. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Revista Latinoamericana. Nº13. 2013.
- ARATANGY, L. *Sexualidade: a difícil arte do encontro*. São Paulo. Moderna, 1996.
- AVILA, A. H. *Professores (as), suas significações e posturas no contexto da educação sexual: das (im) possibilidades do trabalho com a diversidade sexual*. Tese de Doutorado Não-Publicada, disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~ppgp/Andre%20Heloy%20Avila.pdf> , Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2010.
- AVILA, A. H., Toneli, M. J. F., & Andaló, C. S. de A. (2011). *Professores/ as diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar*. *Psicol. estud.*, 16(2), 289-298.
- BAPTIUSTUSSI, M.C. (2003). *(Dis) funções sexuais e classes de respostas relacionadas*. In: Brandão, M. Z. (Org.). *Sobre comportamento e cognição: contribuições para a construção da teoria do comportamento* (Vol. 12, cap. 17, pp. 162-166). Santo André, São Paulo: ESETec Editores Associados.
- BARROSV. A. & SILVA, L. R. *A pesquisa em História de Vida*. In: I. B. Goulart (org.)
- BENEDETTO C. D. (2003). *Algumas preleções sobre a sexualidade humana contemporânea*. In: Brandão, M. Z. (Org.). *Sobre comportamento e cognição: contribuições para a construção da teoria do comportamento* (Vol. 12, cap. 15, pp. 149-153). Santo André, São Paulo: ESETec Editores Associados.
- BOCK , A.. *Formação do Psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico*. *Psicologia Ciência e Profissão*, 17, nº2, 1997, p. 37-42.

BOCK, A. M. B. A prática profissional em Psicologia Sócio-histórica. In BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. e FURTADO, O. Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica. São Paulo, Cortez. 2001.

BONET, D. (1998). Psicologia, direitos humanos e sofrimento mental - processo institucional de exclusão. Trabalho apresentado no I Seminário Nacional de Psicologia e Direitos Humanos, Câmara Federal de Deputados, Brasília.

BRUNS M. A.T. A sexualidade da criança. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, 2007.

BRUNS M.A.T. Arquivos Brasileiros de Psicologia: Psicoterapeutas iniciantes: os desafios das diversidades afetivos sexuais. Rio de Janeiro. 2011.

BRUNS M.A.T.; SOUZA-LEITE C.R.V. Gênero em questão: diversos lugares, diferentes olhares. Margareth de Mello Ferreira dos Reis: Diferenças de gênero nos relacionamentos amorosos. Iglu. São Paulo. 2010.

CASS VIVIENNE. The elusive orgasm: A woman's guide to why she can't and how she can orgasm. New York. 2007.

CAREY, M. P. (2003). Tratamento cognitivo-comportamental das disfunções sexuais. In: Caballo, V. E. (Coord.). *Manual para o tratamento cognitivo-comportamental dos transtornos psicológicos*. (vol. 1, cap. 9, pp.267-295). São Paulo: Livraria Editora Santos.

CAMBAÚVA, L. G., & Silva, L. C. (2009). A história da psicologia e a psicologia na história. In M. G. D., Facci, S. C., Tuleski, & S. S.Barroco (Org.), Escola de Vigotski: contribuições para a Psicologia e a Educação. Maringá, PR: Eduem,

CATANI, Denice Bárbara. Docência, Memória e Gênero. Estudos sobre Formação. São Paulo. 2000.a.

CAVALCANTI, R. (1996). Tratamento clínico das inadequações sexuais. Cavalcanti & Cavalcanti. 2a ed. São Paulo: Roc

CHAUÍ, M. (1973) Apresentação: Os Trabalhos da Memória. In Bosi, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo, EDUSP.

CHAUÍ, Marilena. Repressão Sexual: Essa nossa (des) conhecida. 9ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- CONRAD, S. e MILBURN, M. Inteligência Sexual. Objetiva. Rio de Janeiro – 2002.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013 - Atribuições do profissional de psicologia. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br>> acesso em: 18/05/2013.
- COSTA, A. P. (2009). As concepções de sexualidade de um grupo de alunas do curso de Pedagogia: uma análise a partir do recorte de gênero. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo.
- COSTA, A. P., & RIBEIRO, P. R. M. (2011). Ser professora, ser mulher: um estudo sobre concepções de gênero e sexualidade para um grupo de alunas de pedagogia. Estudos Feministas. 19(2), 475-489.
- DIAS, Carlos Alberto. Psicologia: Ciência e Profissão. Vol. 21, nº 3. Brasília Sept. 2001. Considerações sobre elaboração de currículos para a formação de psicólogos: a partir de uma perspectiva didática..<Http://dx.doi.org/10.1590.S1414-98932001000300006>. Acesso em: 15 de maio de 2013.
- EMAGISTER, 2013. Guia de cursos. Disponível em: <<http://www.emagister.com.br>> acesso em 18/05/2013.
- FACHINNI, R.; SIMÕES, J. de A. Sexualidade: dimensão conceitual, diversidade, discriminação. Rio de Janeiro: CLAM, 2006. Mimeo.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível – Londrina – Pr. EDUEL, 2006.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Alburquerque; ver. José Augusto Guilhon Alburquerque. 15ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. Um diálogo sobre os prazeres do sexo. Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosophicum. Trad. Jorge Lima Barreto & Maria Cristina Guimarães Cupertino. São Paulo: Landy, 2005. P.18.
- FREUD Sigmund. (1932). Novas conferências introdutórias. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Imago: Rio de Janeiro, 1969.
- FURLANI, Jimena. Abordagens contemporâneas para educação sexual. In: Furlani, Jimena (organizadora). Educação sexual na escola: equidade de gênero, livre

orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito as diferenças. Florianópolis: UDESC (fundação Universidade do Estado de Santa Catarina), 2008.

GARAMOND. Inocência em perigo: abuso sexual de crianças, pornografia infantil e pedofilia na internet. Rio de Janeiro. Editora Garamond. 1999.

GAULEJAC, V. de. La société malade de la gestion: idéologie gestionnaire, pouvoir managérial e harcèlement social. Paris: Seuil. 2005.

GEERTZ, Clifford. Obras e vidas – O antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ Editora. 2005.

GESSER M.; OLTRAMARI L. C.; CORD D.; NUENBERG A. H.; Revista Semestral da Associação brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. V.16, nº 2. SP; 2012.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e o futuro social. Trad. Eurize Caldas Pessanha e Marta Banduci Rahe. Sessão especial, 29ª Reunião Anual da ANped. 2006.

GUIA DE PROFISSÕES – Estácio, 2013 Disponível em: <<http://portal.estacio.br>>. Acesso em: 18/05/2013.

HÄDRICH, W. R.; Ruscheinsky A. Revista de Educação Pública/MT, v.16, n.30, p.45-61, 2007.

HENSTCHEL, H. & PARISOTTO, L. Psicoterapias nos Transtornos Sexuais. In: Cordioli, A. V. (Org.), cap. 30, pp. 367-380. *Psicoterapias: abordagens atuais*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998.

KAHHALE, E.M.S.P. Orientação sexual na adolescência: uma experiência com jovens da escola pública. In: BOCK, M. B. (org.) *Psicologia e o Compromisso Social*. São Paulo: Cortez, 2009.

KAPLAN, H.S. (1977). *A nova terapia do sexo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira

KAPLAN. H., Sadock, B. J., & Grebb, J. A (1997). *Compêndio de psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. (7a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.

KINSEY, A. *Sexual behavior in the human male*. Filadélfia: W. B. Saunders, 1948.

LADAS, A. K. O ponto G. Rio de Janeiro. Record, 2001.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In. Revista Brasileira de Educação. Nº 19, Jan/Fev/Mar/ Abr, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe19/03-bondia.pdf>

LEÃO, A. M. C. (2009). Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da Unesp-Araraquara nas temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo.

LEÃO, A. M. C., RIBEIRO, P. R. M., & Bedin, R. C. Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação dos professores. Linhas. 11, 36-52. 2010.

LISTER, P. Sexo no Casamento. São Paulo. Editora Gente. 2006.

LINS R. N. A cama na varanda. 4ª edição – Rio de Janeiro. 2010.

LOURO, G. L . Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008 p. 17.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade - o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). Corpo, Gênero e Sexualidade - um debate contemporâneo na educação. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 41-52

LOURO, G. L. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. In: LOPES, D. et al. (Orgs.). Imagem e diversidade sexual. São Paulo: Nojosa, 2004.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 09-34.

MAIA, A. C.B.;Eidt N.M.; Terra B. M.; Maia G L. Psicologia em Estudo, Maringá, v.17, n.1, p. 151-156. 2012.

MARIUSSI, E. R. Educação Sexual Começa em Casa. Maringá, PR. Clichetec. 2010

MASTERS, W.H. & JOHNSON V. E. *A resposta sexual humana*. São Paulo: Roca.1984.

MASCAGNAG. C. Adolescência: Compreensão histórica a partir da escola de Vigotski. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.2009.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória. A cultura popular revisitada. São Paulo: Editora Contexto. 2003.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Currículo. Questões atuais. Campinas. São Paulo. Papirus. 1997.

NARDI, H. & QUARTIERO, E. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana. ISSN 1984-6487 / n.11 - ago. 2012 - pp.59-87. [www.sexualidadsaludysociedad.org](http://www.sexualidadsaludysociedad.org)

NOGUEIRA M. L. Mobilidade psicossocial: a história de Nil na cidade vivida. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, FAFICH. 2004.

PACHECO, José Augusto. Escritos Curriculares. São Paulo. Cortez. 2005.

PACIEVITCH S1, 2008. Profissão: Professor – Info escola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/>>. Acesso em: 18/05/2013.

PICAZIO, C. Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Summus, 1998.

PIÉRON, Henri. Dicionário de Psicologia. Rio de Janeiro. Globo. 1987.

PINO A. As Marcas do Humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotsk. São Paulo. Cortez. 2005.

POCABY; OLIVEIRA; IMPERATORI. Cores e dores do preconceito: entre o boxe e o balé. In: LIONÇO; DINIZ (Org). Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras livres/UNB, 2009, p.115 – 132.

Psicologia Organizacional e do Trabalho; teoria, pesquisa e temas correlatos. (pp. 134-158). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002.

RANGÉ, BERNARD PIMENTEL, SOUZA, CONCEIÇÃO REIS DE. Terapia cognitiva. Organizado por CORDIOLI, Aristides. Psicoterapias: abordagens atuais. Porto Alegre, 1997, v.1.

RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual além da informação. São Paulo; EPU, 1990.

SBRASH, 2013. Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana. Disponível em: <<http://www.sbrash.org.br>> acesso em 18/05/2013.

SEN, A. (2010). Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, L. R. G. Sexualidade e orientação sexual na formação de professores: uma análise da política educacional. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo. 2010.

SILVA, A. I., MARINHO, G. I. & MOUSINHO, L. S. (2001). *Terapia sexual sob a perspectiva analítico-comportamental*. In: Zamignani, D. R. (Org.), vol. 3, cap. 12. (Sobre comportamento e cognição: a aplicação da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental no hospital geral e nos transtornos psiquiátricos.) Santo André, São Paulo: ESETEc Editores Associados.

SILVA, Tomas Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2<sup>o</sup> edição. Belo Horizonte: Autentica. 2005.

SOARES, J. L. (2001)Sexo: guia completo e ilustrado para mulheres. Ediouro. Rio de Janeiro .

SOUZA C.C. A clínica que se vive: reflexões sobre a prática da psicologia clínica na contemporaneidade. 2007.

SUPLICY, M. Conversando sobre sexo. Petrópolis: Vozes, 1983.

VIGOTSKI, L S; LURIA A R & LEONTIEV, A N. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. (M.P. Villalobos, trad.). São Paulo. Icone. 2001.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW Roland. O corpo fala. A linguagem silenciosa da comunicação não verbal. Ed. Vozes.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. What do we mean by “ sex” and “gender”? disponível em: <http://www.who.int/gender/whatis-gender/en/index/html>. Acesso em: 14 de maio de 2013.

ZAMPIERI, Roberto Hernández. Metodologia de Pesquisa/ Roberto Hernández Sampieri, Carlos Fernández Collado, Pilar Baptista Lucio; Tradução Fátima Conceição Murad, Melissa Kassner, Sheila Clara Dystyler Ladeira; Revisão técnica e

adaptação Ana Gracinda Queluz Garcia, Paulo Heraldo Costa do Valle. 3ª Ed. – São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,como-anda-o-prazer,133357,0.htm>,

acessado em: 25 de novembro de 2013.

<http://www.psicologofurlaneto.com.br/2013/02/sexo-dificuldades-de-chegar-ao-orgasmo.html> (entrevista Oswaldo Rodrigues Junior).

acessado em: 20 de novembro de 2013.

## **ANEXOS**

**ENTREVISTA I: ROTEIRO PARA A PRIMEIRA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO****ROTEIRO DA ENTREVISTA:****IDENTIFICAÇÃO****MUDANÇAS FÍSICAS**

Com que idade teve a primeira menstruação?

Como se sentiu com a chegada da menstruação?

Como se sentiu com o aparecimento dos peitos?

**EXPERIÊNCIAS AFETIVAS**

Quantos namorados já teve até o momento?

**EXPERIÊNCIA SEXUAL**

Você era uma criança curiosa em relação a sexo?

E atualmente, você é curiosa em relação a sexo?

Com que idade obteve as primeiras informações sexuais?

Falavam de sexo na sua casa?

Alguma vez se assustou com algo em relação a sexualidade?

Alguma vez presenciou um ato sexual?

Flagrou ou foi flagrado se masturbando?

Foi abusado sexualmente?

Com que idade começou a se masturbar? E qual era a frequência na semana?

---

---

Atualmente se masturba?

---

---

Com quantos anos foi a primeira relação?

---

---

Se sente realizada com sua vida sexual?

---

---

Já apresentou alguma disfunção sexual? Se já qual?

---

---

Procurou ajuda? Quem?

---

---

### **EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO**

---

Fez algum curso na área da sexualidade? Quantas horas?

---

---

Lê sobre o tema? Com qual periodicidade?

---

---

Como se sente quando faz leituras didáticas sobre o tema?

---

---

Busca informações em qual fonte?

---

---

Já atendeu casos com queixas sexuais? Como se sentiu?

---

---

Sentiu alguma dificuldade?

---

---

Acredita ter conseguido ajudar seu cliente?

---

---

Procurou ajuda (supervisão) para os atendimentos? Com qual frequência?

---

---

**ENTREVISTA II: ROTEIRO PARA A ENTREVISTA PÓS O CURSO****ROTEIRO DA ENTREVISTA:****IDENTIFICAÇÃO****FORMAÇÃO ATUAL**

Como você se sentiu ao participar do curso?

Teve alguma coisa que não entendeu?

A carga horária na sua opinião foi suficiente?

A metodologia utilizada foi adequada?

Você procurou supervisão? Caso sim, qual a frequência? Supriu sua necessidade?

**PRÁTICA PROFISSIONAL**

Quantos casos atendeu depois do curso?

Como foi para você falar com seu cliente sobre a sexualidade dele?

Como está percebendo sua atuação, sente que está ajudando seu cliente?

Está mais satisfeito com sua atuação depois do curso?

Sentiu alguma dificuldade que não foi mencionada, que queira comentar?

---

---

Acredita ter conseguido ajudar seu cliente?

---

---

**QUESTÃO PESSOAL**

Você como pessoa percebeu mudanças no seu comportamento no seu dia a dia?

---

---

Como se sente abrindo mais espaço para este assunto nos seus atendimentos?

---

---

Tem algo a mais que gostaria de acrescentar?

---

---

---

---

---

Este encontro é para você falar mais sobre sua vida, preciso conhecê-la melhor. Quero que você me conte sobre sua vida. Quero aprofundar sobre este assunto, não temos horário definido para terminar, fique bem a vontade para falar o que se lembra. Relate para mim fatos que aconteceram na sua infância e adolescência relacionados a sexualidade. Conte sobre você desde quando era pequenina, como era a dinâmica da sua casa, o relacionamento com seus pais, seus irmãos, quais as sensações que sentia.

Como era o relacionamento dos seus pais?

Como era na escola, como os amigos, professores (algum fato te marcou)?

Quais eram os adultos próximos de você e como era o seu relacionamento com essas pessoas?

Quais foram as primeiras falas que ouvia sobre sexualidade? Alguma marcou você?

Quais foram as primeiras descobertas? As primeiras impressões? Os primeiros sentimentos?

As primeiras conversas relacionadas a sexo foram com quem? Qual a frequência?

Como foi as primeiras paqueras, o primeiro beijo, o primeiro namorado, a primeira transa, e os primeiros em relação a todas estas questões, como foram?

Na sua juventude ( aos 16 anos em diante) como foi sua vivência sexual? Como era interpretada por você a sexualidade?

Qual a percepção que tem de si hoje enquanto mulher?

Hoje como vê a sexualidade?

Hoje qual sua situação conjugal? Quantos casamentos teve?

Qual a frequência que faz sexo?

Hoje fala sobre sexualidade? Com quem? Gosta de falar?

Como acredita que te veem enquanto pessoa, mulher e profissional?

#### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome completo:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

Formada no ano de:

Quantos anos de atuação na clínica:

Local da entrevista:

Horário da entrevista: Início:.....finalização:.....

Estado civil:

Quantos irmãos:

Situação civil dos pais:

Profissão dos pais: Mãe:.....Pai:.....

No que trabalhavam:

Grau de escolaridade dos pais:

## APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA

Maringá 30 de Julho de 2012.

Ilmo. Sr.

Professor Dr. Joaquim Martins MARIDO

DD Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

Centro Universitário de Maringá – CESUMAR

Prezado Senhor,

Utilizo-me desta para encaminhar a V. Sa. o projeto de pesquisa intitulado “Curso de Capacitação do psicólogo acerca das disfunções sexuais femininas” sobre a minha responsabilidade solicitando, deste comitê, a apreciação do mesmo. Aproveito para informá-lo que os conteúdos descritos no corpus do projeto podem ser utilizados no processo de avaliação do mesmo, e que:

Estou ciente das minhas responsabilidades frente à pesquisa e que a partir da submissão do projeto ao Comitê, será estabelecido diálogo formal entre o CEP e o pesquisador;

Estou ciente que devo solicitar e retirar, por minha própria conta, os pareceres e o certificado junto à secretaria do CEP;

Estou ciente de que as avaliações, possivelmente, desfavoráveis deverão ser, por mim, retomadas para correções e alterações;

Estou ciente de que os relatores, a presidência do CEP e eventualmente a CONEP, terão acesso a este protocolo em sua versão original e que este acesso será utilizado exclusivamente para a avaliação ética.

Sem mais para o momento aproveito para enviar a Vsa. e aos senhores conselheiros as melhores saudações.

Atentamente,

Pós-graduanda: Eliany Regina Mariussi

CPF: 96 885.009.429-91

Psicologia

Orientadora: Dr.<sup>a</sup>: Sônia Cristina Soares Dias Vermelho - Mestrado promoção da Saúde

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
MARINGÁ - CESUMAR



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** CURSO DE CAPACITAÇÃO DO PSICOLOGO ACERCA DAS DISFUNÇÕES SEXUAIS FEMININAS

**Pesquisador:** Eliany Regina Mariussi

**Área Temática:** Área 2. Reprodução Humana.

(Trata-se de pesquisa envolvendo reprodução humana não contemplada acima.);

**Versão:** 5

**CAAE:** 07346212.4.0000.5539

**Instituição Proponente:** Centro Universitário de Maringá - CESUMAR

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 149.389

**Data da Relatoria:** 23/11/2012

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de uma pesquisa de Pós-Graduação. O protocolo de pesquisa apresenta nome e informações de contato do pesquisador responsável. Contém a Folha de Rosto (FR), Cronograma de Atividades, instrumentos de coleta dos dados, e o TCLE. Além disso, as informações pertinentes à compreensão do projeto estão contidas.

**Objetivo da Pesquisa:**

Elaborar uma proposta de formação continuada para o psicólogo trabalhar com as queixas de disfunções sexuais femininas dentro do consultório.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Em relação aos riscos, os pesquisadores colocam que a pesquisa pode evocar emoções adversas, como por exemplo, o sujeito se sentir envergonhado, constrangir-se, e querer desistir do processo a que está se submetendo.

Já os benefícios apontados, coloca-se que a pesquisa pode trazer uma condição melhor ao sujeito para lidar com as situações profissionais, como também para si mesmo, que lhe traga um melhor entendimento, compreensão e aceitação da própria sexualidade possibilitando-o para lidar melhor com sua condição de profissional da psicologia.

Endereço: Avenida Guerber, 1610 - Bloco 07 - Térreo

Bairro: Jardim Aclimação Cep: 71.000-000

Uf: PR Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3221-8380

E-mail: cep@cesumar.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
MARINGÁ - CESUMAR



**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Em termos metodológicos o projeto propõe a realização de uma pesquisa qualitativa com caráter discursivo. Pretende-se realizar a pesquisa nas seguintes etapas:

- 1 - Propor a Secretária da Saúde de Maringá, abrir espaço para trabalhar com os psicólogos da unidade básica de saúde, trabalhando com um projeto curso de capacitação do psicólogo acerca das disfunções sexuais femininas. O contato com os psicólogos será realizado por e-mail que conterá todas as informações acerca do curso.
- 2 - Após o curso a pesquisadora ficará a disposição dos participantes durante 2 meses para supervisões, para prestar esclarecimentos, auditar e tirar dúvidas no que o sujeito possa vir apresentar dificuldades. Farão parte do curso 20 psicólogas.
- 3 - Serão escolhidas 10 psicólogas para serem entrevistadas antes do curso. Após o curso apenas 5 serão analisadas e entrevistadas novamente.

A pesquisadora informou que a entrevista é necessária para identificar os fatores de exclusão da amostra.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O protocolo de pesquisa apresenta os elementos obrigatórios para a apreciação do CEP, tais como: Cronograma, Folha de Rosto, orçamento, TCLE e o Instrumento de Coleta dos dados.

Nesta nova apresentação, foi juntado a Declaração do Local onde a pesquisa será realizada.

**Recomendações:**

Os pesquisadores apresentaram o documento faltante, bem como, explicaram as necessidades da aplicação dos instrumentos de coleta dos dados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não havendo mais pendências, o projeto deverá ser considerado aprovado.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Não havendo mais pendências, o projeto deverá ser considerado aprovado.

Endereço: Avenida Guedner, 1810 - Bloco 07 - Tênis

Bairro: Jardim Aclimação CEP: 71.000-000

UF: PR Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3021-8280

E-mail: cep@cesumar.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
MARINGÁ - CESUMAR



MARINGÁ, 20 de Novembro de 2012

---

**Assinado por:** Joaquim  
Martins Junior  
(Coordenador)

Endereço: Avenida Guehen, 1810 - Bloco 07 - Série A

Bairro: Jardim Aclimação CEP: 71.000-000

UF: PR Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3027-0100

E-mail: [cep@cesumar.br](mailto:cep@cesumar.br)

## **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PROMOÇÃO DA SAÚDE,  
MESTRADO**

*Curso recomendado pela Capes, reconhecido pela Portaria MEC nº 978, de 26/07/2012,  
Parecer CES/CNE nº 244/2011 – D.O.U. de 29/08/2011.*

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Aos vinte e oito dias do mês de outubro do ano de 2013, às dez horas no (a) UNICESUMAR realizou-se a prova de Defesa de Dissertação, intitulada *Sexualidade adulta: um estudo sobre a atuação do(a) Psicólogo(a): Desafios e contradições*, de autoria do(a) Candidato(a) ELIANY REGINA MARIUSSI, aluno(a) do Programa/Curso de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, em nível de Mestrado. A Comissão Examinadora esteve constituída pelos professores: SONIA CRISTINA SOARES DIAS VERMELHO - PROFESSORA ORIENTADORA, Presidente, ANDREA GRANO MARQUES - PRIMEIRO MEMBRO DA BANCA e MARIA DE LOURDES MAZZA DE FARIAS - SEGUNDO MEMBRO DA BANCA. Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, o(a) candidato(a) foi \_\_\_\_\_ pela Comissão Examinadora.

( ) Aprovado(a) sem alterações       Aprovado(a) com alterações      ( ) Reprovado(a)

E, para constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão.

Orientador-Presidente:

  
Profª. Drª. Sonia Cristina Soares Dias Vermelho

1º Examinador:

  
Profª. Drª. Andrea Grano Marques

2º Examinador:

  
Profª. Drª. Maria de Lourdes Mazza de Farias

Vide verso: Em caso de alterações solicitadas pela Comissão Examinadora



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PROMOÇÃO DA SAÚDE,  
MESTRADO

Curso recomendado pela Capes, reconhecido pela Portaria MEC nº 978, de 26/07/2012,  
Parecer CES/CNE nº 244/2011 – D.O.U. de 29/08/2011.

RELATÓRIO DA COMISSÃO EXAMINADORA DE DISSERTAÇÃO  
DE MESTRADO

Foi concedido prazo de (60) dias, para o(a) candidato(a) efetuar as correções sugeridas pela Comissão Examinadora e apresentar o trabalho em sua redação definitiva, sob pena de não expedição do Diploma. As modificações exigidas na dissertação de Mestrado do(a) candidato(a) foram as seguintes:

- 1) Preparar um capítulo teórico sobre sexualidade e aprofundamento teórico.
- 2) Apresentar e discutir os dados das etapas I e II mais elaborado e discutido
- 3) Organizar na forma de artigo a discussão dos dados da história de vida, dialogando com os autores utilizados no capítulo da sexualidade.
- 4) Retirar a discussão sobre a escola bôtica.

Presidente da banca: Justino Vermelho

Candidato(a): Elisang

Atesto que as alterações exigidas (X) foram / ( ) não foram cumpridas.

Maringá, 28 de dezembro de 2013

Orientador(a): Justino Vermelho

Colegiado do Programa de Mestrado em  
Promoção da Saúde  
ATA HOMOLOGADA EM REUNIÃO

Nº 02 DATA: 31/03/14

Justino Vermelho  
Prof. Dr.ª. Sonia Cristina Soares Dias Vermelho